

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

CICERO MENEZES DA SILVA

**DOS SANTOS, O MOTOBOY:
UM PROSCRITO NA CIDADE IMPOSSÍVEL**

**Salvador
2023**

CICERO MENEZES DA SILVA

**DOS SANTOS, O MOTOBOY:
UM PROSCRITO NA CIDADE IMPOSSÍVEL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita

Coorientador: Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond

Salvador
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

S586

Silva, Cicero Menezes da.

Dos Santos, o motoboy [manuscrito] : um proscrito na cidade impossível / Cicero Menezes da Silva. – Salvador, 2023.

156 p.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Tese – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. 2023.

Orientador: Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita.

1. Sociologia urbana. 2. Motoboys. 3. Urbanismo. 4. Niilismo.

I. Magnavita, Pasqualino Romano. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. IV. Título.

CDU: 316.334.56

Responsável técnico: Jeã Carlo Madureira – CRB/5-1531



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPG-AU)**

ATA Nº 1

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 10/03/2023 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. 1, área de concentração Urbanismo, do(a) candidato(a) CICERO MENEZES DA SILVA, de matrícula 217123512, intitulada Dos Santos, o motoboy: um proscrito na cidade impossível. Às 09:00 do citado dia, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. JUNIA CAMBRAIA MORTIMER, Profª. Dra. ARIADNE MORAES SILVA, Prof. Dr. BRENO LUIZ THADEU DA SILVA, Prof. Dr. WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND e Prof. Dr. JOSÉ CARLOS FÉLIX. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora APROVADO COM DISTINÇÃO trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dr. BRENO LUIZ THADEU DA SILVA, IFMG
Examinador Externo à Instituição
(Participação banca remota)

Dr. WASHINGTON LUIS LIMA DRUMMOND, UNEB
Examinador Externo à Instituição

Dr. JOSÉ CARLOS FÉLIX, UNEB
Examinador Externo à Instituição

Dra. ARIADNE MORAES SILVA, UFBA
Examinadora Externa ao Programa

Dra. JUNIA CAMBRAIA MORTIMER, UFBA
Examinadora Interna
(Participação banca remota)



Universidade Federal da Bahia

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPG-AU)**

Pasqualino Romano Magnavita
PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA, UFBA

Presidente

Cicero Menezes da Silva
CICERO MENEZES DA SILVA

Doutorando(a)

Agradecimentos

Agradeço

à Pasqualino Magnavita, meu orientador, antes de tudo, pelo zelo, pela generosidade, pela sagacidade teórica, também pela vitalidade irradiante de seu pensamento;

à Washington Drummond, meu coorientador, pelo acompanhamento muitas vezes peripatético e pelo ímpeto de complexificação;

à Junia Mortimer, à Ariadne Moraes e à José Carlos Félix, pelas generosas interlocuções e pelas contribuições inestimáveis;

à Breno Silva, pela solidariedade entre as dobras do pensamento tanto quanto pela conversa infinita;

à Eloisa Marçola e à Flavio Marzadro, pela amizade e pelo intercâmbio de ideias;

à Paola Berenstein, bem como ao Laboratório Urbano/PPG-AU/UFBA e também ao Pós-Teoria/Pós-Crítica/UNEB, lugares do acolhimento pra quem deseja pensar;

à minha irmã Rejane, pelo apoio incondicional;

à Samilla, pelas maravilhas nos meandros da companhia amorosa;

ao CNPq, pela bolsa que possibilitou minha dedicação a esta tese.

SILVA, Cicero Menezes da. Dos Santos, o motoboy: um proscrito na cidade impossível. 2023. Orientador: Pasqualino Romano Magnavita. 156f. il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

Resumo

Esta tese aborda a proscricção dos motoboys ao longo da cidade dromológica, o quão a dromologia lhes é tanto um imperativo hipotético quanto – já em termos antikantianos – um imperativo categórico. Ou seja, o quão o primado da velocidade e suas implicações sociais os constrange ao tempo mesmo no qual os exponencializa a uma propensão quase que inata. Para tanto, parte-se da situação urbana de um motoboy em particular (Dos Santos), lançando mão da noção de “mônada”; pois assim tão logo poder-se-ia dizer que a cidade de cada um está imbricada na cidade de todos, sendo que, diametralmente, na cidade de todos a cidade de cada um está também imbricada. A ideia é então, para além de abordar os motoboys enquanto os proscritos contemporâneos ao longo de uma tal cidade monádica – afinal de contas, uma cidade impossível –, ainda evidenciar as potencialidades disruptivas desta imbricação urbana não apenas ante o urbanismo, mas também ante o estado de coisas por meio do qual o urbanismo consolidou a sua episteme.

Palavras-chave: Urbanismo. Proscricção urbana. Motoboys. Dromologia. Antiniilismo.

SILVA, Cicero Menezes da. Dos Santos, the pizza guy: an proscribed in the impossible city. 2023. Thesis advisor: Pasqualino Romano Magnavita. 156s. ill. Thesis (Doctorate in Architectura and Urbanism) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

Abstract

This thesis approaches the proscription of pizza guys throughout the dromological city, how dromology is for them, both a hypothetical imperative and – already in anti-Kantian terms – a categorical imperative. That is, how the primacy of speed and its social implications constrain them at the same time that it exponentializes them to an almost innate propensity. To do so, it starts with the urban situation of a particular pizza guy (Dos Santos), making use of the notion of “monad”; so soon it could be said that the city of each one is imbricated in the city of all, being that, diametrically, in the city of all the city of each one is also imbricated. The idea is then, more than addressing pizza guys as contemporary proscribed throughout such a monadic city – after all, an impossible city –, to also highlight the disruptive potentialities of this urban imbrication not only in the face of urbanism, but also in the face of the state of affairs through which urbanism consolidates its episteme.

Keywords: City Planning. Urban proscription. Pizza guys. Dromology. Anti-nihilism.

SILVA, Cicero Menezes da. Dos Santos, le livreur de moto : un proscrit dans la ville impossible. 2023. Directeur de thèse : Pasqualino Romano Magnavita. 156f. ill. Thèse (Doctorat en Architecture et Urbanisme) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

Résumé

Cette thèse aborde la proscription des livreurs de moto dans toute la ville dromologique, combien la dromologie est pour eux à la fois un hypothétique impératif et – déjà en termes antikantiens – un impératif catégorique. C'est-à-dire combien le primat de la vitesse et ses implications sociales les contraignent en même temps qu'il les exponentialise à une propension presque innée. Pour ce faire, il part de la situation urbaine d'un certain livreur de moto (Dos Santos), faisant appel à la notion de « monade » ; si tôt on pourrait dire que la ville de chacun s'imbrique dans la ville de tous, étant que, diamétralement, dans la ville de tous la ville de chacun est aussi s'imbriquée. L'idée est donc, plus que d'aborder les livreurs de moto comme des proscrits contemporains à travers une telle ville monadique – après tout, une ville impossible –, de mettre encore en évidence les potentialités perturbatrices de cette imbrication urbaine non seulement avant l'urbanisme, mais aussi avant l'état des choses à travers lequel l'urbanisme a consolidé son épistémè.

Mots-clés : Urbanisme. Proscription urbaine. Livreurs de moto. Dromologie. Antiniilisme.

Sumário

15	Teratologia (a condenação ordinária)
29	Êxtase, suplício e sociedade
43	Ante os tentáculos do “novo monstro”
59	Do infernal ao demônico
77	Comunidade ou antiniilismo
93	O submundo transsubstanciado
109	Ateleologia (a falência do messias)
123	Epílogo ultraepistêmico ou prólogo atrofiado
147	Referências

Teratologia (a condenação ordinária)

Cinco, seis, sete..., talvez até oito facadas. Uma ao lado, outra acima do peito..., ao menos três nas costas. Os golpes foram todos muito rápidos, inesperados, a olho nu ou a uma certa distância, praticamente imperceptíveis. Decerto é que foram premeditados, embora não exatamente sob as circunstâncias que se desencadearam. Tudo havia começado com um gesto afrontoso, de chofre correspondido. Aparentemente como naquelas célebres encaradas que precedem as lutas de artes marciais, os envolvidos chegaram a encostar as testas, sucedendo-se a ofensas mútuas. A partir desse encaramento entre eles é que uma breve luta corporal se deflagrou, embora quase terminando sem danos maiores, inicialmente com clara desvantagem para o vindouro suplicante semi-imobilizado, já no chão, com o pescoço já sob um dos joelhos do vindouro supliciado. Assim mesmo, no entanto, é que ocorreu a surpreendente inversão. Ou seja, quase já vencido é que o algoz principiara a sucessão das punhaladas. Desvencilhando-se da situação que lhe era demasiadamente adversa, numa reviravolta aparentemente inconcebível, ele conseguiu olear com o sangue da vítima a lâmina recém-desembainhada que até então encobria entre suas roupas. O supliciado, entretanto, mesmo tantas vezes pungido, acabou conseguindo esgueirar-se do ataque sorrateiro, por sorte, justo nas circunstâncias em que o próprio pai do suplicante chegava

pra quem sabe impossibilitar qualquer chance de sobrevivência alheia. O ente hostil e seu comparsa consanguíneo até ensaiaram uma perseguição, mas após dois ou três passos, já desencorajando-se, num rompante de sensatez, abortaram, retornaram ao interior do edifício, recolhendo-se ao cálido lar. Já combalido ao voltar-se de soslaio pra trás enquanto se esgueirava daquele princípio persecutório, depois de apenas alguns passos constatando esse aborto, o seviciado repentinamente parou. Curvando-se tenuamente, posou as mãos sobre os joelhos quando já começava a faltar-lhe o ar. “Ferido e sentindo o sangue correr, [...] desesperadamente buscou socorro tentando fazer com que algum veículo que trafegava pela Rodovia do Sol parasse [...] para ajudá-lo. Mas todo esse esforço foi em vão, eis que ninguém parou”.¹ Além de atacado pelas dores insidiosas das chagas, se quisesse sobreviver, era-lhe necessário inicialmente retroceder alguns passos. Não lhe era permitido ali resignar. A alternativa mais viável era mesmo refazer aquela distância de aproximadamente uma testada edificada, percorrida durante o breve início de sua evasão; era mesmo voltar ao local exato sobre o qual o seu sangue começara a ser derramado. Já diante do austero portão de vidro fumê onde há pouco havia sido encarado e injuriado, por isso mesmo tendo logo correspondido à altura, restando ali no entanto por ora gravemente ferido, tão logo calçou os chinelos, pôs o capacete, encaixou também a mochila térmica de entregas nos ombros, tudo até então momentaneamente abandonado sobre a calçada, e partiu pela contramão em sua Honda CG 125.

Em disparada naquela direção contrária, podemos facilmente vislumbrá-lo em fuga, perambulando entre o meio fio e a pista, esquivando-se dos veículos..., o próprio sangue dimanando, percorrendo a sua escura epiderme, umedecendo e tingindo as roupas sob a capa de chuva antes hermética, respingando laconicamente contra o vento, deixando minúsculos pontos rúbios pelo asfalto. A experiência da morte decerto o percorrera por dentro, engastara a sua vacuidade ontológica enquanto o seu corpo seviciado ainda o sustentava sobre as duas rodas, num ziguezaguear atravancado, titubeante, na iminência da queda. Difícil em tais condições escapar ao vislumbre de si mesmo fenecendo. “Será?...”, teria ele iniciado uma conjectura à beira da morte, indagando em silêncio, como qualquer outro seviciado aliás em tais condições decerto também indagaria. “Será mesmo que acabarei

¹ DOS SANTOS, Wesley apud ESPÍRITO SANTO. Tribunal de Justiça. Procedimento Comum Cível n. 5002286-87.2022.8.08.0035. Apelante: Wesley Mendes dos Santos. Apelado: Rhuan Carlos Schmid. Vila Velha, 17 de mai. de 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/processos/517290531/processo-n-500XXXX-8720228080035-do-tjes?query_id=b2aeefd3-613b-4a60-a33a-600d92fcfb86>. Acesso em: 09 de jun. de 2022.

assim, numa sarjeta, espatifado entre o meio fio e a pista, nalguma destas paragens banhado em meu sangue?” Tendo no fim das contas e apesar de tudo escapado de sua própria elucubração mortuária, obviamente tão logo do próprio óbito, era ainda inconcebível até mesmo para si ainda estar vivo.

— Eu fui ficando sem respirar e eu tentava parar os carros, mas não vinha viatura e nem nada – relatou ele a um jornalista, transcorridas já duas semanas do acontecido, imediatamente após prestar depoimento aos investigadores incumbidos do caso. — Só Deus que me deu força. Eu achei que não fosse aguentar não.²

Nesta precisa fração de tempo ao qual faz alusão, ele, Wesley Mendes dos Santos, o motoboy esfaqueado, já não era exatamente mais um homem. Tratava-se de um esguio vivente com carnes e vísceras perfuradas; um corpo chagado já esqualido, efêmero, dolorido, a um só tempo decerto que agoniado e extasiado ou numa agitação convulsiva e *fora de si*, absorto num percurso demente. Escapar o infeliz até escapara do desenlace funesto, todavia, de todo não incólume. Protuberavam-se nele as sevícias deixadas pelos inúmeros golpes pungentes. Ironia do destino: tais fístulas nele não abrolharam por alguma imprudência ao longo do percurso, ele não estava em alta velocidade ganhando as ruas quando o malogro enfim o embocara. O seu infortúnio era, sim, oriundo do que já lhe era iminente, a beligerância, a hostilidade, ainda que todavia sempre inesperada. Já se passava das onze horas da noite quando forçosamente é que então acabara a jornada de trabalho desse jovem motoboy de vinte e oito anos recepcionado pelo destinatário hostil. Este, por sua vez, um comerciante, ainda mais jovem, de apenas vinte e três anos, o qual, depois de cerca de uma hora e meia de espera, munido com o gume oculto, descera nove dos quinze andares do Itaparica Exclusive, não apenas para pegar a pizza encomendada.

— Ele desceu com a faca na cintura e eu não tinha visto – ainda relatou Dos Santos ao mesmo jornalista. — Ele começou a se alterar e eu perguntei por que é que ele estava falando daquele jeito comigo. Ele me deu uma porrada na boca, a gente entrou em luta corporal e ele começou a me esfaquear.³

Bem assim, sobre a calçada, bem próximo ao meio fio de frente para o hall predial vigiado, onde apenas mais uma ordinária entrega estava prestes a ser finalizada, é que foi

² Idem apud CARLA, Daniela. Motoboy esfaqueado após demora em entrega de pizza recebe alta e depõe em delegacia, no ES. *GI*, 31 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/03/31/motoboy-esfaqueado-apos-demora-em-entrega-de-pizza-recebe-alta-e-depoe-em-delegacia-no-es.ghtml>>. Acesso em: 03 de abr. de 2020.

³ Ibidem.

repentinamente alvejado. Tudo isso aconteceu na mediatriz da Rodovia do Sol, logradouro perpendicular à orla marítima e que, há cerca de cem metros adentro, atravessa toda a Praia de Itaparica, um abastado bairro costeiro de Vila Velha, Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Transcorria-se mais um cair de noite do ano de 2020, num período em que as medidas de quarentena já se iniciavam com o desígnio de mitigar o torrencial avanço pandêmico, já vaticinado, do novo coronavírus. A demanda dos serviços de entrega inclusive já começava a se intensificar exponencialmente. Além do mais, as punhaladas sofridas teriam se efetivado momentos após uma intensa pancada de chuva com fortes trovoadas. Os fins de março, a propósito, àquela altura já se aproximavam. Justamente o mal tempo pode muito bem ter sido o que colaborou para o incomum atraso da pizza encomendada, visto que, para todos efeitos, em condições meteorológicas habituais, a entrega não ultrapassaria os quinze minutos. Naquele dia, após a estiagem, não é difícil inferir que Dos Santos tivera que esperar por um bom tempo até que as águas se dissipassem o suficiente para percorrer as ruas, adentrando as mais diversas rotas de entregas, até enfim chegar ao seu destino malfadado. Quanto ao supliciante, Rhuan Carlos Schimid, já no dia seguinte, não se sabia mais qual era o seu paradeiro. Mesmo em face da absurdidade e sem justificativa plausível, os defensores legais do magarefe informal diariamente esforçavam-se não apenas por contornar, mas também por inverter a situação junto ao Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa. Vitimizavam-no; informavam a todos ali incumbidos do caso as mais “boas intenções” daquele que já era no mínimo uma das mais púberes projeções exasperadas do *homem de bem*. Quando foi encontrado e se o direito penal de fato pesará sobre ele, nada disso até então logrou os rumos de um desfecho suficientemente esclarecido. Talvez, ou, melhor dizendo, quase certo é que seu feito será mitigado, submergido numa amnésia social, ou então será tomado socialmente como calúnia, pois corrobora uma verossimilhança duvidosa, se não inverossímil. Pois não é raro, costuma até mesmo ser irrisório o desfecho de cada suplício quando em tais circunstâncias cometido, ou seja, por um algoz mais ou menos abastado, ainda mais contra uma tal vítima já proscrita, independentemente de ter-lhe infligido sevícias de tamanha gravidade. É assim mesmo, ao passo que a Lei não é aplicável a alguns, ou ao menos não o é isonomicamente, tantos outros abastados em um tal grau hostis, tal como aqueles não-abastados que no entanto compactuam com a mesma hostilidade insuspeita, mais e mais, tacitamente, vão sendo autorizados a cometer suplícios tão ou até mais terríficos.

Depois de ser várias vezes lacerado, e mais; de passar por uma grave provação no caminho, até chegar à Unidade de Pronto Atendimento da Glória, ainda no mesmo município do suplício, à quase cinco quilômetros do ocorrido; de ser logo em seguida transferido para além das fronteiras municipais, até o Hospital Estadual de Urgência e Emergência de Vitória; de lá ter passado por uma toracostomia e por uma frenorragia; de se descobrir já em seu leito com os pontos cirúrgicos ainda salientes na pele logo após o fechamento daquela incisão supraumbilical de quase trinta centímetros; passados enfim sete dias em estado grave, o incontornável apesar de tudo é que o pungido escapava das piores consequências provocadas por um par de mãos exasperadas. Um tal desenlace como o seu, como muito bem se pode convir, não chega a ser completamente infausto, embora lhe seja resolutamente trágico. A Dos Santos, sim, fora concedida a alta médica, mas sem vínculo empregatício e sem qualquer amparo previdenciário, por outro lado, não lhe seriam também concedidas as benesses da seguridade social. É por isso mesmo que nem tão cedo ele em princípio viria a ser o agente potencial de renda alguma, já que, conforme consta em seu Laudo Médico exarado em 30 de março de 2020, o dia mesmo de sua alta, as recomendações do Hospital Estadual de Urgência e Emergência de Vitória, *ipsis literis*, exigiam o “afastamento temporário de suas atividades profissionais por um período de 60 (sessenta) dias.”

— Eu gosto do meu trabalho. É uma coisa com a qual eu consigo sustentar as minhas filhas – asseverou ele novamente ao mesmo jornalista para em seguida concluir com os prolegômenos de uma lástima. — Agora vou ter que ficar sessenta dias sem trabalhar.⁴

Com efeito, entre o enorme contingente de trabalhadores que diariamente se lançam ao longo das ruas pra além dos limites admissíveis da vida, Dos Santos integra a categoria de serviços entre os mais indesejáveis, no limiar mais distante ou na profundidade mais remota da pirâmide estrutural das hierarquias sociais. Basta um acidente, nem sempre, embora frequentemente grave, apartando assim qualquer um de suas atividades por alguns dias, ou ainda, tal como ocorrido com ele, um suplício de gravidade exacerbada, para que então ocorra a excreção no mínimo temporária até mesmo para além do fundo piramidal. Quando não mortos, para além de um inconveniente passageiro, mesmo depois de fisicamente recuperados, muitas vezes acabam prostrados, desalentados, ora diante da escassez de outras oportunidades categoriais, ora diante de novas superexposições ao mesmo risco. Condenados a ficar economicamente inativos, na iminência da exclusão piramidal, são

⁴ *Ibidem*.

então ainda mais estigmatizados, taxados previamente como improdutivos, como inúteis ou mesmo como inábeis para o trabalho, já que impossibilitados de fazer até mesmo as entregas mais ordinárias.

Pois se desde logo admitirmos que o primado humano é a utilidade, ou, a exemplo de Bataille,⁵ que a humanidade então tenha escapado da animalidade trabalhando, pode-se facilmente identificar numa tal estigmatização sumária, algo que, se não efetivamente animaliza, no mínimo sub-humaniza, em todo caso, algo que proscreeve. Estar desempregado é admitir que a regra é estar empregado e que, portanto, como diz Bauman, “estar desempregado é um incidente, uma coisa bizarra, anômala, que é preciso enfrentar. Mas agora, cada vez com maior frequência, podemos ouvir algumas pessoas dizerem que outras são supérfluas – não desempregadas, mas supérfluas”,⁶ isto é, o equivalente ao desalento, mas que, não raro, inclui facilmente até mesmo a precarização. Bauman, ao caracterizar criticamente tal adversidade contemporânea, a superfluidade, reportando-se com isso às mais diversas legiões ascendentes de proscritos, ainda assim infelizmente não foi muito além do senso comum. Motivado pelo claro juízo de uma humanidade hiperbólica, o que ele tacitamente propôs no corolário de seu postulado pode numa primeira impressão até lograr um aparente aspecto profícuo, mas, de fato, não passa de mais uma das postulações que dilatam o fundo piramidal sob a máscara da compaixão. Trata-se, ao cabo, de uma indulgência teórica, tal como o é a indulgência social, que inclui excluindo, ou seja, a “inclusão social”. É justamente num tal íterim que desponta o seu clamor em prol da sobrevivência alheia, em prol de uma subvida um tanto menos indigna, mas ainda uma subvida. Ora, em seu horizonte demasiado humano, o subemprego ou a precarização do trabalho não deveria ser lá assim uma solução anódina tão ruim, ou quiçá até mesmo prolongada, frente à gélida realidade dos desalentados. Em todo caso distanciando-se da convivência, é ainda justamente sob esse mesmo prisma um tanto afeito à prostração que ele engendra a sua crítica, pois como ainda afirmou, “a sociedade humana é diferente do bando de animais. Nela, alguém poderia ajudar um inválido a sobreviver. Ela é diversa porque tem condições de conviver com inválidos”.⁷ Privados de utilidade formal, estes, os inválidos, os supérfluos, eles não chegam de fato a ocupar uma posição de classe legítima; e até mesmo

⁵ Ver BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 [1957].

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009 [2005], p. 82-83.

⁷ *Ibidem*, p. 90.

como os alguns desempregados, no fim das contas, não passam, quando muito, de semi-incluídos. Apartados apenas por uma linha tênue daqueles já sentenciados à prisão, todos eles, os supérfluos, os proscritos, afinal, mesmo além das grades, através das ruas, são por vezes também identificados como excluídos terminais, expelidos até mesmo do fundo piramidal quer seja ou não dilatado. Ora, ainda que sem cometer qualquer delito, acabam portanto frequentemente criminalizados.

A superfluidade, sob essa asserção contemporânea, obviamente não poderia mais ser mais atribuída àquela mesma qualidade existencial imputada aos jovens setentrionais de origem nobre, imbuídos dos novos valores ocidentais, mas cerceados pelo recrudescimento do regime de Nicolau I, o temerário Imperador da Rússia e Grão-Duque da Finlândia. Ora, vendo-se sem meios de transpor as suas potenciais intenções revolucionárias a um mundo aferrado pelo arcaísmo de uma estrutura feudal perpetuada, esses jovens encarnavam as frustrações características de uma época e de um povo. A ausência de ação pela qual foram tragados se fazia, de fato, altamente compreensível, tamanhos eram os rigores a que estiveram submetidos. Justamente nesse contexto, o mesmo tipo humano impelido a nada mais que à sua potência, foi duplicado, foi tomado como o mais proeminente personagem da literatura russa de então; um herói que, diferentemente dos clássicos, trazia consigo o elemento impeditivo da ação. Pois a situação que os cerceava, impelindo-os a não agir conforme os seus ideais mantivera-se tal por um longo período, ao menos até os ares se tornarem os menos recrudescedores, quando enfim Alexandre II subira ao trono. Também conhecido como o Libertador por ter promulgado a Emancipação dos Servos em 1861, em diversos segmentos ele ainda desempenharia reformas liberais através das quais renovaria de vez aquele estado de coisas anacrônico, há muito cristalizado, abrindo-lhe e vertendo-lhe ao Ocidente. Um pouco antes de tudo isso tornar-se realidade, ainda no decurso de 1850, Turguêniev já havia nos legado um impressionante personagem, o protagonista de *Diário de um homem supérfluo*,⁸ um dos mais impressionantes entre os seus congêneres já prestes ao desaparecimento. Eis que vinha à tona Tchulkatúrín, um dos últimos expoentes literários de uma geração sem realizações positivas. Esse personagem quase ulterior a quem Turguêniev qualificou como supérfluo, sob a mesma qualificação, de chofre foi também acolhido pela crítica, terminando por assim designar tantos outros supérfluos; culminou numa espécie de protótipo social, já que sob a mesma designação é que também ficaram conhecidos os

⁸ Ver TURGUÊNIEV, Ivan. *Diário de um homem supérfluo*. Tradução de Samuel Junqueira. São Paulo: Editora 34, 2019 [1850].

próprios jovens em carne e osso que lhes foram coetâneos. É que esse mesmo tipo humano, a saber, ele já vinha sendo abordado por tantos outros escritores russos, sobretudo por aqueles pertencentes às gerações que precederam Turguêniev: de Griboiédov, Púchkin, Liérmontov, Herzen, até Gontcharóv, por exemplo. *Oblómov*, de Gontcharóv,⁹ personagem-título do romance publicado em 1859, a propósito, foi o último e talvez aquele que até então mais bem assumira aquela condição de supérfluo, protagonizou o verdadeiro *grand finale* de um tipo humano que influenciou praticamente todos os grandes escritores setentrionais durante algo em torno de quatro décadas. Justamente nesse ínterim é que emergiram os jovens conhecidos como niilistas, ou seja, aqueles jovens transgressores de outrora, motivados por um ponto de vista proveniente do latim *nihil, nada*, guarnecendo com isso os caracteres daquele novo tipo humano que quase de imediato passaria então a ser valorado com proeminência. Encontrando diversos duplos literários, a começar por Bazárov, o protagonista de *Pais e filhos*,¹⁰ de 1862, também de Turguêniev, os niilistas coadunaram cada vez mais o imaginário do período, engajando-se nas ações as mais radicais, solapando o poder do Estado, da religião, das instituições sociais, dos alicerces morais..., enfim, de todos os grandes valores até então consolidados na cultura russa. Ao contrário daqueles que haviam se firmado como arquétipos para Tchulkatúrin ou até mesmo para Oblómov, os niilistas sem hesitar partiram para as ações, as mais extremas a que se poderia chegar por meio da radicalização política. É tal, sobretudo, a conjuntura na qual emergiu Kirílov, um personagem secundário, se não até mesmo terciário entre os tantos anarquistas delineados com notas de realismo por Dostoiévski, em *Os demônios*.¹¹ Nesse primoroso romance, ainda que panfletário ou antianárquico, motivado desde o início por um episódio verídico, a mesma qualificação pela primeira vez um pouco antes já autodeclarada por Bazárov, niilista, talvez tenha encontrado a sua máxima expressão literária, ostentando uma explanação filosófica

⁹ Ver GONTCHARÓV, Ivan. *Oblómov*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019 [1859].

¹⁰ Ver TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019 [1862].

¹¹ Ver DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018 [1872]. Esse romance foi inspirado no assassinato de um estudante, I. I. Ivanov, ex-membro de uma organização política clandestina, a Justiça Sumária do Povo. Nomeada assim por seu líder, S. G. Nietcháiev, ele a dirige de modo rigoroso e inflexível, usando e abusando do mandato a ele conferido pelo próprio Mikhail Bakúnin, de organizar na Rússia uma sociedade revolucionária segundo o programa anarquista da Irmandade Internacional. Justamente ao se afastar da entidade ante a escalada de intransigência e de intolerância, I. I. Ivanov foi executado numa emboscada arquitetada pelo próprio S. G. Nietcháiev, com a ajuda de outros quatro membros, a saber, P. G. Uspienski, A. D. Kuznietzóv, I. G. Prijovi e N. N. Nikoláiev. Logo depois do atentado os comparsas do líder sanguíário foram presos, a organização foi dissolvida à força, mas diferentemente dos demais, ele conseguiu fugir para o exterior, de onde, até o fim, acompanharia o julgamento dos detidos.

que não apenas abriria as portas, mas ainda serviria de solo fértil para a densidade que Nietzsche¹² lhe implicaria logo em seguida, mediante o seu Zaratustra. Por maior que fosse a dissonância entre Dostoiévski e Nietzsche, precisamente no que concerne às suas concepções em matéria de religião ou até mesmo de moral, o “novo homem” de Kirillov em todo caso foi o vórtex que os atraiu em uníssono; uma década antes, semeava já os frutos colhidos pelo “super-homem” de Zaratustra, não obstante, os mesmo frutos colhidos pelo próprio Zaratustra, este que foi o arquétipo do “super-homem” de Nietzsche.

O que por outro lado hoje se testemunha, e não apenas na Europa setentrional, é justo o contrário. Trata-se de uma dupla inversão: o supérfluo, de uma figura humana antes heroica, passa agora a uma figura amaldiçoada, estigmatizada; e, de modo análogo, o niilista, de uma figura humana outrora contestadora, passa nos dias atuais a uma figura hipersistêmica. É que o niilismo do tempo presente se encontra à enésimas verbas, a uma distância abismal daquela mesma tendência de desenraizamento rumo à anarquia, esse “grande valor” à época emergente e para o qual os jovens russos antes empenharam-se sem hesitar, convalidando suas ações em nome dos novos fundamentos: a revolução, o humanismo, o progresso etc. Empenhos tais, antípodas, porém, em todo caso, não menos teleológicos do que aqueles que antes orientaram tantos e tantos outros às suas ações em nome dos fundamentos há muito consolidados: a moralidade do costume, Deus, o Estado etc. Afinal, o niilismo tornou-se socialmente metastático e, em sua metástase, já desanarquizado, passou a interditar a vida como jamais testemunhado, a ponto de aniquilar todos esses tradicionais avatares do *nada*, ainda que em nome do mesmo *nada*, diametralmente em direção ao absoluto *nada*. E no que concerne à superfluidade dos dias atuais, ora, ela já não é mais, em hipótese alguma, considerada uma virtude, tampouco heroísmo. Os supérfluos de hoje não são mais os predecessores. Eles são as vítimas dos niilistas hodiernos, os amaldiçoados do tempo presente, aqueles relegados, quando muito, ao emprego precarizado. Trata-se, a bem da verdade, de um estigma social, já convertido, ele mesmo, no próprio elemento impeditivo da ação; uma consequência gestada pelo niilismo desta sociedade, por este niilismo de nosso tempo, já consignado ao “absoluto *nada* como valor absoluto”. Com efeito, na absoluta devoção ao *nada*, sem mais nenhum grande avatar de aspecto imperecível ao qual se curvar resolutamente, os *homens de bem* exasperados, esses novos niilistas, eles deságuam na autorrepressão, numa vida

¹² Ver NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011 [1883].

autointerditada, numa *vida sem vida*, numa *vida cadavérica*, numa vida deprimida. Pois a depressão é uma enfermidade narcísica, salientou Han. Não é então por mero acaso que cada niilista agora se volta tanto mais para si, e com mais veemência, quanto mais ele se volta contra o outro. “Ele só encontra significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo. Vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo.”¹³ Narcísico por excelência, insufla a sua humanidade já demasiado humana, ressentido-se ante a todos, até mesmo ante a si, converte-se simultaneamente num falso juiz bem como em um falsa vítima e em um falso algoz de si mesmo. Trata-se de uma figura falaciosa. Aquele, porém, cujo ressentimento o afunda, mais e mais, excessivamente em si mesmo, conduzindo-o assim até o limite mais profundo do ego, embrenhando-o em sua humanidade já demasiado humana até enfim culminar na sua mais atroz desumanidade, aí se exaspera: torna-se antes o juiz e o algoz do supérfluo, o juiz e o algoz de seu antípoda, daquele que se torna tão somente a vítima. E isso, por sua vez, tanto mais quanto ela se lhe manifestar diferente, radicalmente dessemelhante, tal como se lhe afigura o proscrito. Pois uma vez hiperressentido, até mesmo com as próprias mãos, por vezes busca replicar sua sina, vai antes facilmente da autocoerção à coerção alheia, à repressão de seu antípoda, à tentativa de infligir uma *vida mais cadavérica* que a sua, não raro culminando na expurgação daquele a quem subjuga, daquele que a seus olhos deve ser relegado no máximo a uma vida indigna.

É assim que os *homens de bem* exasperados de súbito constituem os proscritos, chancelando ao mesmo tempo as atrocidades ansiadas contra os mesmos. É assim que esta sociedade constitui os seus bodes expiatórios, os inimigos sobre os quais pesam os malogros decorrentes da exasperação em nome do *nada*. Ora, se o *homem de bem* é aquele que no esforço laborioso de conservação da própria vida, verte-se com densidade para si mesmo; se é ele aquele que cultiva com máximo entusiasmo o desempenho, a vida utilitária, voltando-se assim por conseguinte *contra a morte*, ou melhor, *contra a própria morte*, então, ao exasperar-se, ele inverte completamente a investida, torna-se efetivamente um niilista, doravante atenta apenas *contra a vida*, mas não contra a sua, pois muito ao contrário, *contra a vida alheia*. Passa assim a verter-se, em última instância, à morte do outro, a começar pela morte do proscrito, a sua antítese cabal. Em sua busca sedenta pela imunização, mira primeiramente aquele que mais o ameaça, por isso mesmo restando em crise consigo mesmo. Não apenas a espoliação, bem como também a expurgação do outro, apesar de mais

¹³ HAN, Byung-Chul. *Agonia de Eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017 [2012], p. 10.

extremada, é por ele assim admitida enquanto a medida que se lhe afigura como a mais eficaz, se não até mesmo como um “mal menor” pra conservação de seu narcisismo; este imunitarismo doentio, ainda que demasiadamente almejado. Ao investir *contra a vida alheia*, admoestando-a para além da espoliação, isto é, até a terminante expurgação, portanto, é que os *homens de bem* não raro levam a atual tônica da acumulação ao cúmulo, à exasperação. Pois à medida mesma que os instrumentos imunitários são exasperados, àquela ordinária forma de gestão biopolítica já tão bem caracterizada por Foucault,¹⁴ soma-se uma forma mortuária de gestão milenar exaustivamente abordada por Agamben,¹⁵ a tanatopolítica, porém, mesmo em tempos constitucionais, em tempos de Estado de direito, instaurada por meio do exercício de uma conduta extrajurídica, teratológica. Trata-se, pois, de uma forma de gestão que Mbembe¹⁶ chamou de necropolítica. Eis que é assim que vem à tona o corolário da égide liberal, o neoliberalismo, uma égide difusa, alastrada até mesmo por entre as abrangências urbanas mais recônditas, ameaçando-as constantemente. As ruas tornam-se nesse ínterim o lugar por excelência do menosprezo generalizado pela vida, mas em especial pela vida do proscrito, daquele que o capitalismo em princípio suprime sobremaneira. Uma tal busca irrefreada pela acumulação, uma busca que ao menos em princípio os enreda exasperadamente *contra a própria morte*, com efeito, é já por si só um impropério, pois só poderia mesmo no mínimo desaguar nisto: no *afã de viver*, no *reles viver*, nesta condição servil, dissociada do *bem viver* ao qual até mesmo Aristóteles há muito exortara. “Donde alguns pensarem ser tal a função da administração da casa e”, ainda em suas palavras, “assim julgarem que esta acumulação é própria da tarefa da economia, acabando por concluir que é preciso manter e aumentar, ilimitadamente, a riqueza. A causa desta atitude é a preocupação com o *afã de viver*, mas não com o *bem viver*”.¹⁷ É uma vez assim, ao tomar uma tal atitude que o narcisista compulsório sucumbe de bom grado à depressão, restando apenas a um passo de exasperar-se. O *afã de viver* é o que o distancia de sua própria morte, mas à medida mesma que antes o distancia de sua própria vida, aproximando-o na verdade da implosão vital, da *vida sem vida*, de uma postergada *vida de*

¹⁴ Ver FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [2004].

¹⁵ Ver AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002 [1995].

¹⁶ Ver MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2003].

¹⁷ ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998, p. 83, destaque nosso.

cadáver, uma vida doentia. Ei-lo, o *morto-vivo* que ao se ressentir, exaspera-se, passa a fomentar os atentados *contra a vida alheia*.

O tiro, todavia, acaba meio que saindo pela culatra. Pois aquele sentenciado a pagar pelas consequências da *doença* da qual se esquivava incessantemente, aquele que é levado a viver uma vida arriscada, por sinal, é aquele que já vive uma *vida à altura da morte*. Condição tal que desde já pode muito bem ser postulada como antiniilismo, ou então, nas palavras de Bataille, como uma condição ao cabo erótica: é a “aprovação da vida até na morte”.¹⁸ Pois é esta justamente a máxima de Eros perante Tânatos, a máxima do mais antigo dos deuses e que há milênios afiança-nos a busca de uma continuidade vital para além da descontinuidade orgânica, para além do organicismo dos órgãos que mantêm cada um hermetizado em si mesmo. Eros é, antes de mais, soro inorgânico: a iminente ameaça a Narciso e, não menos, também a Édipo; uma iminente ameaça de destruição do indivíduo bem como da crisálida parental que o imuniza ou que ao menos inicia a imunização gregária, isto que, se não insistentemente combatido, esgarçado, elidido, tende aos atentados *contra a vida alheia*, contra toda e qualquer vida para além das redomas. Aquele, por outro lado, que é impelido à superfluidade, o supérfluo, o proscrito, não tanto por escolha quanto por condição existencial ante o estado de coisas, mesmo sem objurgar o empenho *contra a própria morte*, ao invés de restar inerte em si mesmo dentro da morte como um cadáver, caminha com Eros para fora, mesmo até a morte. É exatamente avocando esse influxo de risco iminente que o ser humano toca o trágico; um influxo, ou, talvez melhor, uma *afecção* erótica ao menos por instantes corroborada por Dos Santos tanto quanto por aqueles como ele, também através das ruas. As rotas de entrega que pervagam cotidianamente é precisamente o que abre o campo de batalha da precisa querela que travam contra os seus mais diversos algozes, contra estes que, se não como Schimid, isto é, se não os obsedam com as próprias mãos, ao menos fomentam a moléstia. Com efeito, ao longo de Vila Velha, ao longo da Região Metropolitana da Grande Vitória, ao longo de tantas e tantas cidades, de tantas e tantas metrópoles, de um modo ou de outro é que os niilistas assim os interpelam. Ora, mesmo pelas planícies desérticas das vias ao longo das quais Dos Santos não obstante termina por engrenar a maquinaria ancorada no célere fluxo das mercadorias, não raro ele se defronta com o absoluto *nada* de seus algozes. A espoliação e a consequente expurgação, ambas são as medidas molestadoras de uma lei que propriamente não é nem humana (*ius*

¹⁸ BATAILLE, Georges. Op. cit., p. 35.

humanum) nem divina (*ius divinum*), mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo, é ainda tanto um *ius humanum* quanto um *ius divinum*. Trata-se de um *ius abnormalis*, de uma lei anômala, de uma lei monstrual, de uma lei forjada no ressentimento hoje depressivo e cuja jurisprudência não encontra precedentes. Trata-se de uma “inconstitucionalidade legitimada”, de uma lei elusiva que só se efetiva mediante a *generalização contemporânea da monstruosidade congestiva*, de uma *anomalia hoje socialmente aquiescida*. Ou seja, trata-se de uma “força de lei sem lei” tão somente referendada pelo niilista, pelo *homem de bem* exasperado. Tal como legiões e legiões de tantos e tantos supérfluos, de tantos e tantos proscritos, tal como aqueles como ele, Dos Santos frui as ruas à mercê de uma tal “anomalia jurídica”, de uma tal “monstruosidade naturalizada”. O que assim recai sobre ele é então uma insígnia que o estigmatiza, que o impele a uma subvida análoga à das vítimas ainda hoje condenadas ou até mesmo outrora consagradas. Seja como for, uma insígnia, uma inscrição que, a despeito de condenações ou de consagrações, engendra-se numa abrangência entre o *ius humanum* e o *ius divinum*, convalidando tanto uma sentença quanto uma oferenda, ambas compondo uma elusão constrangedora a recair sobre os proscritos, sobre as potenciais vítimas de um suplício concernente a um rito anômalo, a um rito monstrual, a um rito elusivo. Suplício este o qual se lhe é imposto, retirando-lhe a dignidade. Um suplício teratológico, afinal, embora tão ou talvez até mais extático quanto vem a ser o suplício de uma vítima dignatária, ou seja, quer seja ela de fato sentenciada, quer seja ela de fato oferendada. Sim, seja como for, assim como vem a ser todo e qualquer suplício, trata-se daquela mesma “abertura se abrindo”, daquele verdadeiro abismo diante do qual uma vítima restará sempre com os olhos fincados na morte.

Êxtase, suplício e sociedade

Incisar, excisar, mutilar, pungir, cravejar, crucificar, decepar, carbonizar... “Desde sempre”, ou pelo menos desde o que se designa como pré-história a humanidade jamais deixou de lançar mão de tais técnicas de inscrição da dor. Como diria Nietzsche, *mnemotécnicas*. “‘Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória’ – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra.” E mais: “Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória [...] – tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica.”¹⁹ É inegável, ademais, que as *mnemotécnicas* ainda hoje concernam, abocanhem a cada um de nós, tolos que somos quando cremos que não, ou mesmo que gozamos dos mais plenos direitos e deveres de um Estado de direito. Mas em nenhum de nós, em ninguém elas incidem com o tamanho da crueldade “desde sempre” direcionada aos proscritos. Porque historicamente (e, caso se queira, também pré-historicamente) o proscrito, mesmo nos casos em que a sua proscricção

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009 [1887], p. 46.

não se efetivou mediante um crime, não importa qual, enfim, ele terminou sempre incriminado, designado sempre como um criminoso. É que o regime das proscricções até se altera no transcorrer das eras, inclusive as designações, as nomeações. O que por outro lado nunca se alterou foi o julgamento do maior de seus crimes: o “crime dos crimes”, por assim dizer, um crime que independe do cometimento. Pois é mesmo bem assim: o bárbaro, a mulher, o nômade, o homossexual, o herege, o selvagem, o indígena, o judeu, o negro, o imigrante, o supérfluo, o motoboy..., isto é, o matável, o sacro, o sem-paz, em suma, o proscrito, ele é aquele que em um determinado grão epocal, numa ou noutra cristalização histórica, não importa qual, enfim, estará sempre relegado ao “fora”, à exterioridade, haja ou não de fato um crime a ele imputável. Ele é aquele sobre o qual *a priori* se forja a insígnia da maldição. O seu maior crime é um crime não cometido, o “crime originário”, o “crime de existir como tal”, o crime mais passível ao suplício. E assim, mesmo assim, no terrífico estágio das amofinações *mnemotécnicas*, uma acuidade exuberante perseverará sempre, virá sempre à superfície, contrastará tanto com a dor como também com a sua inscrição, emergindo surpreendentemente com graça, transfigurando-lhe, tornando-lhe uma vítima soberana. Uma experiência que assim dilacerou Dos Santos antes dilacera a humanidade, ou ao menos a sua humanidade, dissipando-se nele, no entanto, ao passo mesmo no qual se busca apreendê-la ou formulá-la. Pois bem, uma experiência como tal, ninguém jamais a experimentou sem estupor. Bataille, a propósito, foi justamente um daqueles entusiastas que de tão obcecado pelas terminações da carne chegou ao ponto de dedicar-se a numa abordagem de suplícios tais, os quais se não de fato teratológicos, ao menos em amplitude, a exemplo do suplício de Dos Santos, vêm a nós também como setas rumando ao “fora”, rumo àquela abrangência que é exterior a todo e qualquer *ius*, seja ele histórico, seja ele a-histórico. Com efeito, entre os tantos exemplos sobre os quais ele se debruçou, dois dos mais inquietantes, e que por sua vez assim se ligam *intimamente* ao suplício de Dos Santos, sem dúvida foram, por um lado, o suplício de um condenado chinês sentenciado durante o Século da Humilhação, já por outro, o suplício de um prisioneiro de guerra qualquer anualmente eleito entre os astecas, nos tempos do México-Tenochtitlan. Portanto, antes de nos vertermos com maior densidade ao suplício teratológico concernente a Dos Santos, ou melhor, para que ele seja em seguida colocado resolutamente em causa, detenhamo-nos em algumas especificidades concernentes a ambos os suplícios entre aqueles mais esmerados por Bataille.

Em primeiro lugar, por um lado, ei-lo, o condenado chinês acusado do assassinato do príncipe Ao Han Ouan: Fou Tchou Li. Por suposta e relativa comiseração do imperador, ao invés de ser queimado vivo como o previsto ante o crime cometido, ele, o acusado, na verdade acabou sendo destinado ao desmembramento, ao *lingchi*, o *suplício dos cem pedaços*. Em meio à plateia conscienciosa que disputava o melhor ponto de vista frente ao espetáculo carníface de sua sentença, ele foi paulatinamente incisado, excisado, mutilado, pungido... Tivera, pois, a pele esfolada, as entranhas à mostra, o corpo exposto em carne viva..., os membros esquartejados, a cabeça, enfim, decepada. Concernente a essa terrível flagelação ocorrida em 1905, restam hoje apenas quatro, talvez cinco fotografias, entre as quais, pelo menos uma, vinte anos após a sua exposição lumínica, ainda sob a forma de um negativo, teria sido doada a Bataille. Como é afirmado em seu último livro postumamente publicado, a fotografia tivera um papel decisivo em sua vida, a ponto de jamais ter conseguido separar-se dela. Foi, contudo, somente num dos breves capítulos desta obra póstuma que ele então se propôs a uma reflexão um tanto mais detida, ainda que sucinta, partindo do semblante expresso na face do supliciado chinês cristalizado na superfície da imagem técnica. “Que eu saiba”, escreveu, “o mundo da imagem aberta ao tempo do suplício várias vezes fotografado em Pequim é o mais angustiante entre aqueles acessíveis pelas imagens que a luz fixou. [...] Jamais deixei de me sentir obcecado por essa imagem da dor, a um só tempo extática (?) e intolerável.²⁰ Até aí, nenhuma inovação em sua abordagem. Pois antes mesmo de deter-se diante daquela expressão de êxtase no rosto de Fou Tchou Li, Dumas,²¹ a propósito, já a havia salientado, porém, mediante uma abordagem que se esgotava tão somente no semblante. Demonstrando no mínimo um certo incômodo perante uma tal restrição especulativa, Bataille exortava “algo a mais”, ainda que fosse algo inominável, algo proveniente daquilo que ele vastamente chamou de angústia, algo que ultrapassaria o ar extático das feições da vítima. E esse “algo a mais” experienciado diante do gume, ante a tortura extrema prolongada pelas injeções de ópio em parte ligadas ao êxtase visível na fotografia, nem o próprio Bataille circunstancialmente chegou a verbalizar. Tratava-se da soberania de Fou Tchou Li. Ora, seviciado de um modo que provocaria abreações de fuga do corpo em qualquer um por simplesmente imaginar a dor a ele infligida, naquele instante o supliciado apartara-se do mundo e de si mesmo para suportar o seu

²⁰ BATAILLE, Georges. Les larmes d'Éros [redigido em 1961]. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1987 (volume X), p. 627, tradução nossa.

²¹ Ver DUMAS, Georges. *Traité de psychologie*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1923 (tomos I e II).

infortúnio, a máxima dor vislumbrável à carne, quiçá até mesmo chegando superá-la. Alheara-se assim de tudo e de todos, consequentemente alheando-se do suplício que lhe fora infligido. Alheamento...! E não seria, portanto, justamente esta, a experiência contemplativa que as fotografias daquele tormento nos dão a ver? Ou ainda, já não seria também esta, justamente a experiência de sua transfiguração? Ao contestar a sua própria desgraça face a face com os seus carrascos, a um só tempo Fou Tchou Li também já não se transvalorava? Decerto é que sim; o seu alheamento deveras o levava à transfiguração e tão logo à transvaloração de si mesmo. Pois bem, assim o que emerge para além da superfície tecnicamente visível ao alcance das mãos de Bataille, não obstante também ao alcance das nossas, é de fato a soberania da vítima, a soberania da experiência: mesmo ante o sofrimento infligido a Fou Tchou Li, o que se pode então depreender do *noema* fotograficamente visível é o seu gozo mediante uma pena capital.

Já por outro lado, ei-lo, o cativo entre os astecas eleito ao menos uma vez ao ano. Pois bem, ainda que sob quinhões tão ou até mais extremos de violência, o alheamento ou não ante o sofrimento devia ser uma questão no máximo secundária nos ritos de imolação consumados no alto das pirâmides. Entre os astecas não havia prescrição alguma quanto a isso. Imprescindível era tão somente a oferenda e não a punição, qualquer que fosse a vítima a ser imolada. Se no instante do suplício a entrega ao frenesi ou ao êxtase fosse fortuita ou malograda, isso socialmente não emplacava maior importância. Além do mais, as próprias guerras tramadas já integravam, elas mesmas, os suplícios religiosos em nome do Sol. Em primeiro lugar, porque de tempos em tempos era nelas que se matava e também se morria; depois porque era justamente delas que provinham os cativos para a imolação sacerdotal. Se o guerreiro, ao invés de se sair vitorioso, morresse em combate, sua morte em todo caso não teria menor brio que a imolação de qualquer prisioneiro rival levado a cabo por seus captores. Matava-se e se morria simplesmente para que o sol continuasse a brilhar. Fascinado pela cabal exsudação de tais atos relatados pelos velhos astecas e anotados com minúcias por Sahagún,²² um franciscano espanhol do século XVI, em *A parte maldita* Bataille muito bem os justificou. “As guerras tinham o sentido da consumação, não da conquista”, escreveu ele, “e os mexicanos pensavam que, se elas cessassem, o sol cessaria de iluminar.”²³ Ao longo do ano, algo em torno de vinte mil estrangeiros cativos eram imolados, tamanho era o

²² Ver SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Londres: Wentworth Press, 2018 [original do séc. XVI, editado por Carlos María de Bustamante em 1829] (volumes 1, 2 e 3).

²³ BATAILLE, Georges. *A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 [1949], p. 66.

esplendor do sacrifício para os astecas, sendo que, a cada ciclo, ou seja, com um ano de antecedência, apenas um entre todos era escolhido por sua beleza irrepreensível. Eram-lhe então concedidas as honrarias de um deus. Nada lhe era omitido. E onde quer que o encontrassem, todos deviam se curvar diante dele. Decerto é que sua imolação não era de fato voluntária, todavia, é ainda lícito no mínimo cogitar que entre os cativos eleitos anualmente, cada um estivera mais propenso a encará-la com honra e com glória, entre a angústia e o frenesi provenientes do rito, sim, afligindo-se, mas ao mesmo tempo extasiando-se. Por todo o período ao longo do qual o seu suplício era preparado, ele devia gozar de tudo que fosse mais propenso a arrebatá-lo. E então, restando apenas vinte dias para a consumação de seu sacrifício, quatro jovens mulheres eram-lhe enfim outorgadas para as delícias da carne. Nas vésperas da imolação elas todavia o abandonavam. Chegado o dia, raro era aquele que se denegava. De praxe, subia de bom grado todos os degraus até atingir com entusiasmo o alto da pirâmide. Uma vez alcançado o cimo, doava-se aos sacerdotes que doravante dele se apoderavam, estendiam-no sobre o cepo de pedra num só ato immobilizando-o. Apenas um entre os sacerdotes, aquele munido com a adaga de obsidiana, por fim fendia sem hesitação o peito do supliciado e, de súbito, introduzia direto a mão na abertura infligida. Arrancava-lhe assim o coração que ainda em perfusão era prontamente elevado em oferecimento ao Sol.

É por causar no mínimo uma forte impressão que o suplício penal chinês e o suplício religioso asteca, tanto um como outro, afinal, ligam-se *intimamente* ao suplício teratológico imposto a Dos Santos. Mas o liame que de fato os vincula ente si, *mais intimamente*, não é apenas esta forte impressão assinalável entre eles, tampouco seria o que a provoca, isto é, a surpreendente ligação entre o nível mais agudo das sevícias infligidas e a potência extática decorrente dessas mesmas infligências. Convenhamos, tal ligação não chega de fato a ser lá assim tão inesperada. Pois não foi justamente o advento do cristianismo que designou a dor do corpo ao Ocidente como uma prescrição sobre-humana à experiência? Quer se queira quer não, aliás, não se trata justamente de um advento que socialmente nos concerne a todos, nós, os ocidentais, quer se queira quer não, no mínimo seculares cristãos ecumenistas? Com efeito, o alheamento de Jesus nalgum instante extasiado na cruz é sim o emblema mais notório nesse ínterim, tendo por conseguinte inspirado em seu nome profissões de fé que remontam o ascetismo desde a era paleocristã até os dias de hoje, tais como, por exemplo, a autoemasculação cometida por Orígenes de Alexandria, a autodisciplina austera praticada pelos monges medievais e pós-medievais de variadas ordens religiosas, e, entre tantas mais, a profissão de fé dos agricultores penitentes de Barbalha, no Ceará, que usando lâminas de

ação na ponta das chibatadas, no decurso de suas deferências à Paixão de Cristo, ainda hoje se autoflagelam.²⁴ Eis a nostalgia insistentemente reencenada de um rito nem totalmente humano nem totalmente divino, embora ao mesmo tempo humano e divino. Nem um nem outro e, ao mesmo tempo, tanto um como outro. No mais das vezes, afinal, ainda hoje não se vive ora à espera do missionário redentor ora à espera do político libertador? Em suma, ainda hoje não se vive à espera do messias, seja ele o religioso, o “messias além-mundano”, seja ele o secular, o “messias intramundano”? Um e outro, com efeito, a bem da verdade, como muito bem demonstrou Benjamin,²⁵ um só messias. Pois só assim, acendendo socialmente a uma deliberada infligência da dor é que se crê, afinal, sob a forma de um rito anômalo, de um rito monstrual, sob a forma de um rito elusivo, que a eternidade um dia irá se cruzar novamente com a história em um ponto exemplar. O fato de que o suplício de Jesus tenha sido socialmente aceito mediante um julgamento ou uma *krisis*²⁶ ao mesmo tempo humana e divina, a despeito de qualquer veredito, seja ele penal, seja religioso, portanto, é justamente o que corrobora a imprecisão, a elusão do rito que lhe concerne. É isso ao menos o que Agamben constata ao se ater ao cânone hermenêutico, donde emerge primeiramente a figura de Pilatos, a figura do *juiz elusivo*. “É que só enquanto personagem histórico Pilatos desenvolve sua função teológica e, vice-versa, que ele é um personagem histórico só enquanto desenvolve função teológica. Personagem histórico e pessoa teológica, processo jurídico e crise escatológica coincidem sem resíduos e só nessa coincidência, só no fato de ‘caírem juntos’ eles encontram sua verdade.”²⁷ Pois é mesmo só assim, ao eximir-se de proferir uma sentença, que ele, Pilatos, na verdade se exime do juízo. Mas é Jesus, não Pilatos; por mais surpreendente que possa parecer, é o próprio Jesus e não o seu *alter ego*, o *juiz elusivo* por excelência. É, pois, na figura dele que processo jurídico e crise escatológica coincidem de maneira cabal. É precisamente isso o que se pode depreender de uma das

²⁴ Ver PESSOA, Augusto. Penitentes revivem fé popular. *Diário do Nordeste*, 22 de mar. de 2008. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/penitentes-revivem-fe-popular-1.658758>>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.

²⁵ Ver BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história [original em alemão, de 1942, traduzido da versão francesa de Pierre Missac publicada em 1947]. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.

²⁶ “O ato de julgar, em grego, se denomina *krisis* (de *krino*, que etimologicamente significa ‘separar, de-cidir’). Ao lado desse significado jurídico, convergem, no termo, tanto um significado médico (*krisis* como o momento decisivo na evolução de uma doença, quando o médico deve ‘julgar’ se o doente morrerá ou sobreviverá) quanto teológico (o Juízo final: *en emerai kriseos*, ‘no dia do juízo’, é a advertência que retorna mais vezes à boca de Jesus; em Paulo: *en emerai ote crinei*, ‘no dia em que Deus julgará’ – *Rm. 2, 16*).” AGAMBEN, Giorgio. *Pilatos e Jesus*. Tradução de Silvana de Gaspari e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo; Florianópolis: Editora UFSC, 2014 [2013], p. 33.

²⁷ *Ibidem*, p. 54.

sentenças do Evangelho segundo João, 3: 17, “Deus não enviou o seu filho ao mundo para julgá-lo, mas para salvá-lo”. Eis o esclarecimento messiânico que já é, contraditoriamente ao que assevera, ele mesmo, a sentença de um julgamento encoberto, inconclusivo, irresoluto, aporético, uma vez que, afinal, por que haveríamos de ser salvos se não pelo fato de já estarmos sob julgamento? Qual mesmo o porquê de mais uma invenção soteriológica a não ser em nome do juízo? De modo que, assim, justamente assim, endossando o juízo elusivo, um pouco antes de sua crucificação descrita ao menos nos dois primeiros livros do Evangelho, deparamo-nos com o “filho de Deus” coberto por um manto púrpura, bem como ainda com um bastão na mão, à guisa de cedro. Embora no pleno exercício de seu juízo elusivo, uma tal situação evidentemente não passava de mais uma humilhação. Enredado numa tal cena de contornos burlescos é que então emergiram contra ele os gritos mais escarnecedores, mas, em todo caso, vociferações que não lhe faltaram com a verdade velada. “Julga-nos! Julga-nos!”, bradavam os membros do sinédrio. Com efeito, embora manifesta como troça, saliente nesse ínterim é a inegável autoridade messiânica do autoproclamado “Rei dos judeus”, já que é somente mediante julgamento que ele oferece a si mesmo para a remissão ecumênica, para a redenção de toda a humanidade. Jesus é a oferta do eterno, o elemento divino que ao entregar-se de bom grado ao seu suplício, sob a incumbência de salvar o terreno, também eximindo-se ele mesmo de proferir propriamente a sua sentença, ao julgar a humanidade, toda a humanidade que ao cabo ele também integra, não pôde contudo assim se eximir de julgar a si mesmo. Eis o seu *télos*, o cabal desígnio ocidental, o Juízo Final desde então vaticinado sobre o qual o Ocidente ainda não cessou de postular as reprises.

E é justamente mediante uma tal ambivalência decisiva, ao dissociar-se como tal do rito humano bem como do rito divino, à medida mesma que reconciliando-os, numa contradição insolúvel, então, que o suplício imposto a Jesus até certo ponto coincide com suplício imposto a Dos Santos. Pois se trata, em ambos os casos, de uma imposição teratológica, de suplícios teratológicos. Assim sendo, por maior que seja a divergência entre ambos, o estreitamento que os vincula é inegável, vinculando inclusive até mesmo Fou Tchou Li e o supliciado asteca eleito anualmente, pois incontestável entre eles é sobretudo a inscrição da dor. Todavia, para além de tal estreitamento, qual seria mesmo o liame que entre si de fato os vincula *mais intimamente*? Ao menos por princípio, dir-se-ia que se trata de um liame engendrado por um mecanismo de ordenamento social, um artifício de manutenção do estado de coisas, um liame que mantém intacto aquilo que Deleuze e Guattari chamaram de

socius inscriptor. Pois até mesmo sob a égide capitalista por meio da qual o mercado se tornou proeminente, *onde o essencial é circular e fazer circular*, a sociedade ainda se ancora num *socius* de inscrição, *onde o essencial é antes marcar e ser marcado*. “Só há circulação quando a inscrição a exige ou permite.”²⁸ De um modo ainda mais categórico, dir-se-ia então que o que de fato se põe em jogo num tal liame engendrado pela inscrição da dor é antes a funcionalidade atribuída a ela. Uma funcionalidade tal que por sua vez implica o sofrimento individual, a acedia civil, o desejo social, o desejo subjetivado. Até a morte, até os suplícios, a saber, por mais absurdos que sejam, eles não são apenas sofridos, são também assentidos, e mais, são também desejados, quando não pelos supliciados, ao menos segundo a produção e reprodução sociais, segundo as exigências estabelecidas no interior de um determinado estado de coisas historicamente sedimentado. Sendo assim, autoinfligidos ou não, para todos os efeitos, em maior ou menor medida, cada um dos quatro atos rituais integra um mecanismo de manipulação, uma função instauradora do ordenamento civil, uma *instituição social*. É justamente por isso que a tortura infligida a Fou Tchou Li concerne à função totalitária, se é que não absolutista, de um “Leviatã extemporâneo”.²⁹ É justamente por isso que a oferenda gloriosa dos astecas concerne à função exsudativa de um “Leviatã pródigo”, ou seja, explicitando o oximoro implícito na locução, de um “Leviatã antiabsolutista ou antitotalitário”, de um “Leviatã anti-hobbesiano”. É justamente por isso que o martírio de Cristo e sua reencenação não apenas dramatizada pelos cristãos concerne à função teleológica da Igreja, ou, caso se queira, concerne então à função teleológica de um “ecumenismo eclesiástico”, de uma congregação religiosa com pretensões universais. É justamente por isso que a elusiva sentença-oferenda infligida a Dos Santos, por fim, concerne à função utilitária de um “proto-Leviatã ecumênico” já em sua fase tardia.

Decerto é que a abstenção de cada um dos ritos supracitados implicaria diretamente no colapso de cada uma das estruturas de poder que lhes são correspondentes, sejam elas as de outrora, seja até mesmo esta que hoje grassa diante de nossos olhos. Mas ainda no que tange às injunções de inscrição da dor, por outro lado, se nos ativermos apenas ao instante da experiência, o que restará da *instituição social* correspondente a cada um dos ritos

²⁸ Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010 [1972-1973].

²⁹ Leviatã é originalmente um termo bíblico, utilizado no Velho Testamento, no Livro de Jó, para descrever uma criatura mitológica que se assemelharia a um grande polvo ou até mesmo a uma grande baleia. O mesmo termo, no livro de Hobbes, *Leviatã*, foi utilizado para nomear o poder absolutista do Estado sob a figura teratológica do déspota. Ver HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Claudia Berliner. São Paulo: Marlins Fontes, 2003 [1651].

supracitados será na verdade o curto-circuito de todo e qualquer fim estabelecido de antemão, é a insubordinação do supliciado. Sim, no que tange aos ritos que lhes concernem, cada supliciado ao cabo ultrapassa o nível humano, e mesmo fadado à dor extrema, ao menos no tempo de um reluzir fugaz, já com os olhos brancos, soberanamente consuma uma experiência de alheamento, não se submete mais à prescrição alguma. É que nesse instante e tão somente no *instante*, já não há mais como se ater ao *socius inscriptor*. Livre das amarras servis ao menos no transcorrer extático da dor, assim como Fou Tchou Li, como a vítima eleita entre os astecas anualmente, até mesmo como Jesus pregado na cruz, soberano, Dos Santos decerto também se alheara ao seu próprio suplício. Malgrado isso, contudo, para além do *instante*, entre outros fatores, para começar, o que o distingue de seus semelhantes é que o destino dos outros não logrou o mesmo desenlace que o seu: Dos Santos sobreviveu! Mas bem mais, muito mais que sua sobrevivência, o que é verdadeiramente relevante é que ele, Dos Santos, ao contrário de seus semelhantes, de modo algum assim como eles sucumbe ao estado de coisas. Para além das chagas, diferentemente deles, ele escamoteia o *socius inscriptor*. E mesmo que o seu suplício seja, assim como o de Jesus, um suplício teratológico, ao contrário de Jesus, Dos Santos por outro lado esgarça o *juízo elusivo*, julga no máximo apenas a si mesmo mediante o seu *juízo inominável*, com isso desde o início desviando-se tanto da servidão soteriológica quanto da moral dela proveniente. Pois a esse propósito, por mais sedicioso que Jesus o seja, ao julgar não apenas a si, mas a toda humanidade, ele ao cabo se prostra diante de um estado de coisas não obstante nascido com ele, uma vez que, após o *instante*, a soberania de seu alheamento é tão logo elidida, é operacionalizada, sucumbe como *fim*, converte-se em *meio*, torna-se ascética. Eis o exemplo da vítima messiânica, eis o Mártir ou Messias, o *juiz elusivo* por excelência, aquele que, ao alhear-se, entregando-se de bom grado à teratologia, à uma *lógica opressora* cujo imperativo é a violação sob o jugo da moralidade do costume, conserva algo de servil em sua soberania, afinal de contas serve a uma causa, por mais pródiga que esta seja. Muito pelo contrário, na extensão de seu suplício, por outro lado, Dos Santos convalida o curto-circuito de todo e qualquer ascetismo. O seu alheamento no decurso daquela *via-sacra* iniciada pela contramão ao longo da Rodovia do Sol se esvai no *instante*, não é consignado nem a nenhum fundamento nem a causa alguma, consuma-se tão somente na experiência, dado que, em seu eco soberano, sua experiência só devém como *fim*, não como *meio*. Ora, a exemplo do que apregoara Zaratustra, Dos Santos, no decurso de sua soberania, não é apenas o juiz, é ainda

o vingador e a vítima de suas próprias leis;³⁰ expia todo e qualquer poder, até o mais elusivo. Eis o exemplo do proscrito caminhando nas trilhas de sua transfiguração, eis o exemplo do antiniilista, daquele que, ao confrontar toda e qualquer promessa, de bom grado se entrega ao que Bataille³¹ chamou de heterologia, entrega-se a uma *lógica terminantemente outra*, a uma *lógica orgiaca*, a uma *lógica exuberante* cujo imperativo é a violação em nome da própria violação, é a violação em nome do excesso que lhe é inerente.

É portanto só mesmo assim que o suplício de Dos Santos enfim se aproxima *ainda mais intimamente*, ou resolutamente, de mais um, de outro suplício, um dos episódios mais célebres da história da arte. Trata-se precisamente da automutilação de Van Gogh, quando ele então tomado por uma insanidade repentina, decepa a própria orelha e a envia em seguida a uma moça no prostíbulo. Não obstante uma tal aproximação, todavia, é preciso ainda diferenciá-los. Ou seja, esse pedaço de carne monstruoso não é da mesma “natureza” que aquelas agônicas perfurações viscerais. Por mais insano que o seja, o gesto de Van Gogh encontra, aliás, como escreveu Bataille, “toda a sua estranha liberdade a partir do momento em que” uma “força exterior, escolhida independentemente”, “intervém no acionamento” “da navalha.”³² Já as punhaladas, Dos Santos as sofre involuntariamente: elas devêm de uma condenação ordinária a ele imposta teratologicamente. Mas tão logo desvencilhando-se de seu algoz, distanciando-se assim de Jesus à medida mesma que se aproximando resolutamente de Van Gogh, Dos Santos deixa em frangalhos a teratologia que o interpela, suplanta toda e qualquer prostração, toda e qualquer *instituição social*. É que em seu cotidiano voraz através das ruas, no decurso do *instante*, ele suplanta a resignação. Pois sua saga diária já é, em maior ou menor medida, em última instância, potencialmente uma *via-sacra* para além do homem, para além do humano, demasiado humano, mas é, sobretudo, ainda uma *via-sacra* sem Deus. Com efeito, o acelerador está para Dos Santos assim como a navalha estava para Van Gogh; os acidentes ou as quedas (ainda que iminentes) transmitem a Dos Santos o que a laceração do pavilhão auricular transmitiu a Van Gogh; a velocidade

³⁰ Ver NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Op. cit.

³¹ “Ciência do que é totalmente outro. O termo *agiologia* seria talvez mais preciso, mas seria necessário subentender o duplo significado de *ágios* (análogo ao duplo significado de *sacer*), tanto *maculado* como *santo*. Mas é, sobretudo, o termo *escatologia* (ciência do lixo) que guarda nas circunstâncias atuais (especialização do sagrado) um valor expressivo incontestável, como um duplo de um termo abstrato, tal como *heterologia*.” BATAILLE, Georges. La valeur d’usage de D.A.F. de Sade (I). In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970 (volume 2), p. 61-62.

³² BATAILLE, Georges. A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Vincent Van Gogh [1930]. In _____. *Documents*. Tradução de João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p. 231-232.

através das ruas é para Dos Santos o que a posição das mãos com a lâmina armada ao lado da cabeça foi para Van Gogh. Porque num tempo no qual as *instituições sociais* do sacrifício religioso e da punição capital se veem em plena decadência, num tempo em que o *socius inscriptor* se tornou teratológico, a automutilação interpõe-se a ambos como uma necessidade fulgurante que escapa às determinações, por mais pródigas que essas possam vir a ser. Sendo assim, quer seja mediante a extirpação de suas próprias partes, é esse o caso de Van Gogh, quer seja ao menos mediante a iminência de tal extirpação, é esse o caso de Dos Santos, as projeções *para fora de si* de parte de si mesmos é o que os insere nos *estranhos domínios* de um *rito inominável*, um rito que talvez sequer nem mesmo alcance o estatuto de um rito, porque alheio à toda e qualquer *instituição social*. É que o movimento que “leva um homem em certos casos a se dar (em outras palavras, a se destruir) não somente em parte, mas em sua totalidade, isto é, até que uma morte sangrenta suceda, só pode ser comparado, quanto à sua natureza irresistível e medonha, às deflagrações esplendorosas que fazem da tempestade mais oprimente um transporte de alegria.”³³ Ora, tragado pelo influxo de seu inconcebível triunfo, decerto como Van Gogh, Dos Santos fora transfigurado. Diante da morte, o estupor fendeu-lhe por inteiro, para muito além das sevícias, abrindo-lhe a via mais intensa, um cume de vida, um pináculo de existência, o *desconhecido*, tão logo o dispendo para além das margens, no *extremo do possível*, abrindo-lhe assim, finalmente, o *impossível*.

Se porventura então arriscássemos a conferir-lhe uma fórmula crua, de súbito diríamos: a um passo da morte o *impossível* revelado pelo êxtase foi o que lhe transfigurou, e, ademais, uma tal transfiguração por demais contingente, alheia às prescrições, livre de amarras acéticas, para além da própria experiência ainda reverberou a sua soberania. E foi bem assim, portanto, transfigurado, em rota de evasão contra os veículos que Dos Santos perseverou em seu percurso demente. Uma estranhíssima cidade assim mostrava-lhe a que viera. E apesar de também vir a ele como sempre, como uma extensão que continuava a lhe repelir, que mais uma vez o objurgava, algo de fortuito nela ainda o imantava. Uma força urbana descomunal o atraía e mesmo ante todos os riscos que pela contramão mais se agravavam, ele seguia no seu encalço. Tragava-o sobremaneira. Era como uma esfinge a lhe imantar de um modo radicalmente novo, embora sem se lhe manifestar de todo tão estranha. Pouco a pouco desvelava-lhe o inominável. Não era mais só aquele emaranhado de ruas e de pessoas de sempre, hierarquizadas, hierarquizantes. O *spleen* assim esmorecia. Não era

³³ Ibidem, p. 243.

mais apenas o suprassumo da humanidade formalizado, formalizando-se reiteradamente no espaço. Tratava-se de uma extensão misárquica,³⁴ de uma extensão em nome de todos donde provinha a voz indefinida a conclamar o seu nome. Ao longo desse platô urbano ele não apenas assumia a morte enquanto uma experiência-limite (e diante da morte haveria lá outra alternativa?), mas tornava ela mesma uma experiência insubordinável. Indeliberadamente através das ruas, avocava então a incontornabilidade mais extrema: a própria morte de Deus, ou ainda, simplesmente, a erosão do Absoluto. Pois se posicionando contra todos os valores bem como contra todas as valorações metafísico-morais, por conseguinte instava a sua experiência como a única autoridade, uma autoridade ab-rogada, por assim dizer, que não pode ser exercida, que é sempre expiada. Uma tal transfiguração que só poderia mesmo afinal conduzi-lo a uma transvaloração de si mesmo em relação a todos os homens, ao mesmo tempo, como corolário, transvalorava a própria cidade, uma vez que, ao menos perante olhos como os seus, ela assim era transsubstanciada. Transfiguração e transsubstanciação tais que só a potência da morte então lhe proporcionara. Ei-lo, o maior dos vilipêndios ao humanismo, pois a despeito do humanista que ao negar a vida, absorto em seu anódino niilismo, não mais em nome do Éden mas em nome do progresso encarna o Deus morto renascido como criatura humana, demasiado humana (ou, simplesmente, como criatura científica, uma tentativa de divinização do humano), em seu suplício, por outro lado, Dos Santos exortava o alegre surto da vida. Era, a bem da verdade, o seu perecer como homem em todas as acepções. Sua transfiguração desencadeada pela intensidade da morte levava-o assim à transvaloração, transvalorando-o enquanto vivente ao tempo mesmo no qual transvalorava a própria cidade, transsubstanciando-a. Pois bem, atar-se a um tal niilismo anti-humanista que ao cabo se desvela sobremaneira como uma experiência antiniilista, ou então, imergir numa tal experiência sobre-humana ao menos inicialmente empenhada no teocídio vislumbrado por Nietzsche,³⁵ portanto, não é apenas dar mais uma vez vida à memória

³⁴ Para designar a predisposição hostil de um poder velado que tudo quer dominar, mas que dissuade o seu próprio exercício sob uma carapuça hiperdemocrática, Nietzsche inventou uma palavra e a introduziu sarcasticamente no interior de uma locução oximórica: “misarquismo moderno”. Afora, é claro, o sarcasmo aguçado, a primeira palavra da locução, muito ao contrário remete a uma “horizontalidade radical”, ou então, para colocar de forma mais categórica, ao “ódio a todo governo” (*misarchismus*, de *misséo*, “odiar”, e *árcho*, “governar”), denotando assim, na verdade, a uma antinomia assimétrica à noção de poder político na sociedade. Ver NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polémica*. Op. cit.

³⁵ Ver Idem. *Gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001 [1882/1887], p. 212-215.

daquilo que Bataille³⁶ tanto desejou experienciar, mas, em termos mais radicais, é ainda insuflar o presente com a soberania da *vítima que vem*, com a *biopotência* daqueles que, mesmo acuados ante os renovados tentáculos do proto-Leviatã ecumênico, hostilizados, tais como Dos Santos em agrura pela contramão, sim, insurgem reincidentemente na transvaloração não apenas de si mesmos, mas na transvaloração do “fora”, na transvaloração da exterioridade que sobremaneira os arrebatava.

³⁶ Ver BATAILLE, Georges. *A experiência interior: seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 [1943/1953] (suma ateológica, volume 1).

Ante os tentáculos do “novo monstro”

Como salmões em correntes taciturnas, contra tudo e contra todos, Dos Santos persevera até mesmo em meio a um influxo urbano de constrangimentos. Perante tal asserção, se ousássemos aqui uma locução como síntese, seríamos de chofre tentados a circunscrever-lhe na contramão, tão só em um sentido oposto, molestado pelas injunções urbanas, interpelado sem descanso por uma “cidade absolutamente fora de mão”. Mas frente a uma tal tentação, alguém poderia facilmente assim objetar: “pois apesar de tudo não são justo as correntes taciturnas que mais proveem a exuberância de cada um? Não são justo as moléstias ou mesmo a iminência delas que mais os levam a esgoelar os motores?” Instigados por tais indagações, poderíamos então ousar outra locução como síntese; uma síntese menos parcial e bem mais profícua, que os vislumbra em um campo mais aberto, não apenas enquanto reféns, mas, ao mesmo tempo, como amantes da aceleração. Tão logo assim poderíamos vislumbrá-los no interior de uma cidade absorta pelo *dromos*, pela corrida, pela velocidade, não obstante, contudo, também pelos efeitos do *dromos* na sociedade; em suma, a um só tempo interpelados e laureados, molestados e acalentados pela “cidade dromológica”. Uma

cidade na qual, em última instância, como pressentiu Virilio,³⁷ a velocidade se efetiva como um primado de perturbação não apenas do *território* (natureza do meio ambiente humano), pois também do *corpo* (natureza que suporta a própria encarnação humana), e, como tal, então, um primado instaurado pela *revolução dos transportes* (redução drástica das distâncias na transposição geográfica, também uma *revolução logística*) e intensificado por sua unificação junto à *revolução das transmissões* (operação à distância para muito além da área de influência física). É assim, à medida que a dromologia triunfa até mesmo nos recônditos mais remotos, que as cidades vão sendo cada vez mais pressionadas pelo proto-Leviatã ecumênico. A “disciplina” que, segundo Foucault,³⁸ há pelo menos dois séculos levava a “dominação” à obsolescência, chegou assim ao ponto de também se tornar obsolescente, acedendo quase que de vez à ascensão do “controle”, esse colossal *organismo inorgânico*, multipodal, difuso, cujo nome Burroughs³⁹ propôs para designar o “novo monstro”, ou, talvez melhor, os seus tentáculos, os renovados tentáculos do proto-Leviatã ecumênico, esse “monstro moderno agora com os membros repaginados”; os mesmos membros que já no final de sua jornada Deleuze incumbiu-se de postular. Assim sendo, ou seja, mediante à égide do controle, a cidade dromológica finda por quase dissolver as suas próprias fronteiras ao mitigá-las, interconectando a cidade conhecida como formal aos guetos, favelas, conglomerados, ou até mesmo aos subúrbios elitizados, isto é, periferias e centralidades múltiplas, ainda que entre uma e outra redoma, a depender de cada contexto, em maior ou menor medida, acendendo aos embargos característicos dos meios antigos, tais como a cancela ou a barreira condominial, conservadas ou mesmo tomadas assim de empréstimo das égides precedentes (da “disciplina” ou até mesmo da “dominação”), contanto que devidamente adaptadas. Embora conservando-os ora aqui ora ali, não são mais esses entraves que alcançam maiores importâncias, mas os dispositivos telemáticos, o quais, com os seus algoritmos conjugados ao georreferenciamento de dados em tempo real, portanto, na qualidade de coleira eletrônica, detectam a posição de cada um, lícita ou ilícita, operando sobretudo ao longo das ruas uma modulação universal.

³⁷ Ver VIRILIO, Paul. *A velocidade de libertação*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Relógio D’Água, 2000 [1995].

³⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987 [1975].

³⁹ Ver BURROUGHS, William. Os limites do controle. *Verve*, São Paulo, n. 39, p. 143-154, mar. 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/56573>>. Acesso em: 10 de mai. de 2022 [1978].

Tal como Deleuze já antevia, “as conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção.”⁴⁰ Pois bem, esse processo de reorganização e de dispersão pós-fordista socialmente hoje já consolidado mostrou sobretudo uma coisa: que o “chão de fábrica” já não mais seria o local no qual a luta e a rebeldia dos trabalhadores continuaria circunscrita. É que no último grande ciclo de greves gerais iniciado com o Maio de 68, na França, a insubordinação foi tamanha a ponto de fazer romper a base disciplinar até então hegemônica de organização e de contestação das formas de trabalho, colocando portanto o fordismo em xeque. Com o capitalismo assim sendo ameaçando a ruir-se de vez, já nos anos seguintes, na Itália, frente à eclosão do “outono quente” – também conhecido como Maio Rastejante, pois resultou numa das mais intensas mobilizações da história, prolongando-se, desde 1969, por quase toda a década seguinte –, a reação então viera à altura, impondo o outro lado da moeda. Pois ao ser destronada, a disciplina foi então sobreposta pelo controle. Os mais tentáculos do “novo monstro” assim entravam de vez em marcha, e precisamente nesse influxo, segundo Ginsborg,⁴¹ mediante a implementação de uma tríade concernente ao processo produtivo, ou melhor, concernente a uma reestruturação da produção fundada na “automatização”, na “terceirização” e na “descentralização”; o que oportunamente resultaria ainda numa espécie de quarto vetor, a pronta “inflamação da informalidade trabalhista”. Tudo isso culminou, afinal de contas, naquilo que os operaístas italianos e outros estudiosos reunidos em torno das mobilizações italianas chamaram de *fábrica social*, ou, antes, de *fábrica difusa*,⁴² processo de produção que destituía a centralidade do “chão de fábrica”, passando a espaiá-la pela cidade. A administração científica de Taylor⁴³ formulada ainda no início do século XX, por mais extemporânea que pudesse parecer, era, pois, o que estava no cerne dessa mudança de paradigma. Ao longo do período no qual o “outono quente” ainda era irradiado além-mares, ou seja, ainda no decurso da década de 1970, quando por exemplo as greves e as agitações operárias no ABC paulista eclodiram, duas das estratégias de Taylor em voga nos processos mais variados de produção já podiam ser facilmente identificadas.

⁴⁰ DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações, 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992 [1990], p. 224.

⁴¹ Ver GINSBORG, Paul. *A History of contemporary Italy: society and politics 1943-1988*. Londres: Penguin, 1990.

⁴² Ver GAUDEMAR, Jean-Paul de et. al. *Usines et ouvriers: figures du nouvel ordre productif*. Paris: Éditions Maspero, 1980.

⁴³ Ver TAYLOR, Frederick. *Princípios de administração científica*. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020 [1911].

Segundo Braverman,⁴⁴ um dos raros pensadores estadunidenses à época ainda entusiastas de Trótski, tratava-se da “intensificação” e da “desqualificação”, as duas principais estratégias de Taylor ante o famigerado “fazer cera”, a diminuição do ritmo concernente à produção por parte do operariado. O que se pode então depreender de mais substancial de sua abordagem é o êxito de ambas as estratégias, que ao serem em seguida de fato aplicadas em larga escala, convergiram no *modus operandi* do neoliberalismo vindouro. Os trabalhadores assim acabaram sendo impelidos a produzir muito mais, trabalhando ainda mais e por mais tempo, ao passo que a mão-de-obra viria a ser cada vez menos especializada, por isso mesmo cada vez menos valorizada.

Esse foi justamente o fator que abriria as portas para a *parassubordinação* – ou para o que também se convencionou chamar de *uberização* –, uma relação de trabalho ainda não tipificada na legislação brasileira tanto quanto na de diversos outros países. Trata-se, precisamente, de uma tipificação trabalhista estabelecida numa zona intermediária, ainda nebulosa, entre o “trabalho autônomo” e o “trabalho subordinado”. Todavia, até mesmo em países nos quais ela já se encontra tipificada nas alíneas da Lei, como Itália e Espanha, por exemplo, ela pode muito bem ser interpretada no âmbito factual como um tipo de relação informal na qual o trabalhador se torna dependente daquele que é mas que, por conviência ou até mesmo por negligência jurídica, ao menos legalmente, não responde como o tomador de seu serviço. Num processo continuado de aperfeiçoamento que não concedeu tréguas, culminando justamente nisto, na *parassubordinação*, o temerário desenlace entre taylorismo e controle encontra então a sua expressão mais bem-acabada com o advento conhecido como “guerra dos *apps*”, em particular, com aqueles especializados no ramo de delivery. Pois é agora, sob o influxo avassalador da reestruturação do processo produtivo, enfim, que a confluência entre a “intensificação” e a “desqualificação” do trabalho alcança um nível de espraiamento sem precedentes. É que a cidade dromológica tornou-se, de fato, a “nova fábrica”. Esse aumento vertiginoso do sistema de entregas mediado pelas plataformas digitais trouxe consigo, além da multiplicação dos centros de distribuição vertidos aos mais diversos ramos, entre tantos mais, também o advento das cozinhas-fantasmas, mais conhecidas como *ghost kitchens* ou até mesmo como *dark kitchens*, restaurantes aglomerados em galpões e que, via de regra, atendem os clientes através de interações neotayloristas – relações superlativas em relação às interações anteriores, isto é,

⁴⁴ Ver BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 7 ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LTC, 2015 [1974].

“hiperautomatizadas”, “hiperterceirizadas”, “hiperdescentralizadas”. Trata-se justamente de um modelo de negócio que vem a reboque dos aplicativos de delivery, num período em que estes inclusive ainda vinham se consolidando e que, sobretudo em função das medidas de quarentena ante a Covid-19, emergiu como mais um nicho a pleitear uma farta fatia do bolo cada vez mais inflado. E é, pois, justamente na conjuntura desse pleito, entre a mercadoria a ser entregue e a própria entrega enquanto mercadoria, que a atratividade das cozinhas-fantasmas está balizada, correlacionando a partir daí duas premissas de otimização, a saber: em primeiro lugar, a do “corte de custos”, e, em segundo lugar, a do “local estratégico”. Com efeito, quanto a tais premissas, as cozinhas-fantasmas deveriam ocupar o menor espaço possível para operar, proporcionando custos razoáveis concernentes às locações, já que dispensam ambientes reservados à ingestão das refeições, ao passo que ainda deveriam se localizar em meio aos bairros mais abastados, ou ao menos nas regiões de mais fácil acesso a elas, visto que os indicadores de consumo aí são os mais agudos, propiciando com isso um menor deslocamento potencial. Por conseguinte, não apenas os preços bem como as durações das entregas tendem também a uma considerável redução. São justamente esses os fatores que maximizam a propensão aos pedidos, ao mesmo tempo que maximizam a propensão das locações. Fatores tais, favoráveis ao locador da unidade tanto quanto ao locatário que investe no modelo de negócio, todavia, assimilados como um verdadeiro inferno para moradores. Em geral para estes, mas em particular para os mais exasperados, com efeito, a perniciosidade assimilada, hipoteticamente provocada tão só pelos outros, pelos radicalmente excluídos, pelos proscritos, no caso, enfim, pelos motoboys, deve então ser correspondida numa *moeda bestial*. Alguns entre os mais exasperados, mediante uma tal justificativa por sinal frágil demais, sem qualquer sustentação minimamente coadunada, não raro se empenham para tornar ainda mais danosa a vida dos entregadores.

Sendo assim, enumeremos tão logo os elementos contextuais em torno dos quais tal danosidade se exacerba. Pois não são poucos os casos em que motoboys e até mesmo ciclistas também entregadores são levados a esperar meia hora ou mais, a cada retirada, pra só então iniciar uma entrega. Por vezes isso ainda se dá sob chuva, restando assim aglomerados, em pé ao longo das calçadas ou sentados ao longo dos meios-fios. As cozinhas-fantasmas tanto quanto os restaurantes de porta pra rua, ou então até mesmo aqueles reclusos ao interior de galerias ou de *shoppings centers*, com frequência, também não lhes dispõem a mínima infraestrutura. Relegam-lhes à infraestrutura pública, à rua, este que é o principal fundamento da vida urbana, mas agora, por excelência, também um abundante substrato do

regime contemporâneo de extração da mais-valia. “Eles que se resolvam!”, eis o adágio eufemístico em causa, embora ainda indeclarável, impronunciável, indizível. Talvez até mais do que a abstenção por parte das plataformas digitais vertidas ao ramo de delivery, abstenendo-se também de quaisquer responsabilidades, assim como elas, as cozinhas-fantasmas alteram consideravelmente a dinâmica urbana, especialmente a dos bairros que ainda não recorreram definitivamente à cancela ou à barreira condominial, ou seja, via de regra, os bairros mais abastados, de modo que acabam na verdade expondo apenas os entregadores às mais adversas situações quanto à responsabilização. Assim é que tão logo são estigmatizados ao menos no que concerne ao julgamento dos moradores mais ressentidos. Pois uma quantidade maior de motoboys e até de ciclistas em torno desses locais faz com que haja uma incidência maior de barulho provocado pelas aglomerações; faz com que o tráfego seja intensificado; faz com que alguns pontos das calçadas venham a ser densamente ocupados, inclusive pelos próprios veículos; faz com que assim uma passagem ou outra venha a ser temporariamente bloqueada, comprometendo a segurança ou no mínimo provocando inconvenientes; e, entre tantos outros impactos a considerar, enfim, ainda faz com que as proximidades desses pontos de aglomeração venham a exalar cheiro de urina. Pois sem alternativa mais viável, onde mais poder-se-ia mijar?⁴⁵ Por tudo isso, além do mais, é que são em princípio estigmatizados, socialmente execrados. Tornam-se os alvos mais fáceis e os únicos a serem culpabilizados pela farta leva da perniciosidade ao longo das regiões mais aburguesadas. Justamente assim, não raro ainda acabam até mesmo seviciados em decorrência de ações desempenhadas pelos mais exasperados que assim se julgam os eleitos, os únicos herdeiros dignatários. Pois a vitimação teratológica daquele que se lhes manifesta como o outro é mesmo um sinal desta sociedade que se tornou narcisista, demasiadamente doentia, depressiva, não apenas autocoercitiva, pois antes, também coercitiva. É mesmo o indício de uma sociedade, ela mesma, já exasperada, atolada no niilismo, esgotada de si mesma. É, afinal, a sociedade da falsa transparência, a sociedade dos simulacros, do hiper-realismo tão vilipendiado por Baudrillard⁴⁶ e que agora, por sua vez, mediante indulgências (ou, talvez, falsas indulgências) capilarizadas, é alçada como a sociedade dos *homens de bem*; uma sociedade que assim simula, sobretudo, a abertura incondicional, a liberdade de todos, embora sem

⁴⁵ Ante uma tal negligência concernente às necessidades mais básicas, já não haveria então o porquê de tanta surpresa para com alguns motoristas de São Paulo, os quais, por exemplo, pra não interromper as corridas a serviço de plataformas digitais análogas, chegaram ao ponto de usar fraldas.

⁴⁶ Ver BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991 [1981].

conseguir de fato sequer promover a libertação para o outro, tampouco para os proscritos. Pois se trata da sociedade do afastamento generalizado, uma sociedade sem Eros, fundada na autocoerção do indivíduo, prostrada no calabouço de sua própria autocoerção; uma sociedade que suprime a distância implícita na relação, esse espaçamento sem o qual pode haver proximidade, erodindo sumariamente com isso as chances de se encontrar o outro em sua alteridade, quem dirá ainda em sua alteridade radical.

É, então, como se inexistissem os mais diversos investidores ou até mesmo os mais diversos administradores eclipsando-se nos proscênios. Tais agentes que se beneficiam sobremaneira do sistema verticalizado fincado sobre as costas alheias, com efeito, são assim previamente anistiados. Ora, por mais que os entregadores não sejam mais que o ínfimo cristal de uma amálgama corporativa colossal, por mais que eles não sejam mais que a ponta do iceberg, são eles mesmos os únicos elegíveis para as chagas, os únicos a serem lançados aos leões ao longo da arena urbana. Nesse ínterim, não passam de bodes expiatórios cujos corpos e órgãos são tão logo convertidos em peças e engrenagens entre as mais admoestáveis pela máquina social hodierna. É que o controle, antes de mais, é uma modulação que os manipula, que os coage, mas que, ao mesmo tempo, conserva-os ainda como peças e engrenagens sob as mais terrificantes das coerções. Análogo à imunização, para além da “coleira eletrônica”, quando já em exasperação (e ele não tem cessado de se exasperar), o controle adere e atualiza a dominação bem como o seu espetáculo carníface, o “suplício”, aderindo e atualizando na mesma medida a disciplina e seu regime de adestramento, a “docilização”. Quando lhe convém, portanto, para além de uma finalidade biopolítica, isto é, para além das vias espoliatórias, o controle ainda ativa a dominação tanto quanto a disciplina, para tal, aderindo uma finalidade necropolítica, assim pavimentando as vias teratológicas. Tudo isso não raro ocorre com a anuência do dolo, até mesmo entre os habitantes mais exemplares, quer seja quando os entregadores percorrerem as rotas de entrega, seviciados por motoristas inconsequentes, quer seja quando no próprio ato da entrega, então seviciados ou no mínimo injuriados pelos próprios destinatários, ou ainda, quer seja quando mal-aventurados em algum acidente, não apenas seviciados em decorrência da fatalidade, mas também pela consequente estimulação compulsória dos investidores, os ordenadores da correria tresloucada, os algozes que dissimulam tomação dos serviços prestados. Daí então o grito de Lima, o já célebre motoboy, um ativista mais conhecido como Galo. “O que atrai o investidor nesse negócio”, proferiu ele, “é [...] conseguir extrair a última gota do suco de laranja. E quando o bagaço tiver que ser jogado fora [...] não precisa nem se

preocupar... É quanto tempo [...] consegue explorar o peão até ele explodir.”⁴⁷ Pois bem, ao fazer tais observações no mínimo cáusticas, Galo reportara-se especificamente ao negócio dos aplicativos de delivery, sem os quais, todavia, as cozinhas-fantasma tal qual as conhecemos decerto sequer chegariam à inauguração. Elas têm o seu fundamento neles, levam-nos adiante, atrelam-se ao seu *modus operandi*, mas ainda são eles que sobremaneira mais deixam os motoboys e os entregadores em geral em maus lençóis. Pois mediante cada corrida, como justificar o mísero repasse como pagamento àqueles entregadores sem os quais sequer haveria esta modalidade extratora da mais-valia ancorada no regime da *parassubordinação*? Como justificar os riscos e as responsabilidades que assumem sob esse regime que se revela ser, ao mesmo tempo, uma espécie de *pseudoautonomia*? E, além do mais, vertamos novamente à enunciação de Galo: o que afinal ele tinha em mente precisamente ao remeter-se à exploração do “peão até ele explodir”? Decerto é que poder-se-ia tomar esta locução como metáfora: uma metáfora não exatamente hiperbólica, concernente de fato à condição desventurada dos entregadores, profissão agora sequestrada, arrancada, saqueada pelos investidores mediante um mecanismo biopolítico, a espoliação maximizada. Mas decerto é que também se trata, e talvez muito mais, de algo nada metafórico. Pois bem, aos investidores o que pesa sobremaneira é o lucro, é a máxima extração da mais-valia, nada mais. Motivo o qual, por sua vez, fomenta as incessantes medidas algorítmicas em prol da velocidade através das ruas. O resultado de tudo isso não é, portanto, apenas o aumento das entregas, nem mesmo apenas a redução das esperas, ou seja, fatores ótimos para uma margem muito mais elevada de lucro. Ora, o que então também resulta daí, e talvez com maior relevância, apesar de pretensamente velada, é a vertiginosa propensão aos acidentes motociclísticos. Para além da biopolítica, o que assim entra em causa é logo um mecanismo necropolítico, a teratologia, ainda que já instaurada de modo cinzento, pois condena de antemão os motoboys à morte, a um destino malfadado, literalmente à explosão.

Ora, não se trata apenas do “fazer viver”, mas por vezes ainda do “fazer morrer”; também não se trata apenas do “deixar morrer”, mas por vezes ainda do “deixar viver”. Esses são, portanto, os “direitos de vida e de morte” implícitos na égide do “novo monstro”, são as variantes do constrangimento hoje cominável aos motoboys sob os mais anômalos

⁴⁷ LIMA [GALO], Paulo Roberto da Silva apud FOLHA de S. Paulo. ‘Entregador Antifascista’ critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa. YouTube, 24 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tciccleoIg>>. Acesso em: 19 de mar. de 2022.

tentáculos em congestão. A saga cotidiana de qualquer motoboy parassubordinado enfatiza sobretudo isto, o fato de que o controle o interpela sem tréguas, seja sob uma, seja sob outra, seja até mesmo sob um arranjo entre duas, entre três ou até mesmo entre as quatro variantes dos “direitos de vida e de morte” contemporaneizados, bastando, a cada caso, aquela ou aquelas que melhor lhe convém. Isso ocorre com os entregadores do 99Food, com os do Rappi, com os do Loggi e com os do Uber Eats, assim como também com os entregadores das demais plataformas digitais; mas ocorre, sobremaneira, ao menos no Brasil e no mais alto grau de arranjo entre as quatro variantes em causa, com os entregadores do iFood,⁴⁸ a maior *startup* no ramo de delivery no país. Mormente ante esta *startup*, ora eles são espoliados, ora eles são expurgados, ora eles ainda são, ao mesmo tempo, espoliados e expurgados, precisamente sob duas modalidades gerenciais. A primeira, a modalidade Nuvem, por sinal muito similar ou mesmo equivalente às modalidades empregadas por tantas outras plataformas digitais do mesmo ramo, ocorre sob uma coordenação algorítmica desempenhada diretamente pelo sistema de cada *startup*. A segunda, a modalidade Operador Logístico, também conhecida pelo seu acrônimo, OL, empregada inicialmente pelo iFood – embora recentemente também já empregada pela Loggi, sob outra alcunha, a modalidade Leve –, ocorre sob uma coordenação mista, embora não menos algorítmica, passando ao mesmo tempo pela intermediação de uma empresa terceirizada. Diferentemente do entregador Nuvem, o entregador OL, por exemplo, recebe os repasses concernentes à sua remuneração das mãos de terceiros incluídos no gerenciamento; estes sim, remunerados diretamente pelo iFood e encarregados de refazer os repassasses, inclusive os das gorjetas, como melhor se lhes aprouver. Um motoboy de trinta anos cujo nome, por temer represálias gerenciais, quisera manter em sigilo, afirmou que era como se ele estivesse “registrado na CLT, mas sem ter nenhum direito, nem salário. Era tudo controlado pelo gerente OL, que

⁴⁸ O iFood, apesar de operar inicialmente apenas no Brasil e de ter sido fundado por brasileiros, hoje opera também em países vizinhos, sendo ainda a maior *startup* no ramo de entregas na América Latina. No Brasil, a *startup* se sobressai muito em relação às concorrentes, alcançando cerca de 80% da demanda, atendendo por volta de 70 milhões de pedidos por mês, com aproximadamente 330 mil lojas e restaurantes cadastrados, presentes em mais de 1.800 cidades, no mínimo assim espoliando cerca de 200 mil entregadores. Suas ações, desde a fundação no ano de 2011, não é novidade, desde o início já vinham sendo largamente comercializadas. Contudo, depois de ter sido adquirida em parte por diversos investidores mundo afora, uma empresa brasileira, a Movable, controlada por uma subsidiária de investimentos internacionais sediada na Holanda, a Prosus, cujo capital, por sua vez, provém de um conglomerado sediado na África do Sul, o Naspers, numa operação de aproximadamente R\$ 7,8 bilhões pelos 33,3% das ações remanescentes, bem no início do segundo semestre de 2022, enfim, assumiu o controle total, alcançando os 100% de suas ações.

tinha o poder”, segundo ele, de lhe “bloquear no *app*.”⁴⁹ A bem da verdade, trata-se de uma modalidade que embaralha as cartas do jogo jurídico, uma vez que assim o que se põe em causa é a blindagem das *startups* no que concerne à reivindicação do vínculo empregatício por parte dos entregadores. Em última análise, justamente assim é que cada *startup* pode vir a alegar que ela é que é a intermediária da prestação dos serviços, não a empresa terceirizada. E para além disso, ou seja, para além de tentar se eximir previamente de quaisquer responsabilidades jurídicas, muito mais grave talvez é que, ao mesmo tempo, assim ela termina por exponencializar o controle sobre o trabalhador parassubordinado.

Não é então por mera coincidência, por exemplo, que o iFood vem criando dificuldades para as migrações da modalidade OL para a modalidade Nuvem, ou mesmo para os novos cadastros diretamente na modalidade Nuvem. Entre os motoboys, há inclusive receios de que esta em breve seja extinta, restando-lhes apenas o cadastro naquela que os “subordina ainda mais sem direitos” ao lhes estipular um horário, um turno a cumprir todos os dias, evidentemente, de modo a garantir que haja sempre um enorme contingente de trabalhadores de prontidão ao longo das ruas. Com efeito, trata-se justamente de algo que a *startup* não alcançaria sem uma prescrição inflexível. A *parassubordinação* desvela-se assim efetivamente como uma espécie de *pseudoautonomia*, pois o trabalhador acaba sendo excluído da proteção securitária legalmente prevista para o “trabalho subordinado”, concomitantemente sendo impedido de usufruir das vantagens previstas para o “trabalho autônomo”. Ora, se porventura quiséssemos melhor sintetizar a conjuntura de flagelos de um motoboy à mercê de uma tal “subordinação sem direitos”, incontornável seria então que a confrontássemos com a conjuntura de espoliação à qual Camus circunscrevera os familiares de Jacques Cormery. “Só um acidente de trabalho, quando eram empregados por empresas com seguro contra esse tipo de risco, possibilitava o ócio, e suas férias estavam ligadas ao hospital ou ao médico. [...] O desemprego, sem nenhum tipo de seguro, era o mal mais temido [...], o trabalho não era uma virtude, mas uma necessidade que, para permitir viver, levava à morte.” Para os familiares de Jacques Cormery, não era, portanto, nem o privilégio financeiro nem mesmo o privilégio recreativo que mais contavam, mas sim o “privilégio da servidão”,⁵⁰ uma pseudovantagem que trabalhadores como Dos Santos hoje

⁴⁹ ANÔNIMO apud MACHADO, Leandro. A rotina de ameaças e expulsões de entregadores terceirizados do iFood. *BBC News Brasil*, 24 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53521791>> Acesso em: 19 de mar. de 2022.

⁵⁰ CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2022, p. 273-274 [1994].

sequer chegam a entrever em seus horizontes. Não por acaso, justamente com esta referência à última obra de Camus, publicada apenas postumamente, foi que Antunes⁵¹ iniciou uma de suas mais recentes abordagens trabalhistas. E ao longo de sua investida teórica, todavia, o que ele pressagiu para um futuro não muito distante, interpõe-se já, intempestivamente, ao seu prognóstico. Segundo suas palavras, com vistas a um porvir assolador, se as novas tipificações do trabalho não vierem a ser radicalmente confrontadas e obstadas, os novos proletários em breve irão oscilar entre o desemprego e o mais completo desalento, serão em breve, segundo ele, relegados nem mesmo ao “privilégio da servidão”. Ora, ora; mas já não era exatamente tudo isso o que estivera em causa no pleito, se não no dos contemporâneos de Camus, então no dos operaístas italianos diante da reação ao Maio Rastejante? Ou ainda, já não era exatamente tudo isso o que estivera em causa no pleito dos sindicalistas diante das reações patronais às mais diversas agitações grevistas logo em seguida desencadeadas mundo afora? Pois já não é exatamente o “privilégio da servidão” aquilo que há tempos foi subtraído dos trabalhadores? A grande novidade contemporânea é uma só: a renúncia às máscaras. E até mesmo bem pior: ao menos no que tange a esse contexto de “guerra dos apps” vertidos ao ramo de delivery, o que frequentemente entra em causa é algo ainda mais grave. Pois num tal contexto em que Dos Santos desponta ao longo das ruas, como se faz notar, o que procede não é mais o recrutamento, é o cultivo de trabalhadores conduzidos aos limites da espoliação, ao lado da qual, não obstante, no mais das vezes, a expurgação ainda deita raízes.

Trata-se de corpos que não são mais apenas modelados, mas de corpos modulados, culminando na modulação algorítmica da experiência urbana de cada um. É sob uma tal ótica algorítmica que os motoboys em particular, assim como os espaços urbanos por eles perscrutados, enfim, são assimilados apenas como vetores numéricos, nada mais, quer seja mediante objetivos expropriatórios, quer seja mediante objetivos expurgatórios. Essa modulação corpóreo-espacial culmina na imposição de rotas em princípio inalteráveis, rotas que, se desviadas, torna o transgressor passível de punições variadas, a saber, tais como os bloqueios ou até mesmo, em alguns casos, a ausência dos repasses como bonificação do trabalho realizado, um calote, afinal. Naquele fatídico dia, obviamente antes de ser alvejado por Schimid bem na mediatriz da Rodovia do Sol, Dos Santos percorria rotas assim, digamos, inalteráveis. No decurso de quatro ou cinco entregas precedentes àquela que

⁵¹ Ver ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

culminaria nas mais indesejáveis sevícias, ao tentar seguir por mais um dos logradouros de sua rota, deparou-se com uma vala aberta pela chuva que àquela altura insistia apenas um pouco menos torrencial. Pareceu-lhe tão logo intransponível, tinha a propósito uns três metros de largura. E era funda, bem funda, algo em torno de três metros também. Estendia-se por quase todo o sentido transversal do asfalto. Tanto é que chegou a comprometer os meios-fios pela erosão que não havia cessado em definitivo em nenhuma de suas margens. O solo continuava a deslizar, paulatinamente, mas ainda com iminentes riscos de ceder de uma só vez em grandes porções. Alguns poucos curiosos já vinham se dispersando naquele instante em que Dos Santos apareceu repentinamente diante do abismo que ameaçava ganhar mais terreno. O aguaceiro já começava a engrossar novamente e a lacônica iluminação pública não colaborava muito para evitar um acidente iminente. Mesmo assim, mais de perto, dava pra se avistar que mais abaixo havia a ponta de algo, talvez um pneu esbelto, parte do que parecia na verdade ser uma motocicleta soterrada.

— O cara está morto irmãozinho! Quando ele viu o buraco se abrindo debaixo dele já era tarde – falou o motoboy que aparentemente não há muito havia ali chegado, ao lado do qual, ao chegar, Dos Santos se deteve, arregalado, com ar de espanto. — “Frear ele até freou”, foi ao menos isso o que me disse um motoboy que acabou de partir. Parece que o cara ali embaixo nem vinha tão rápido assim, mas não deu não! O buraco abriu logo que ele começou a frear, ele nem sequer chegou a cair no chão, a moto foi virando em cima dele e a terra engoliu. É foda! – exclamou ainda o motoboy bem ao lado, remetendo diretamente a Dos Santos suas palavras, fazendo em seguida uma pausa silenciosa, em tom de pesar, antes de concluir sua fala. — Então vou nesta! Nessas horas a gente quase esquece, mas é vida que segue! Tenho ainda que concluir minha rota. Dá pra passar por aqui, olha só, bem na beirada; dá até pra ver o rastro de um dos nossos que acabou de passar. Cuidado aí!

Dos Santos despedira-se gestualmente rendendo-lhe um agradecimento solene. Não lhe proferiu palavra. E mesmo testemunhando o seu congênere assumir o risco da travessia, não havia ainda chegado a uma decisão resoluta se seguiria ou não aquela arriscada indicação. Isso, conseqüentemente, fazia-o colocar-se tão logo a questão: “transgredirei ou não a rota imposta pelo iFood?” Ademais, tudo aquilo causara-lhe forte impressão. Procurou então se desvencilhar da ideia de que bem à sua frente jazia alguém soterrado até tomar enfim uma decisão. Os deslizamentos de terra ainda não haviam cessado; tudo à sua volta naquela margem ameaçava ceder. Não por acaso, nem ele nem decerto os outros antes dele dignaram-se a se lançar sobre a já funda erosão e cavar em busca de um *igual*. O motoboy

que havia lhe sido demasiadamente diligente com informações deveras verossímeis sem contudo ter sido solicitado, ao demonstrar a travessia, até conseguira vencer o abismo, mas por pouco quase nele caíra. O risco era iminente evidentemente não apenas pela manobra. Nisso, o fato é que a desventura presumível na travessia também não deixava de lhe atrair como o prenúncio de uma ventura fruível. Além do mais, sua decisão não podia mais tardar, caso contrário acabaria em todo caso punido, se não pela transgressão da rota, ao menos pelo atraso da entrega. Foi quando chegou outro motoboy como há pouco ele próprio houvera chegado, parando também bem ao seu lado, de frente para o pequeno despenhadeiro recém-formado na pista. Dos Santos então se voltou para o motoboy, ecoando como que um mantra apócrifo, também sem ter sido solicitado. Enunciava quase que com as mesmas palavras tudo aquilo que o outro motoboy lhe havia informado, do mesmo modo, já encerrando sua fala, ainda demonstrando como vencer o obstáculo, também se arriscando na travessia, quase despencando no abismo.

Notemos assim, antes de mais, que a cidade dromológica, embora abra margens para venturas impensáveis, explicita na verdade uma cabal tecnicização, ao mesmo tempo anatômica e geográfica. Uma tecnicização tão mais especializada que agora atinge todo e qualquer cidadão, sem exceção, ainda que com maior ou menor intensidade, a depender da condição de existência de cada um, mas atingindo em cheio ao menos os motoboys. Ora, ela modula-os ao mesmo tempo que os obseda, implacavelmente. A celeridade enquanto uma máxima do aperfeiçoamento técnico no desempenho de seus afazeres é, sim, o fator peremptório de uma espécie de imposição exigida para a manutenção de suas incumbências precarizadas. “É preciso entregar rápido, cada vez mais rápido!”, eis as palavras de ordem que os impelem. Pois bem, é justamente uma tal peremptoriedade que o malogro de Dos Santos indicia, ou seja, a intolerância ao atraso. E mesmo assim, entretanto, é também justamente uma tal peremptoriedade que intensifica uma conduta desejada ou até mesmo autonomamente já consumada por ele e por tantos outros como ele. Mediante essa ambivalência, evocando aqui com ressalva a distinção entre os “imperativos” de Kant,⁵² dir-

⁵² Se, para Kant os “princípios práticos” são as determinações gerais da vontade, subdividindo-se entre “máximas” e “imperativos”, por um lado, as “máximas” seriam as determinações subjetivas (ou individuais), enquanto que os “imperativos” seriam as determinações objetivas (ou morais). Assim sendo, ainda para Kant, dentre os “imperativos”, há ainda duas subdivisões, o “imperativo hipotético”, que seria uma determinação condicionada ao alcance de um fim (uma moral prescritiva), e o “imperativo categórico”, que seria uma determinação incondicionada pura da vontade (uma moral, digamos, supostamente autônoma). Ao menos neste último caso, ou seja, no que concerne ao “imperativo categórico”, Kant acaba sendo assim racionalista demais, como de praxe, demasiadamente humano, pois a vontade por definição pressupõe que agimos regidos pela razão, e pior, como se uma decisão autônoma fosse de fato cognoscente, ou seja, racionalmente aprisionada.

se-ia que o “imperativo dromológico” é, sim, para os motoboys, uma espécie de imperativo hipotético que os vitupera ao coagi-los economicamente, quando ainda não de modo emocional, no mínimo de modo psíquico; mas, ao mesmo tempo, é também o “imperativo dromológico” que os compraz e que os impulsiona, exponencializando neles algo quase que inato e, por isso mesmo, ademais, dir-se-ia ainda que lhes é talvez sobretudo uma espécie de imperativo categórico. Trata-se, portanto, da condição malograda e ao mesmo tempo fortuita daqueles que, todos dias, a cada logradouro, espoliados, predispostos à velocidade, acabam tirando a “sorte grande” mesmo na iminência do infortúnio. Afinal de contas, trata-se para eles de um potencial fluxo de agruras bem como de júbilos a conduzir-lhes, ou às moléstias, as mais críveis, ou às venturas, as mais improváveis.

Seria então minimamente lícito supor que, entrementes, ao avocar a velocidade já há uns dez anos não apenas através das ruas de Vila Velha, mas também ao longo dos diversos municípios da mesma região metropolitana polinuclear, Dos Santos já tenha noutras ocasiões sido vítima da beligerância, da hostilidade, sendo também alvo de tentativas expurgatórias tal como aquela que o abocanhou bem na mediatriz da Rodovia do Sol. O simples fato de morar numa casa popular junto à sua companheira conjugal com mais um filho, uma filha e duas enteadas, nos limites de Jabaeté, bairro situado no conglomerado de Terra Vermelha, na Grande Jucu, há aproximadamente quinze quilômetros do Centro, prontamente escancara, se não exatamente a sua iminente expurgação, no mínimo a sua já consumada proscricção tanto quanto a de toda a sua família. O povoamento de toda a região ocorrera a contragosto alheio, a partir da década de 1960, no curso das instalações dos grandes projetos industriais ao longo da costa, efetivando-se assim quase sempre via ocupações ao largo de qualquer política pública direcionada à habitação. Isso fez com o estigma de pobreza prevalecesse sobre o território tanto quanto sobre aqueles que dele a partir de então proviriam. Estigma ao qual, por sua vez, foi de súbito associado o estigma de violência. “Todo mundo vê Terra Vermelha como um bairro que só tem crime, não vê as coisas boas!”, queixou-se Dona Joana, buscando combater a discriminação que a estigmatiza junto aos seus vizinhos. “Eu já falei isso na rádio, que deveriam, ao invés de estar falando que Terra Vermelha é isso, é aquilo,

Eis então uma ressalva concernente tão só a este último caso, pois contra a hipocrisia nele implícita, o “imperativo categórico” poderia ser entendido, de maneira um tanto mais potencial, como uma determinação incondicionada pura não da vontade, mas do desejo (uma hipermoral, tal como propria Nietzsche, pois só assim motivada é que seria de fato autônoma). Ver KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009 [1785].

eles poderiam vir aqui e ver com seus próprios olhos as coisas boas”,⁵³ concluiu a altiva rubroterrenha. Através de mais alguns depoimentos como esse, obtidos mediante uma abordagem ancorada na história de vida das pessoas, Oliveira muito bem indicou que para os habitantes de Terra Vermelha, muito mais difícil que o enfrentamento dos problemas infraestruturais, é ainda o enfrentamento à estigmatização que os circunscreve, que os aparta, que atualmente os rechaça. Proscrito assim como os seus vizinhos, aonde quer que se encontre, portanto, Dos Santos não adentra o mesmo orbe urbano de seus mais diversos algozes, ou ao menos não o adentra na mesma condição que a deles, pois com frequência, ao longo das autocircunscrições que lhe são alheias, é por eles rechaçado, ainda que com os mesmos ou com qualquer outro cidadão compartilhe um só segmento urbano dromológico, um segmento sem fronteiras ou que se projeta sobre as membranas imunitárias, desguarnecendo-as momentaneamente, mas que se esvai facilmente à medida que sua lei é violada.

E qual seria, entre tantas e tantas infrações, a “infração das infrações”, afinal, a violação irremissível? Para o dissabor de pensadores como Santos,⁵⁴ talvez o maior entre os antípodas do “imperativo dromológico”, a resposta não poderia ser outra: trata-se da lentidão, da demora, do atraso; uma infração que recai sobretudo nas costas daqueles quando no desempenho de suas atividades profissionais precarizadas. Foi tão só ao cumpri-las, a saber, que Dos Santos passou a ser pseudoincluído em terras ao longo das quais será sempre proscrito, restando-lhe sempre o risco de ser a qualquer instante além de espoliado, ainda expurgado. Pois sobretudo ao longo das autocircunscrições que são alheias, nutre-se uma alteridade dissimulada, celebra-se uma igualdade sem isonomia, e mesmo assim desde que o *de fora* aja conforme o programa a ele atribuído, pois desprovido de quaisquer garantias de segurança ou mesmo securitárias. Ao sair de casa pra mais um dia de trabalho, percorrendo inicialmente as ruas de Terra Vermelha na Grande Jucu, quase todas repletas de sulcos de água suja empoçada, além de uma valeta a céu aberta aqui e ali em meio às quais, ora lixo, ora entulho, tudo a jazer enlameado, até enfim alcançar o acesso à Rodovia do Sol, na margem oeste de quase todo o conglomerado, exatamente num ponto há nove quilômetros de onde quase foi terminantemente imolado; e, ademais, ao percorrer ainda quaisquer outros

⁵³ SILVA, Genair Maria da [Dona Joana] apud OLIVEIRA, Ueber José de. Resgatando memórias de quem faz história: a ocupação e transformação da Região da Grande Terra Vermelha-ES. *Revista Urutágua*, Maringá, n. 30, p. 42-58, mai./out. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/21979>>. Acesso em: 19 de mar. de 2022.

⁵⁴ Ver SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2008 [1996].

logradouros da Região Metropolitana da Grande Vitória, com efeito, as membranas imunitárias o interpelam sem trégua. Sim, Dos Santos é interpelado por elas quase que a cada esquina ao percorrer cada uma de suas rotas de entrega. Porém, se o restringirmos apenas à fluidez dromológica tecnicamente estimulada ao longo de tais logradouros, por outro lado, dir-se-ia que as mais diversas redomas esmorecem, que as membranas imunitárias abrandam, porque dromologicamente o que procede sobre cada logradouro é a fluidez mais ou menos otimizada a depender da infraestrutura local. Ora, a cidade dromológica é ubíqua, pode ser localizada em todos os lugares, está em toda e qualquer parte e hoje tende a tragar a todos, indiferenciadamente, ainda que ao longo de seus segmentos esmere cada um segundo os seus atributos sociais, segundo as hierarquias preexistentes. Não obstante é por isso mesmo que a cidade dromológica se funda ou é fundada de modo utilitário. Ela se sobrepõe às fronteiras, mas é por demais intermitente, sobretudo para os supérfluos, pois acede à proeminência das membranas imunitárias quando menos se espera, bastando que sua frágil lei seja violada. Nas intermitências dessa sobreposição dromológica é que os *homens de bem* despontam ainda mais exasperados, é que magarefes e magarefes ressurgem, é que os niilistas soergem, e o *leitmotif* gregarista ou mesmo individualista que corroboram mais uma vez é acionado contra todos aqueles que se lhes afiguram como bárbaros ou como meros estrangeiros crônicos, estes assim convertidos instantaneamente em proscritos, isto é, em matáveis, em expurgáveis. É obviamente por isso mesmo que os segmentos dromológicos perscrutados por Dos Santos, ante as membranas imunitárias que o repelem, no que concerne à hierarquização urbanamente estabelecida, mais não poderiam ser que ilusionismo de inclusão para o recrutamento de trabalhadores desvalorizados de antemão. Assim sendo, embora por vezes absortos no calor das manobras ou na fruição de suas atividades, ou seja, fortuitamente tragados pela dromologia, nem ele nem qualquer outro como ele encontrará ainda plausível razão ao julgar-se ao abrigo dos perigos, pelo menos não enquanto a cidade conservar aquela fisionomia milenar, atroz, infernal, sempre atualizada; em suma, enquanto a cidade não cessar de se lhes manifestar como esta maquinaria social, histórica, geográfica..., urbana, enfim, por meio da qual magarefes e magarefes ressurgem cada vez mais hiantes não apenas a lhes espoliar.

Do infernal ao demônico

Há o magarefe informal, o canivete oleado de sangue, Schmid, o *homem de bem* exasperado, a hostilidade social, a tecnização anatômica e geográfica, a “guerra dos *apps*”, a dromologia como imperativo hipotético, o magarefe populacional, a exasperação dos instrumentos sanitários, a hostilidade epistêmica..., e para além da espoliação que fomentam, se não ainda a expurgação, no mínimo as tentativas expurgatórias de cada dia: há pessoas, anteparos, instituições, empresas, todas supostamente reais, as conexões delas entre si, os seus caracteres intercalados entre a individuação e a massificação, os designadores e as designações sociais do estado de coisas urbanamente engendrado. Há ainda, por outro, Dos Santos, qualquer motoboy ao cabo em uma condição mais ou menos como a sua, a dromologia como imperativo categórico (antikantiano, isto é, desencadeado pelo desejo e não pela vontade), legiões e legiões de tantos outros proscritos, o suplício e a súplica rotineiras de cada um entre a espoliação e a expurgação ao longo das ruas, a sacralização ou a reificação a que estão submetidos, enfim; mas há, em todo caso, também a *chance*, a abertura fulgurante proveniente das chagas ao vento, o reluzir fugidio do gume ao pungir, a fenda reluzida fremindo a carne daquele que, mesmo subjugado, ao fitar a morte persevera: sim, há o proscrito em vias de transfigurar-se, a suplantação do estado de coisas passando

sempre pelo acontecimento, e dele extraindo a parte “fulgurante que extravasa sua própria atualização, ‘o cumprimento que jamais se cumpre propriamente’”,⁵⁵ a virtualização, em suma, aquilo que, em consonância com Souriau,⁵⁶ Deleuze chamou de qualidades-potenciais.

Embora sem excetuar a parte que do acontecimento é inesgotável e que justamente por isso abre margem para a transfiguração, por ora, antes de resolutamente nos vertermos a ela, caberia delinear o papel de alguns entre os predicados da proscricção concernente a Dos Santos. De modo que, no mais das vezes, ante o estado de coisas, Dos Santos e Gregor Sansa, Gregor Sansa e Dos Santos, ambos terminam assim por se imbricar entre si. Pois quando Grete Sansa enche a boca pra chamar de *monstro* o irmão que virou animal, um repulsivo inseto, em alemão ela na verdade o chama de *Untier*, nas palavras de Žižek, um inanimal: “um animal que, embora permaneça animal, não é realmente animal – o excesso além do animal no animal, o núcleo” sísmico “da animalidade que só pode surgir ‘como tal’ num ser humano que se tornou animal”.⁵⁷ A reificação, a sacralização, ao cabo um só e mesmo processo de proscricção (visto que a resultante da sacralização é a reificação, e vice versa), ao invés de animalizar o sacro, de animalizar o sem-paz, enfim, de animalizar o proscrito, a bem da verdade o inanimaliza. Kafka,⁵⁸ com efeito, em *A metamorfose*, ainda que sob delineações fantásticas, emprestou a Gregor Sansa quase que os mesmos predicados de Dos Santos; isso ao menos no que concerne à inanimalização de ambos. Pois tal como Dos Santos, Gregor Sansa, além de ser impelido a manter uma jornada extenuante, empenha todos os seus rendimentos pra manter a si, a irmã, a mãe, o pai falido, em suma, todos os seus familiares reunidos em um apartamento não muito bem situado em Praga. Gregor Sansa é pobre ou passa por acentuada decadência financeira, é assombrado pela ameaça do que se poderia nomear superfluidade, é espoliado, e, como se já não bastasse a sua expurgação por parte dos extrafamiliares, ao menos neste quesito divergindo-se de Dos Santos, é ainda expurgado até mesmo de dentro de seu próprio lar. Mas há, apesar de tudo, além desse, no mínimo mais um relevante predicado o qual os difere resolutamente entre si, ainda que em equivalente proscricção. Decerto como Kafka, Gregor Sansa é judeu – àquela altura, o maior

⁵⁵ DELEUZE, Gilles. *Cinema 1 – A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018 [1983], p. 169.

⁵⁶ Ver SOURIAU, Étienne. *Diferentes modos de existência*. Tradução de Walter Romero Menon Junior. São Paulo: n-1 edições, 2021 [1943].

⁵⁷ ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008 [2006], p. 38.

⁵⁸ Ver KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997 [1915].

alvo da insatisfação de seus conterrâneos tchecos encarnados inclusive em seus familiares, ou seja, seu lar se torna um microcosmo, uma parábola de sua pátria, de uma nação que não mais o tolera, pois o abomina, o proscreeve. Dos Santos por sua vez é negro. Com efeito, para além do vetor de classe, para além do elitismo, a inanimalidade que os imbrica também os intersecciona precisamente no mais tétrico dos vetores sociais: trata-se do preconceito étnico o qual culmina na racialização, trata-se do racismo.

Como se pode facilmente pressentir, deveras é que Kafka de modo algum negligenciou uma tal irmandade, tanto é que, ao longo de *O desaparecido* ou *Amerika*, por exemplo, o que ele acaba por efetuar é exatamente uma tal intersecção. Nesse fragmento de romance, já bem no início, deparamo-nos com o jovem Karl Rossmann, um imigrante europeu nos Estados Unidos, o qual detém quase que os mesmos predicados de Gregor Sansa, pois é inclusive facilmente assimilável como judeu (ou ainda, caso se queira, como o judeu encarnado no imigrante). Nesse preciso íterim, portanto, é já diante do escrevente a registrar-lhe numa candidatura de emprego no Theatro de Oklahama⁵⁹ que Karl Rossmann, sabe-se lá o porquê, circunstancialmente, receando revelar o seu nome, decide então assumir apenas o nome pelo qual vinha sendo chamado nos seus últimos locais de trabalho: Negro.⁶⁰ Suplantando a complexidade e a sutileza implicadas por Kafka numa tal nomeação, o que nela sobretudo se põe em causa é a intersecção do proscrito historicamente constituído entre as duas mais impactantes diásporas ocidentais: a dos hebreus e a dos povos subsaarianos. Evidentemente, não bastando o vetor de classe, é nesse preciso íterim que Dos Santos então se imbrica muito mais com Karl Rossmann do que com Gregor Sansa; mas mesmo assim, com nenhum dos dois ele se imbrica tão intimamente quanto com Michael K. Em todo caso, contudo, tal como Kafka delinea os seus personagens, Coetzee⁶¹ por sua vez em *Vida e época de Michael K* delinea o seu, numa tensão entre prostração e coragem, conduzindo-o

⁵⁹ Ao invés de Oklahoma, a grafia Oklahama foi mantida na tradução. Trata-se de um equívoco que replica o mesmo erro grafado em uma série de matérias elaboradas por Arthur Holitscher, publicadas no jornal *Neue Rundschau* entre 1911 e 1912, o qual Kafka lia corriqueiramente.

⁶⁰ A propósito de tal nomeação, a tradutora traz no posfácio uma explicação: “*Negro* (ingl.), palavra em lugar da qual estava, no manuscrito, um anagrama: o nome de origem judaica *Leo*, eliminado. Por sua vez, *Leo* é anagrama da palavra *Oel* (al.), óleo, que remete ao topônimo Oklahama/Oklahoma, lugar da corrida pelo petróleo (o “óleo negro”), e constitui também um fragmento anagramático do sobrenome de família de sua mãe, Julie Löwy (*Löwy = Loewy*).” LAGES, Susana Kampff. Das (im)possibilidades de traduzir Kafka. In: KAFKA, Franz. *O desaparecido ou Amerika*. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2012 [primeira edição composta por Max Brod em 1927, traduzido da versão crítica editada por Jost Schillemeit em 1983], p. 281. Para mais detalhes acerca de outros anagramas no mesmo fragmento em questão, ver BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle. Das Theater im namen: Franz Kafkas “Teater von Oklahama”. *Journal of the Kafka Society of America*, Nova York, v. 18 (1), p. 4-20, 1994.

⁶¹ Ver COETZEE, John Maxwell. *Vida e época de Michael K*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003 [1983].

tão logo a uma saga na qual a sua condição de existência no mundo é também levada ao cúmulo da inanimalidade. Pois desde o instante no qual saíra do ventre de sua mãe, até mesmo ela, Anna K, diante dele estremecida, não gostou daquela boca que não se fechava, mostrando-lhe um pedaço de carne viva. Michael K havia nascido com lábio leporino e mesmo assim jamais buscou corrigi-lo. De instituição em instituição, já longe da mãe, bem cedo já havia sido desprezado, abandonado à própria sorte. Ainda que mediante prévias inferências, só descobrimos que ele é negro já a uma altura bem avançada, depois de já termos reunido uma certa quantia de indícios em todo caso bastante tênues. Michael K vaga a pé, primeiramente levando consigo um carrinho de mão onde acomoda a mãe que o repugnara além de alguns poucos pertences. Pois adoentada, havendo-se ainda com a superfluidade, à mercê do recém-desalento, ela desejava ter seus últimos dias na longínqua fazenda onde passara a infância. Porém tão cedo morre pelo caminho, assim que dá entrada num hospital, e é, à revelia do filho, incinerada. Desamparado, já de posse do pacote com as cinzas da mãe, ele prossegue em sua jornada pelo interior de uma África do Sul devorada pela guerra civil. Tudo isso, entretanto, não se dá de forma tão linear e refratária aos percalços ainda mais daninhos. Buscando refúgio ao pervagar o interior já devastado de seu país, Michael K é várias vezes preso, submetido a trabalhos forçados etc.; das mais diversas maneiras é subjugado, mas reincidentemente escapa, foge, continua sua jornada em direção à terra natal de sua mãe, presta-lhe enfim as homenagens, em suma, até certo dia achar-se sozinho numa caverna remota. Recolhido, torna-se um verdadeiro ermitão, ora nutrindo-se com larvas ora cevando lagartos, quando lhe incorre talvez a mais imprevisível indagação, se acaso vivia o que chamam de felicidade. É isto mesmo: num *habitat* inóspito, sem mais referências humanas, muito mais que Gregor Sansa ou que Karl Rossmann, portanto, suplantando a dicotomia entre prostração e coragem, Michael K abre margem para a transfiguração, desvencilha-se sem maiores dificuldades do estado de coisas. E é justamente assim, alheando-se do mundo que ele se refugia de uma guerra civil em curso a cindir a todos. Como que tirando partido de sua fenda palatina, oculto e silencioso, esgueirando-se de uma guerra civil em curso, em fuga, entrega-se ao instante e persevera. Pois tal como é para Dos Santos, em todo caso, como é também até para Gregor Sansa ou para Karl Rossmann, a guerra lhe é o seu estado-de-ser-no-mundo; a guerra é, portanto, uma conjunção virtual entre eles que os franqueia horizontalmente como guerreiros incessantemente em fuga.

Até mesmo porque, afinal de contas, o que foi o *apartheid* sul-africano senão uma verdadeira guerra civil ilegalmente constituída? No interior de uma sociedade resolutamente fraturada pelo racismo, seria pois um equívoco afirmar que o que Coetzee vislumbrou por intermédio de Michael K foi uma distopia, ou então que àquela época a África do Sul não estivera de fato sob o jugo de um verdadeiro estado de exceção. Tratara-se, propriamente, como já muito bem teorizado por Agamben,⁶² do estado de exceção como paradigma de governo, ou ainda, melhor dizendo, de uma guerra não declarada, algo do qual nenhum de nós está isento, que não deixa de nos implicar a todos, tal qual aqui e agora, mas que atinge sobremaneira as frações mais invisibilizadas, os esquecidos; assombra por exemplo os favelados. “Os que gerem o mundo oficial não precisam perder noites de sono pensando em onde acomodar os habitantes das comunidades paralelas, basta aniquilá-las,”⁶³ argumentou Taddeo, ou antes, por omissão, dir-se-ia ainda, bastaria simplesmente deixar que sejam aniquiladas. É exatamente isto, não se trata de alarmismo: os guetos, as favelas, os conglomerados, são espaços segregados no interior dos quais o que está em jogo, não raro, é uma “força de lei sem lei”, espaços via de regra anômicos onde vigora um estado de exceção, onde a necropolítica se efetiva, ora pelas mãos da polícia, ora pelas mãos da milícia, ora pelas mãos de narcotráfico, evidentemente quando tais mãos ainda não se interpolam, quer seja em querela, quer seja em conluio. Com efeito, sendo assim, independentemente se Dos Santos ou se seus vizinhos se pautarem ou não rigorosamente pela letra da Lei, o conglomerado de Terra Vermelha continuará sendo regido pela “lei da guerra não declarada”. Um torrão de terra assim socialmente amaldiçoado mediante uma espécie de *apartheid* tácito, cuja circunscrição instituíra-se à revelia daqueles que o concernem, termina por lhes render a maldição, a demonização, a satanização, rende-lhes, enfim, a estigmatização. E tal é o estigma sobre cada um a ponto das populações relegadas como um todo chegarem a ser responsabilizadas pela difusão da influência maléfica, pela decadência urbana em geral, mas sobretudo pela morbidade social das áreas centrais. É justamente esse o desatino que Banfield⁶⁴ acastelou, ou seja, que a desordem e que o crime, segundo ele, antes retidos apenas às circunscrições socialmente mais estigmatizadas, alastraram-se de vez, generalizaram-se a partir dos guetos, e que é então a cidade como um todo que se tornou

⁶² Ver AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004 [2003].

⁶³ Ver TADDEO, Carlos Eduardo. *A guerra não declarada na visão de um favelado*. São Paulo: [s.n], 2012.

⁶⁴ BANFIELD, Edward. *The unheavenly city: the nature and future of our urban crisis*. Boston: Little and Brown, 1968.

o seu *locus*, restando-nos a todos uma conjuntura maléfica urbanamente generalizada. Em suma, a cidade teria segundo ele se tornado toda ela infernal. Tendo como horizonte imediato a crise urbana norte-americana eclodida na segunda metade do século passado, Banfield de modo algum vincula o modelo de policiamento à desordem e ao crime. Até muito pelo contrário, e talvez tão ou mais grave quanto, do mesmo modo, ele nem mesmo o vincula exatamente ao milicianato e seus equivalentes, tais como o narcotráfico, a máfia e outras designações do crime organizado. Todos os males urbanos seriam decorrentes do que ele considera uma “delinquência caótica”. A bem da verdade o que ele assim corrobora é então a estigmatização dos favelados tão combatida por Taddeo. Indiscriminando entre uns e outros favelados no que tange à vinculação com o crime e com a desordem, portanto, Banfield ao cabo os estigmatiza a todos, satanizando, demonizando, amaldiçoando ao mesmo tempo os conglomerados, as favelas, os guetos, para ele, antros da completa perdição urbana já alastrada.

Foi justamente mediante a instilação medonha de uma tal concepção que o movimento de abandono das áreas centrais das grandes cidades por fim mundialmente emergiu. À medida que Banfield e tantos mais assim como ele começaram a apregoar os seus impérios, muitos daqueles que dispunham de condições financeiras para tal aderiram aos novos assentamentos nos arredores urbanos, em sítios descentralizados, cada vez mais afastados e mais abastados. Mas, com efeito, ao passo que essa suburbanização ora um tanto mais ora um tanto menos elitizada se consolidava, outro movimento complementar, ainda que numa direção oposta, também veio à tona. Mais conhecido como renovação urbana, ainda se trata de um eufemismo para a gentrificação. Ora, uma e outra, suburbanização e renovação urbana, ambas emergiram como ponta-de-lança ao mesmo tempo urbanística e mercadológica ante a cidade infernal. Foi no curso ao longo do qual a suburbanização se desencadeou como tal, chegando a alcançar uma dimensão internacional, que então sobreveio uma grande valorização das glebas, com grande parte dos investimentos rumando ao interior rural, enquanto que as áreas centrais, abandonadas, cada vez mais desvalorizadas, começavam assim a oferecer o terreno precípuo para uma espécie de retorno lucrativo, largueando um novo rumo para os investimentos. É exatamente nisso que consiste o processo que Smith chamou de *rent gap*, pois “a desvalorização da área central cria a oportunidade

para a revalorização desta parte ‘subdesenvolvida’ do espaço urbano”⁶⁵, a oportunidade de ouro para a gentrificação. O falacioso postulado urbanístico dos catalães,⁶⁶ mais conhecido como planejamento estratégico das cidades, não por mero acaso, eclode no corolário desse íterim de renovação urbana, de elitização dos espaços centrais outrora abandonados. Os marginalizados, por outro lado, aqueles que inicialmente ocuparam tais áreas subutilizadas, bem como aqueles que conseguiram nelas remanescer, arcaram, ainda arcam com o ônus da elitização forçada, haja vista que a gentrificação não cessa de deitar raízes. Enxotados, varridos, expulsos, expropriados dos locais que ocuparam por pleno direito, na maioria das vezes ainda acabam relegados aos guetos, às favelas, aos conglomerados, isto é, não raro, circunscrições bem próximas das áreas centrais, ou mesmo se mais distantes, algumas tão visadas quanto. E como se não bastasse, nesses casos, a situação costuma ser ainda pior: são por vezes constrangidos pelos órgãos públicos em conluio com a especulação imobiliária, ora juridicamente, ora pelo descaso programado dos agentes da Lei, ora pela via terrorista dos especuladores a serviço do capitalismo industrial urbano, esse recente e talvez mais proeminente tentáculo do proto-Leviatã ecumênico. Pois o que mais seriam os inúmeros casos de incêndio nas favelas, sobretudo naquelas bem próximas às regiões elitizadas, senão verdadeiros atos de descaso programado ou até verdadeiros atos terroristas? É que a prosaica beligerância, é que a hostilidade em curso, seja por meio da gentrificação, seja por meio do *apartheid* contemporâneo, seja ainda por meio da expurgação ou de qualquer outro vetor análogo, enfim, sitia, coloniza o espaço urbano conforme o interesse dos herdeiros, conforme o interesse daqueles que se julgam eleitos, daqueles que, descobrindo-se ou não como tais, hoje se encontram enredados num imbróglie entre o neoliberalismo e o neocomunitarismo, ora postulando asserções ou até mesmo concretizando-as, ora simplesmente aquiescendo-as.

Bess, por exemplo, o urbanista estadunidense com particular interesse nos arquétipos sociais de ambas as tradições ocidentais mais notáveis, a clássica e a cristã, juntamente aos

⁶⁵ SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. *GEOUSP Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 15-31, 2007, p. 22. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74046>>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

⁶⁶ Entre os postulados urbanísticos contemporâneos que alcançaram proeminência, destacam-se os catalães com o planejamento estratégico das cidades, tendo como paradigma o chamado “modelo Barcelona”, o conjunto das intervenções de grande porte iniciadas logo que a capital catalã foi escolhida para sediar as Olimpíadas de 1994. Ora exercendo consultorias, ora concebendo teorias, Manuel de Forn e em especial Jordi Borja são os nomes mais consolidados internacionalmente ao lançar mão de tal paradigma. Mas há também, entre ambos, Manuel Castells, outro catalão com certa proeminência, porém, mais envolvido com as teorias do que com as consultorias, tendo ele inclusive já postulado asserções em conjunto com Jordi Borja. Ver BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 2000.

seus congêneres mundo afora, apologistas colaterais ou não do neocomunitarismo, desde os novos urbanistas⁶⁷ norte-americanos até os alphavillistas⁶⁸ brasileiros, entre tantos mais, magarefes não tanto informais quanto populacionais, são aqueles que, sobretudo por vias neoliberais, quer sejam institucionais quer sejam empresariais, se não perpetram, no mínimo legitimam a beligerância, a hostilidade. Não bastando então a expurgação já efetivada através das ruas amaldiçoadas por Banfield, em “Comunitarismo e emotivismo”, assim como os seus congêneres, Bess⁶⁹ antes de tudo acaba por efetivá-la epistemologicamente ao conclamar a autossegregação, o enrijecimento das membranas urbanas imunitárias, a instauração da cancela ou da barreira condominial. O que ele e alguns de seus sectários na verdade fazem soar como uma verdadeira saída frente aos servos do proto-Leviatã ecumênico, isto é, frente aos neoliberais a quem eles concebem como os seus antagonistas, revela-se justo o contrário, uma exata equivalência, ou mesmo uma complementaridade, pois colateralmente compartilham com eles o tema do indivíduo, por mais que esse indivíduo seja o “indivíduo que se deseja em comunhão”. Ainda que sob a tônica do gregarismo, o que acabam assim por conservar é antes o individualismo, uma tônica, afinal, corrupta e corruptível, segundo Reich,⁷⁰ já implícita no desejo fascista, pois o que na verdade põe em jogo é o direito inalienável de cada um isolado no interior de uma coletividade fracionada, orientada à própria hermetização. É isso ao menos o que facilmente se depreende da exortação de Bess às virtudes cívicas, pois seria tão somente por meio de um tal apelo, segundo ele, que os membros de uma comunidade realizariam um fim comum, um *télos*, um desígnio comunitário, tornando dispensáveis as normas e as regras civis ao substituí-las pela

⁶⁷ Peter Calthorpe, Michael Corbett, Andrés Duany, Elisabeth Moule, Elizabeth Plater-Zyberk, Stefanos Polyzoides, Daniel Solomon: esses foram os encabeçadores do Congresso para o Novo Urbanismo, um evento ocorrido em 1996, cujo documento de referência em torno dele elaborado, “A carta do Novo Urbanismo”, através de seus vinte e sete princípios, estabeleceu uma espécie de dogma vertido a uma seara de urbanistas interessados em valores neotradicionalistas. Apesar de estabelecer princípio ao menos discursivamente conflitantes aos mecanismos neoliberais, na prática, todavia, os corroboram. Ver THE CHARTER of the New Urbanism, 1996. Disponível em: <https://www.cnu.org/who-we-are/charter-new-urbanism?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

⁶⁸ Alphaville Urbanismo S.A. é uma empresa brasileira de empreendimentos imobiliários, geralmente projetados e construídos sob a forma de condomínios residenciais para edificações não verticalizadas. O primeiro deles foi erguido em 1973, o Alphaville Residencial, na zona oeste de São Paulo, ao lado da rodovia Castello Branco. Até o ano de 2014, cento e dezesseis empreendimentos análogos a esse foram concluídos, espalhados por vinte e dois estados brasileiros. Ver ALPHAVILLE. Disponível em: <<https://www.alphavilleurbanismo.com.br/home>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

⁶⁹ Ver BESS, Phillipe. Comunitarismo e emotivismo: duas visões antagônicas sobre ética e arquitetura [1993]. In: NESBITT, K. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução de Vera Pereira. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

⁷⁰ Ver REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. Tradução de Maria da Graça Macedo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019 [1933].

ética e pela moral. Ética e moral tais, nesse preciso caso, substitutivas, mas não exatamente tornadas comunitárias, pois antes, condominiais, ou, caso se queira, imunitárias. Uma substituição, sim, compatível com a sua exortação à estética neotradicionalista, pois por meio de um tal apelo é que, ainda segundo ele, as ambiências urbanas fracionadas seriam levadas à uma cobiçada solidez, a uma espécie de formalismo arquitetônico quase prescritivo. Todavia, para além da compatibilidade entre tais exortações, ambas acabam entrando em choque direto com a sua principal objeção: a contrariedade que ele assevera à segregação de classe, que é, como muito bem o sabemos, ora em maior, ora em menor proporção, ao mesmo tempo, também uma espécie de segregação étnica. Há, portanto, nitidamente em tudo isso, uma cabal incongruência. Pois se de fato não houvesse entre ambas as suas exortações, uma velada exortação em prol daquilo que ele afirma objetar, ele antes de mais não deveria delas abrir mão? Se ele de fato objetasse a segregação, ele não deveria antes abrir mão justamente das exortações que faz, isto é, da exortação à moral condominial bem como da exortação à estética neotradicionalista? Pois tais exortações vinculadas entre si não são justamente antagônicas à contrariedade que ele assevera; não são, elas mesmas, uma espécie de apelo estético a convalidar um apelo elitista e vice versa, um nivelando estético a convalidar um nivelamento social e vice versa? “Para a cidade neotradicionalista, apenas o habitante neotradicionalista”: eis as palavras de ordem por ele omitidas; palavras de ordem em prol da segregação ou da autosegregação que ele, com certa astúcia ilocutória, afirma objetar.

Por isso mesmo, não nos deixemos enganar! Exortações como as suas só poderiam mesmo ser direcionadas a um público alvo específico, esteticamente, financeiramente, afinal, ideologicamente nivelado. Trata-se, efetivamente, de exortações no mínimo direcionadas à *classe média*. Ainda que Bess não estabeleça exatamente uma prescrição concernente a tudo o que ele apregoa, a sua objeção enunciada não passa de meias-palavras, se não de palavras vazias: uma dissuasão de efeito ilocutório. Recorrendo assim a uma definição ancorada logo nas primeiras páginas da *Política* de Aristóteles,⁷¹ a seu próprio favor, ele chegou então a argumentar que “a comunidade mais importante é a cidade, [...] a comunidade das comunidades, cuja finalidade é proporcionar a melhor condição de vida possível para seus cidadãos.”⁷² Ora, ao fazer isso, tomando “a comunidade como metáfora da cidade”, tal como argumentou Drummond, “o imaginário da cidade estaria em xeque, pois” assim “ou a teríamos perdido como a alguma coisa muito preciosa ou alimentaríamos

⁷¹ Ver ARISTÓTELES. Op. cit.

⁷² BESS, Phillipe. Op. cit., p. 406.

a esperança de reencontrá-la na vida comum e no fetichismo político da democracia.”⁷³ O que se corrobora com isso na verdade é o mito da comunidade, não é sequer aquele precário vislumbre comunitário de Aristóteles. Trata, até muito pelo contrário, de uma árida miragem comunal, um simulacro muito mais danoso, embora sempre recaindo na mesma imunização que, todavia, com palavras vazias, todo substancialista ao menos desde Aristóteles sempre afirmou impugnar. É tão só a partir de ilusões como esta que se poderia então compreender a cidade como a comunidade das comunidades, já que o que se postula em algo assim não é exatamente uma tal ou qual cidade enquanto comunidade (o que também não deixaria de ser um disparate), mas frações urbanas autorreclusas, cada uma vertida apenas a si mesma, com proeminências deliberativas para além da administração pública. De modo que nem mesmo o *bem viver* ou o *bem comum* ao qual o próprio Aristóteles há muito tanto exortara acaba sendo assim aludido. Bem ao contrário, há sim alusão apenas a uma espécie de um “bem condominial”. Pois se porventura houvesse a circunscrição de uma suposta comunidade ante outras, isso já não seria admitir um fracionamento entre diferentes arranjos sociais, e, portanto, já não seria também pressupor a cidade ou uma tal ou qual fração dela, não de fato enquanto comunidade, mas enquanto imunidade? Isso já não seria então pressupor uma “cidade imunitária”, já que composta por inúmeros enclaves herméticos em torno dos quais circunscrever-se-iam os mais diversos bolsões gregários? Com efeito, o *télos* a que Bess alude é pertinente tão só à imunização, a um “bem condominial”, a um desígnio segregador, já que, para além das fronteiras, toda e qualquer finalidade por ele conjecturada elidiria, entraria em colapso. Sua falácia teórica torna-se assim evidente em diversos casos, por exemplo, bastando simplesmente que consideremos a incontestável hierarquia urbana existente entre todos os cidadãos, ou então, que ao invés desta hierarquia, consideremos a distinção talvez mais inegável entre aqueles os quais são discriminados como cidadãos e como não-cidadãos, ou ainda, caso se queira, como cidadãos e como proscritos.

Não por acaso, ao pleitear a formação de núcleos urbanos neotradicionalistas, os neocomunitaristas a bem da verdade postulam o exórdio de uma espécie de atentado populacional, um apelo à proscricção que, se levado às últimas consequências, terá então como corolário as medidas mais exasperadas. Schmid ao olear com sangue sua lâmina velada é portanto uma amostra emblemática. Mas até mesmo uma tal resultante como essa, apesar dos pesares, ela não chega de fato a corroborar resolutamente promoção nem

⁷³ DRUMMOND, Washington. Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico. In: VILELA, B. *Muros: territórios compartilhados*. Salvador: [s.n.], 2013, p. 28.

tampouco a interdição dos acessos, dos ingressos, das “livres passagens”. Dos Santos, por exemplo, não tinha “livre passagem” (ou quase isso) através daquela fração semicondominizada quando foi então vítima de um par de mãos exasperadas? Em cada fração censodesignada, condominizada ou mesmo semicondominizada, tal como aquela onde ele foi alvejado, o que procede é algo muito mais como a instauração de um retentor, uma espécie de filtro mais ou menos constrangedor, a depender do nível convencionado de vazão. Pois até mesmo ao longo dos enclaves imunitários mais herméticos, os mais diversos proscritos continuarão a pervagar, serão inclusive solicitados a isto, ainda que sempre moderadamente. São, eles mesmos, os encarregados de prover o simulacro pastoril ao longo dos Alphavilles espalhados por quase todos os estados do Brasil, ou ainda, entre tantas outras frações autocircunscritas, ao longo ainda das regiões censitárias dos novos urbanistas, tais como Seaside e suas réplicas mundo afora, a começar por Celebration, ambas situadas na costa da Flórida, nos Estados Unidos. Os proscritos são a mão-de-obra necessária para a manutenção da vida entre os “indivíduos individualizando-se mais e mais entre si”, isto é, individualizando-se gregariamente. Com efeito, tanto quanto a seara daqueles que desempenham serviços em alguma medida equivalentes ao seu, nos limiares da superfluidade, Dos Santos é também repellido enquanto residente, mas enquanto trabalhador, salvo a beligerância ou a hostilidade contra ele, não raro é até mesmo bem-vindo, mas desde que na condição de que não viole o primado dromológico, ou então de que não transgrida a paz de aspecto a que tende todo território já imunizado.

Ora, uma tal hermetização semicondominial, condominial, censitária, resulta numa organização tipológica muito menos sólida, embora ainda não propriamente postulada pelos neocomunitaristas e tampouco pelos neoliberais. Eles não se permitem enunciá-la! Isso, em todo caso, justamente por se tratar de um postulado indeclarável, impronunciável, indizível, embora tão mitológico quanto aquele mesmo postulado que encontrou a sua máxima organização tipológica com Tönnies,⁷⁴ quando este então estabeleceu a relação dicotômica de complementaridade entre os dois tipos de laços sociais segundo uma acepção corroborada pela tradição ocidental, a saber, entre a *Gemeinschaft* e a *Gesellschaft*, entre a comunidade e a sociedade. Sendo assim, ou seja, descobrindo-se ou não numa incontornável interface para com os neoliberais, a organização tipológica a que os neocomunitaristas tacitamente chegaram replica quase que esta mesma organização tipológica tradicional, porém, ainda

⁷⁴ Ver TÖNNIES, Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft: Grundbegriffe der reinen Soziologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1979 [1887].

mais empobrecida, pois ao segundo dos dois tipos de laços sociais eles terminam por aderir uma qualificação ideológica, resultando por outro lado num par que, embora derivado da mesma dicotomia, ao invés de se complementar, antagoniza-se. Dir-se-ia, portanto, que se o comunitarismo de Tönnies e de seus emuladores novecentistas pautara-se pela contraposição tradicional entre o par complementar comunidade e sociedade, ainda que por derivação, o neocomunitarismo é agora pautado pela contraposição entre o par antagonístico comunidade e sociedade infernal, entre comunidade e *uma espécie de sociedade que teria se tornado completamente maléfica*. Se porventura nos pautássemos por um tal organização tipológica contemporaneizada, a bem da verdade, muito mais falaciosa que sua matriz enfim postulada por Tönnies, dir-se-ia ainda que, por um lado, enquanto os núcleos neotradicionalistas e seus equivalentes concerniriam à comunidade, as localidades de onde provêm a grande leva de motoboys e todas as demais legiões como eles, no mínimo à beira da superfluidade, por outro lado, concerniriam à sociedade infernal, a não ser, é claro, que se leve em conta a dissuasão social de efeito retórico, como muito bem denunciou Taddeo, pois precisamente nessa acepção dir-se-ia que tais localidades relegadas, sim, concerniriam também à comunidade, porém, na qualidade de comunidade paralela. Com efeito, no primeiro caso, a comunidade é reivindicada tão somente como núcleo autocircunscrito e elitizado, nem sempre, mas com frequência ainda suburbanizado, por sua vez assim incitando os seus pretensos membros à depreciação de tudo aquilo que consideram ser derivado da sociedade infernal. Em suma, nesse primeiro caso, a comunidade é postulada como uma espécie de condomínio, uma imunização ante a cidade infernal. Já no último caso, a comunidade é tão somente reivindicada como um mecanismo segregador, a resultante malograda de um *apartheid*. No fim das contas, não passa de uma nomeação enquanto artifício retórico, um artifício dissuasivo para se chegar à circunscrição coercitiva e assim manter aqueles como Dos Santos, a título de exemplo, se não afastados, então restritos aos limites do conglomerado de Terra Vermelha. Em suma, nesse último caso, a comunidade é postulada como grandes calabouços socialmente fracionados, tão logo à revelia daqueles que os concerniriam. Pois conforme essa tácita organização tipológica dos neocomunitaristas, por extensão, não obstante, corroborada pelos neoliberais, o que mais seria uma comunidade paralela senão mais uma entre as supostas maleficências concernentes à sociedade infernal? O que mais seria uma comunidade paralela, portanto, senão mais uma entre as frações que perfazem o que Banfield considera ser a cidade infernal?

Mas quando, por outro lado, um favelado alude ao seu *habitat* como comunidade, por mais que ele aceda em alguma medida à retórica socialmente dissuasiva (isto é, implicitamente tomando-o como comunidade paralela), em todo caso ele o faz numa contestação ou mesmo numa confrontação tanto ao neocomunitarismo quanto ao neoliberalismo. É que, mesmo sem o saber, quando ele assim o faz, ou então, embora do mesmo modo, em contestação, em confrontação, quando assim o faz um sociólogo, um antropólogo, um geógrafo, um urbanista, por mais que seja com as *mais boas das intenções*, cada um na verdade termina por corroborar o mesmo aspecto orgânico e coeso da comunidade postulada por Tönnies. Em suma, tal como este, cada um termina por exaltar a organicidade e a coesão do *habitat* ao qual aludem, como se uma mera vida social em conjunto, ao menos em princípio íntima, interior, exclusiva, de fato perfizesse uma ou outra determinada comunidade, seja ela arraigada no *pacto de sangue*, no *pacto de solo*, no *pacto de espírito*, esse que é o pacto reduzido à vontade consensualizada. Tudo isso, em quaisquer dos casos, infelizmente, não passa de mais um embotamento, um empenho provido por uma vontade demasiadamente humana, senão tal e qual, no mínimo adjacente ao mesmo embotamento corroborado por Bess, por MacIntyre, pelos substancialistas contemporâneos. Ora, é bem aí que se encontra o acastelamento do grande mal-entendido da tradição ocidental, pois a comunidade, a *communitas*, ela não é uma coisa, ela não é um benefício, não é uma posse, ela não é uma substância, mas sim, bem ao contrário, uma impropriedade, uma ausência de substância, uma “insubstância”, como diria Esposito,⁷⁵ uma relação contraída mediante o *munus* que lhe é constitutivo, mediante uma *dádiva-a-ser-dada*. Ela é,

⁷⁵ Esposito, ao descobrir um ponto de apoio hermenêutico externo e independente ao grande mal-entendido da tradição ocidental corroborado pela filosofia política moderna, vai até a “origem da própria coisa”, para discorrer sobre a comunidade, partindo da etimologia do termo latino *communitas*. A este propósito, ele então escreveu: “o primeiro significado do substantivo *communitas* – e do correspondente adjetivo *communis* – atestado pelos dicionários é aquele cujo sentido vem da oposição a ‘próprio’. Em todas as línguas neolatinas, mas não só, ‘comum’ (*commun*, *comun*, *common*, *kommun*) é aquilo que não é próprio; que começa lá onde o próprio acaba [...]. Ele é o que pertence a mais de um, a muitos ou a todos – e, logo, o que é ‘público’ em contraposição a ‘privado’, ou ‘geral’ (mas também ‘coletivo’) em contraste com ‘particular’. No entanto, a este primeiro significado canônico, já visível no grego *koinós* – e que passou também ao gótico *gemein* e aos seus derivados *Gemeinde*, *Gemeinschaft*, *Vergemeinschaftung* –, vem juntar-se outro menos pacífico, pois transfere a ele a maior complexidade semântica do termo do qual provém: *munus* [...], que indica uma caracterização ‘social’. [...] Este, afinal, é o dom que se dá porque se *deve* dar e *não se pode* não dar. Um tom de obrigação tão claro que modifica, e até mesmo interrompe, a biunivocidade da relação entre doador e donatário: embora gerado por um benefício precedentemente recebido, o *munus* indica apenas o dom que se dá, não o que se recebe. Ele é projetado todo no ato transitivo do dar. Não implica de modo algum a estabilidade de uma posse – e muito menos a dinâmica aquisitiva de um ganho –, mas perda, subtração, cessão: é um ‘penhor’, ou um ‘tributo’, que se paga de forma obrigatória. O *munus* é a obrigação que se assumiu diante do outro e que pede por uma adequada desobrigação. A gratidão que *exige* nova doação [...], que manifesta a própria ‘graça’.” ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origem e destino da comunidade*. Tradução de Henrique Brigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022 [1998], p. 10-12.

afinal de contas, um sacrifício demônico, uma manifestação amorosa que não concerne, de modo algum, nem ao humano nem tampouco à humanidade. É que “o sacrifício destrói os laços reais de subordinação de um objeto”, os laços propriamente humanos, diria ainda Bataille, pois “o que o sacrifício quer destruir na vítima é a coisa – somente a coisa” humanamente instituída: extrai aquele com quem é estabelecida a relação, “arranca a vítima ao mundo da utilidade e a entrega ao do capricho ininteligível.”⁷⁶ O que então muitas vezes se enuncia ou até mesmo se tenta mesmo a partir de uma ou outra comunidade paralela, de uma ou outra “inteiridade” marginalizada, isto é, dos guetos, das próprias favelas, dos próprios conglomerados, também não é mais que a comunidade como uma coisa, como um benefício, como um “fruto utilitário”, uma substancialidade demasiadamente humana. Não por mero acaso, ainda que de um modo um tanto simétrico ou reativo, quer seja na contestação, quer seja no combate, o que assim termina por se produzir ou mesmo por se reproduzir é exatamente o grande mal-entendido ocidental, hoje sobremaneira reforçado tanto pelos neocomunitaristas quanto pelos neoliberais; é exatamente o curto-circuito semântico e etimológico que, ao invés de contrapor diretamente, equivale *communitas* e *immunitas*, comunidade e imunidade. É portanto um equívoco, e por demais perigoso pra qualquer um ou pra todos, sem exceção, perpetuar esse curto-circuito atualizado, contemporaneizado, o qual converge dois termos de fato antagônicos numa só e mesma noção que remonta o mesmo mal-entendido promovido pela tradição há muito endossada por Tönnies. Pois é disto mesmo que se trata: a comunidade dos substancialistas, sejam eles comunitaristas, neocomunitaristas, neoliberais..., será sempre uma espécie de “comunidade imunitária”, uma espécie de “comunidade imunizada”. Mesmo assim, apesar de tudo, ou seja, apesar desse pleito tanto mais incongruente quanto mais pleiteado por parte daqueles mais invisibilizados, mais silenciados, por parte dos estigmatizados, dos proscritos, mesmo assim, entretanto, é entre eles que há de emergir de fato a comunidade, a “graça da e na relação trágica”, a entrega amorosa, o sacrifício mútuo que mediante uma espécie de *daimon* os enreda. Há que se convir, é talvez entre os proscritos que haja uma maior propensão para uma tal emergência, simplesmente pelo fato de que cada um não tem muito além de si a oferecer, a entregar, a sacrificar, e, como tal, nada ou pouco, muito pouco cada um espera o que quer que seja para além da mesma impropriedade do outro para consigo. O proscrito é por excelência o “nascido do dom”, o “filho da dádiva”, o “herdeiro do futuro”, a bem da

⁷⁶ BATAILLE, Georges. Théorie de la religion [redigido em 1948]. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1974 (tomo VII), p. 307.

verdade, o deserdado. Por isso mesmo, não obstante é que há sim de emergir, aqui e ali, a qualquer instante, nada mais nada menos que a mutualidade dadivosa da existência mediante a qual, enfim, a substancialização comunitária se liquefaz.

Oculto e afásico, invisível e silencioso, mas de uma ocultez e de uma afasia ou de uma invisibilidade e de um silêncio sacrificiais, dadivosos, é que Dos Santos desponta a cada esquina. E não se trata nem de mera ocultez nem de mera afasia, mas a exemplo de Michael K, de uma invisibilidade e de um silêncio leporinos o qual nos terroriza, horripila-nos e justamente por isso mesmo termina por suscitar o estremecimento dos *daimones*. Um tal estremecimento o qual, por sua vez, na Grécia dos trágicos era decerto mais que requerido, pois antes, era desejado. Terra e tempo demônicos por excelência, a Grécia dos trágicos é o paradigma privilegiado de um mundo que nos conduz ao estupor simplesmente pelo fato de vislumbrá-lo. Com efeito, segundo a crença sobrenatural daqueles que foram conterrâneos e contemporâneos de Heráclito, isto é, segundo a crença nos espíritos não antropomorfizadas (ou ao menos não tão antropomorfizados quanto os olímpicos), os *daimones* estariam ligados a uma pessoa desde o seu nascimento, sem maniqueísmos, determinando assim o seu destino. Sócrates, por sua vez, a despeito de tal compreensão, posteriormente implicou-lhes um constante uso ambíguo, no mais das vezes equivalendo os *daimones* ao que ele compreendia como “sinais divinos”. Por isso mesmo é decerto um equívoco pensar que, ante a proeminência de suas postulações, ele ou até mesmo os seus coetâneos distinguíssem com suficiente cuidado *daimon* de *theion*; visto que, em uma de suas célebres apologias,⁷⁷ por exemplo, a sua defesa contra o ateísmo está assentada no argumento de que acreditar nos *daimones* seria o mesmo que acreditar nos deuses. Uma noção um tanto mais concisa, menos afeita a duplos sentidos, a dos *daimones* como figuras intermediárias entre os olímpicos e os mortais, por outro lado, pode muito bem ser encontrada em algumas postulações de Platão,⁷⁸ chegando até mesmo a desestabilizar a exortação demasiadamente metafísica de seu pensamento. Ao longo delas, ele, o arauto dos clássicos acede à acuidade dos trágicos, uma vez que, segundo sua argumentação, os verdadeiros deuses ocupariam o *aither*, o mundo supralunar, já os *daimones* ocupariam o *aer*, o mundo inferior, exercendo assim uma providência direta na vida dos homens. É justamente por isso que os *daimones*, estas forças não exatamente divinas nem exatamente humanas, demônicas, por assim dizer, a despeito

⁷⁷ Ver PLATÃO. *Apologia de Sócrates: Críton*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 1989.

⁷⁸ Ver Idem. *Simpósio*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: Edufpa, 2011; Idem. *Leis*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 1980.

da exegese socrática tão bem assimilada pelo *télos* cristão, em hipótese alguma poderiam ser confundidas com forças demoníacas, em nada coincidem com satanismo. Não por mero acaso, do mesmo modo que tantos e tantos além dele, amaldiçoados ou até mesmo demonizados, satanizados, dir-se-ia ainda, estigmatizados, Dos Santos também não cessa de abrir caminho em meio a uma extensão estremecida pelos *daimones*, pelas forças demônicas, essas forças heterológicas que no homem excedem o humano e que conseqüentemente o transfigura, torna-o, enfim, soberano, torna-o inumano. Uma tal extensão *a posteriori* ambivalente, pois ao cabo se revela tanto fortuita quanto malograda, ao menos *a priori* não costuma ser exatamente desejável, mas mesmo assim é sobretudo ao longo dela que o desejo de cada um a ela relegado não se extenua, ao contrário, persevera, e mais, exponencializa-se e se coletiviza, é agenciado, maquinado, insistiriam Deleuze e Guattari,⁷⁹ e a despeito de todas as injunções desejantes, termina por assim emergir como a extensão ao longo da qual se deseja o mais gracioso desejo: o desejo de não estar mais só na cidade.

Na medida mesma em que um tal desejo é agenciado, maquinado, coletivizado, uma outra cidade logo vem à tona. Uma cidade oculta porque frequentada pelos ocultos e ocultados, silenciosa porque frequentada pelos silenciosos e silenciados; mas, antes de tudo, uma cidade demônica porque faz passar para o espaço as forças que através do estremecimento lançam o humano ao “fora”, à exterioridade, transfigurando-o. Eis a verdadeira “fenda” donde emerge aquela comunidade que não se deixa embotar, ou, para falar como Esposito, “a abertura do ser que se doa retirando-se, e se retrai oferecendo-se, na vibração” mesma de sua “existência”.⁸⁰ Ao longo dessa extensão urbana por onde o desejo então se torna graça ou potência coletivizada sem injunções, Dos Santos é mais um, abre-se ao exímio esplendor para o qual se dirige os proscritos, cada proscrito; entrega-se à comunidade tal qual aquela que “Bataille (pelo menos uma vez) chamará de “[...] a comunidade dos que não têm comunidade””.⁸¹ Além de paradoxal, heterogênea e dissoluta, insubstancial, dir-se-ia ainda, a comunidade enquanto tal, ela é a relação que traz consigo a experiência trágica, anunciando assim ao mesmo tempo a tragicidade da vida daqueles que a perfazem. Esta relação trágica, a comunidade, ela é como o seu mito, como o mito comunal, uma *tautegoria*, uma anúnciação que se anuncia no mesmo passo que vem, porém,

⁷⁹ Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012 [1980] (volume 5).

⁸⁰ ESPOSITO, Roberto. Op. cit., p. 27.

⁸¹ BATAILLE, Georges apud BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Tradução de Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013 [1983], p. 39.

sem jamais ultrapassar sua vinda: anuncia-se a si mesma enquanto “vinda”, interrompendo assim “chegada” vaticinada pela anunciação mitológica, pois não cessa de vir e vem sempre, sem nunca de fato chegar. Ela é a graça mesma do devir desencadeado pela relação trágica que a constitui. A morte é o seu limite e, paradoxalmente, é também e tão somente a potência inesgotável da “chegada”, o ponto culminante que faz com que cada um a entreveja em seu curso insubstancial. A comunidade, ou uma tal comunidade que é, com efeito, a própria antítese daquela mais prosaica noção que a substancializa, ao cabo imunizando-a, enfim, só vem no *fim* que é o *extremo do possível* da humanidade, neste *fim* que é o *impossível*. E foi, pois, no *instante* de seu inconcebível triunfo, exatamente no decurso de tal *fim* o qual abriu-lhe um *confim* humano, que a morte também se convertera a Dos Santos em seta para um *confim* urbano. A morte assim experienciada, não enquanto a finitude decisiva da vida, mas, efetivamente, enquanto ferida humana, não cessa de provocar feridas urbanas. Seja como for, a morte, esse *fim* que fende a humanidade e que é, por sua vez, o que vem do *confim* humano, ela é também o *impossível* que descortina a cidade em seu excesso incomensurável. Justamente por isso, aquilo que vem da abertura, aquilo que vem do *confim* humano, a morte, enfim, ela não coincide com aquilo que é confiscado pelo *além-transmundano*, pois emerge tão somente num alhures imanente. Admitamos tão logo, portanto, que em seu percurso demente, à beira da morte, sim, Dos Santos fora tragado pelo *impossível*. Enquanto proscrito é precisamente ele um entre aqueles mais propensos a frequentar esse paradoxal alhures imanente, é justamente ele um entre aqueles mais propensos ao *fim*. Assim sendo, admitamos ainda que sim, esse *fim* é o que o predisusera à morte sem contudo levá-lo a termo, e que na amplitude mesma do *fim*, já num *confim* humano do qual provém o inexorável *confim* urbano, a cidade demônica o convoca.

Comunidade ou antiniilismo

Se foi, pois, a partir de Tönnies que a comunidade passou a ser resolutamente situada “antes” da sociedade (por isso mesmo, também “antes” do Estado, da indústria, do capitalismo etc.), e que, segundo essa predecessão, tal como desde sempre se atestou a partir da *ágape* cristã, há muito resultaria perdida como um fantasma a pairar sobre nós, agora, por outro lado, precisamente a partir dos neocomunitaristas num conluio com os neoliberais, a comunidade passou a ser situada “à frente”, não exatamente depois de aniquilada toda a sociedade, mas num certo paralelismo, numa coexistência para com ela, pois de suas brasas buscando escapar, uma vez que, para estes, trata-se então de uma *sociedade que se tornou infernal*. O fato, porém, de que nem Tönnies nem nenhum de seus seguidores ou de seus simpatizantes, até mesmo aqueles socialmente mais vulneráveis, bem como, sobretudo, de que tampouco os neocomunitaristas e, por extensão, ainda os neoliberais, todos eles, afinal, jamais tenham dado prova ou sequer testemunho de que alguma comunidade tenha ao menos uma vez existido ou possa vir a existir tal como eles a consignaram, isto é, “substancialmente”, a um só tempo é já o indício e a revelação da mitologia que falaciosamente a funda. Ora, a sociedade jamais se sobrepôs a uma suposta ruína idílica da comunidade outrora fundada; a comunidade nunca será a gloriosa remissão que se fundará sobre a sociedade arruinada. A

comunidade, ela não pode ser fundada do mesmo modo que não pode ser arruinada. Com efeito, em nenhum dos casos aos quais tantos e tantos substancialistas comunitários e neocomunitários até hoje se empenharam, jamais a comunidade foi considerada como o que ela etimologicamente de fato semantiza. Pois a *communitas*, a comunidade, ela é uma “ausência de substância”, em suma, um ponto de cruzamento no qual o niilismo a intercepta e pelo qual ainda se constituem, embora mediante diferentes acepções do “nada”, desta “insubstância” que lhes é inerente. Um ponto de cruzamento que, ademais, ao invés de aproximar comunidade e niilismo, exclui um e outro reciprocamente. “Onde há um – ou quando há um deles –, não há outro e vice-versa”, afirmou Esposito.⁸² O “nada”, portanto, esse incontornável ponto de intersecção entre comunidade e niilismo, ainda que a partir de divergentes acepções, independentemente de qual seja, soa tão ignóbil aos substancialistas a ponto de Bess, por exemplo, então reclamá-lo como sendo justo o ponto determinante que, ao invés de interceptá-los, comunidade e niilismo, rivaliza-os absolutamente.

Pois justamente contra o niilismo, contra essa tendência de fundo da sociedade a que nomeamos como moderna, bem como contra o seu mais alto impacto que agora nos atinge em cheio, é que Bess então protesta, mas em favor da comunidade mais ou menos tal qual mitologicamente ela segue sendo atestada pela tradição, isto é, “substancialmente”. Ele assim na verdade a opõe a qualquer que seja a acepção do “nada” em relação ao qual é também por ele tomada como irreduzível, na medida mesma em que, ao contrário, ele ainda a identifica com uma concretização, com uma espécie de “inteiridade” que não é de modo algum o incognoscível, o TODO que nos é imanente, mas tão somente com uma determinação nele, a partir dele. Dir-se-ia que Bess assim a identifica com o *todo*. Ora, segundo sua investida, remeter à comunidade seria, por sua vez, remeter à uma “inteiridade” preenchida por um conjunto de indivíduos atestando moralmente uma identificação entre si, mas que, conforme o que ele postulou, sequer chegaria a corroborar de fato uma “identidade comum”, à lá Tönnies, por exemplo, mas tão somente uma “identidade condominial”. De tal modo reivindicada, a comunidade só poderia mesmo ser levada ao embotamento, pois não passaria de uma adesão cujo vínculo principal é o pacto compartilhado dos bens, sendo ela mesma um bem, um benefício a ser dividido entre os indivíduos pertencentes a ela, os quais, ao mesmo tempo e por isso mesmo a pertenceriam. Esta argumentação embotada é, no fundo, ainda que parcialmente, uma argumentação proveniente de Aristóteles, a quem Bess não

⁸² ESPOSITO, Roberto. Op. cit., p. 205.

obstante reivindica como o seu principal mentor e aliado, embora até mesmo dele se desviando oportunamente ao desferir o seu ataque inescrupuloso, se não de má-fé, a todo e qualquer contorno de traço que se lhe afigura mais ou menos niilista, por mais irrisório que este seja, quer seja ou não apenas um traço de aspecto ou de aparência. Pois em seu corolário é precisamente assim que ele termina por equivaler o empenho transgressor de Nietzsche e o niilismo que o próprio filósofo oitocentista em seu tempo sobremaneira combateu; o mesmo niilismo que todos herdamos socialmente e que agora, no exato tempo presente, encontrou o seu máximo estágio de intensificação. Ancorado no vetor do individualismo, o fundamento dessa aviltante equivalência pode antes ser encontrado ao longo das páginas de *Depois da virtude*, de MacIntyre, este expoente teórico do neocomunitarismo do qual Bess por sua vez se embebe vastamente em sua conclamação reacionária de teor neoaristotélico. Ao longo de tais páginas que lhe inspiraram à falácia, não é muito difícil subtrair um atributo ufanista à cultura moral do neotradicionalismo, um atributo que, a propósito, revela-se aos poucos até bem pior, pois ao mesmo tempo ideológico. “Era certo considerar Nietzsche”, acusou MacIntyre, “de algum modo o antagonista supremo da tradição aristotélica. Agora, porém, percebemos que, no fim, a postura nietzscheana é apenas mais uma faceta daquela mesma cultura moral da qual Nietzsche se acreditava crítico implacável”.⁸³ Não é a exceção: nesse assim como noutros fragmentos, MacIntyre sorrateiramente identifica o empenho de Nietzsche não apenas com o niilismo, mas antes, o que acaba dando no mesmo, com o individualismo, justamente os fundamentos da cultura moral por ele tão marteladas, até mesmo dinamitadas. Ora essa; entre Nietzsche e o niilismo, ou mesmo entre ele e o individualismo ao qual tanto MacIntyre quanto Bess abertamente lhe imputam noutros fragmentos, não há apenas divergências, mas incompatibilidades radicais; e incorrer numa tal equivalência inadmissível condena de antemão toda e qualquer argumentação pretendida em tal direção ao charlatanismo, bem como, *a fortiori*, à insipiência, tão logo ainda à elisão teórica, embora enquanto ressonância ideológica não a torne uma argumentação menos perigosa.

Nietzsche, sendo aquele que primeiro atribuiu densidade filosófica ao niilismo, insurgira-se na verdade contra o esmagador aspecto do *nada* engendrado pela confluência dos dois grandes valores até então exacerbados no Ocidente: o religioso (Deus) e o científico (o Absoluto). Segundo ele, justamente os valores que interditavam a vida na mesma medida

⁸³ MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001 [1981], p. 434.

em que interditavam a si mesmos, pois ao cabo interditando toda e qualquer acuidade transvalorativa. Além do mais, ao mesmo tempo, Nietzsche ainda se insurgia sobretudo contra quaisquer outros grandes valores que em seu tempo já abrolhavam. Valores os quais, embora ao destituir os falsos deuses ocidentais não há muito unificados, passavam no entanto a erigir outros pra do mesmo modo promover o seu culto tanto quanto as mesmas interdições dele provenientes. Pois a nova veneração fundada sobre o niilismo ocidental do cristianismo secularizado, ou melhor, sobre os seus escombros, e que em sua maior frente poderia ser nomeada como Ideologia – esse gregarismo idólatra com os seus novos avatares instados para o culto: o Estado, a Pátria, a Nação, a Família, o Sangue etc. –, passava a ancorar-se num sistema ateológico de crenças míticas a erigir novos falsos deuses, apenas como força de expressão. Já era toda a sociedade que se autocondenava ao culto do *nada* sem mais intercessores transcendentais, quer seja Deus, o Absoluto, a Ideologia ou qualquer outro. Era e, digamos, não obstante, ainda é urgente transvalorar os valores *na* e tão somente *por meio da* vida. Para tal, em suma, eis o eco do combate de Nietzsche ao culto da metafísica, eis o eco de seu legado, o necessário combate ao culto do *nada* que agora tende nem mesmo a passar pelos novos falsos deuses que não cessaram de emergir, tanto ou até mais, muito mais que outrora, subjugando a vida na proporção mesma que o *instante* nela implicado. Um combate, afinal, ao culto direto do nada enquanto *nada*, ao culto do absoluto *nada*. Pois bem, pelo menos discursivamente, ao menos em seu artil ilocutório, é desta incontornável potência aniquiladora atualmente em expansão que Bess afirma buscar escapar, contudo, refutando absolutamente o legado de Nietzsche. Por isso mesmo, assim como os neocomunitaristas em geral, tais como os novos urbanistas ou até mesmo os alphavillistas, enfim, tanto Bess quanto MacIntyre, ao empregar medidas aparentemente combativas, ao contrário, na verdade, findam por empregar uma equivalência, recaindo no mesmo niilismo ao qual se propõem impugnar. É justamente tal influxo que os absorve, e com gravidade: o influxo para o qual tende todo o Ocidente em expansão, a sociedade hodierna globalmente integrada. Num movimento aparentemente contrário ao qual eles e tantos outros substancialistas ao menos em princípio ainda hoje aspiram, portanto, terminam sempre absortos pelo *nada*, pelo absoluto *nada* concernente à ideologia reacionária que promulgam, embora num ou noutro caso jamais a tenham assim discernido.

Por outro lado, assimetricamente oposta ao *nada* do niilismo, a *communitas*, a comunidade, ela é o NADA, mas um NADA excepcional, imanente a nós, uma espécie de “vazio” preenchido pelo *munus*, essa insubstância que é um dom de dever e não de credor,

uma expropriação originária, uma impropriedade, já que não pode pertencer a ninguém nem pode ser algo ao qual alguém pertence. A comunidade, ela mesma é o NADA constituído enquanto a relação recíproca de concessão obrigatoriamente contraída entre *um* o *outro*, entre *eu* e *tu*, entre *nós*. É justamente essa a explicitação que Esposito nos ajuda a constatar, havendo-se a um só tempo, em seu corolário, tanto com Heidegger quanto sobretudo com Bataille. Enquanto o NADA da comunidade, escreveu ele, “é o do relacionamento – a lacuna, ou o espaçamento, que faz do ser comum não um ente, mas uma relação” –, o *nada* do niilismo “é, em vez disso, o de sua dissolução: a dissolução da relação na absolutez do sem-relação”⁸⁴. Ao contrário do *nada* que a aniquila, o NADA que nos é imanente é justamente o modo de ser da comunidade, assim estabelecendo-se entre aqueles que na relação se implicam pelo fato de NADA reivindicarem, mas ainda uma relação ao mesmo tempo e sobretudo estabelecida pelo fato desse NADA revelar-se como a relação ela mesma. O NADA enquanto a relação constitutiva da comunidade quer dizer, então, que ela não é uma “coisa” nem uma “substância”, mas um “limiar” no qual *um* e *outro*, *eu* e *tu*, *nós* estamos existencialmente coimplicados. Ora, o prefixo *cum* que após uma metamorfose da língua latina conservou-se no substantivo *communitas*, prefixo o qual também remanesce no adjetivo *communis*, é justamente o que implica o *nós*, a coimplicação entre *um* e *outro*, entre *eu* e *tu*, por sua vez ligada ao étimo *munus*. Sendo assim, o *cum* é o que implica o vínculo, a relação mediante a *dádiva-a-ser-dada*, mediante essa expropriação originária, mediante o NADA da relação e enquanto a relação. A comunidade é, então, esse NADA no qual *uns* e *outros* se entrecruzam num contato que os expõe entre si na medida mesma em que os separa de si mesmos; é, portanto, o que emerge no “entre”, no “fora”, emergindo enquanto o NADA que é dado de experiência, já que nela implicado, o NADA (RIEN) tal como Bataille muito bem o distinguiu, o qual só é visado à medida que a experiência o implica, e não o *nada* (*néant*) com o qual lida a metafísica, o “nada” enquanto *nada*, esse *nada* que atravessou o Ocidente, de Aristóteles à Hegel, passando é claro com certa primazia pela hermenêutica de Tomás de Aquino. Pois se trata do NADA, se não tal qual, no mínimo adjacente àquela metafísica sub-reptícia de Agostinho, ou seja, a comunidade enquanto algo “entre a forma e o *nada*, nem forma nem *nada*, uma coisa informe próxima ao *nada*.”⁸⁵ É segundo uma tal asserção inaudita, portanto, que o arauto metafísico pode até “dizer que esse NADA é o que

⁸⁴ ESPOSITO, Roberto. Op. cit., p. 211.

⁸⁵ AGOSTINHO. Les confessions. In: _____. *Œuvres de saint Augustin*. Tradução de Francesca de E. Tréhorel e G. Bouisson. Paris: Desclée de Brower, 1962, p. 351 (volume 14), destaque nosso.

ele visa quando fala do *nada*. Mas todo o movimento” do pensamento de Bataille, por exemplo, conforme ele mesmo nos afiança, opõe-se à pretensão metafísica e a reduz a NADA. Pois “esse mesmo movimento exige que, no instante em que esse NADA se torna seu objeto, ele”, o metafísico, tão logo pare e assim entregue-se “ao incognoscível do instante”.⁸⁶

É, portanto, aniquilando todos os avatares do *nada*, transformando-o em um *télos* que há pelo menos dois séculos o metafísico nos interpela cabalmente. Perturbados ante uma tal nadificação absoluta, até mesmo aqueles substancialistas que mobilizaram uma oposição mais robusta ao niilismo, a bem da verdade realizaram a sua corroboração involuntária, findando sempre por arruinar o empreendimento comunal que em princípio tentaram engendrar. A comunidade assim tendo sido mobilizada como “coisa”, como “substância”, como um “benefício”, como uma “inteiridade” concernindo ao *todo* em torno do qual os seus membros comungariam, deu sempre com os burros n’água, resultou sempre no *nada*, deixando no máximo alguns rastros concretos, substanciais, senão de impropérios tais como muitos daqueles tentados na órbita de Tönnies, apenas de atrocidades. Pois são esses os únicos traços de fato apropriáveis que a comunhão logrou ao ser tomada como a pedra angular da comunidade. O Estado nazista e o Estado soviético, ou melhor, o holocausto provocado por cada uma destas formas ideológicas terríveis, foram os exemplos mais emblemáticos eclodidos até a primeira metade do último século no rumo das atrocidades. Já nos fins da segunda metade, entre tantos mais, pelo menos dois outros exemplos não menos emblemáticos poderiam ser elencados, pois no mesmo rumo, sem dúvida, estão entre aqueles que talvez mais nos assombram tanto pela proporção quanto pelo frescor do sangue derramado. Trata-se, por um lado, do holocausto de Ruanda, por sua vez promovido por organizações paramilitares internas, a Interhamwe e a Impuzamugambi, que sob a ideologia racista da pseudoetnia hutu, em 1994, conduziram o país ao genocídio daqueles enquadrados noutra, antagônica, a pseudoetnia tutsi, levando à morte quase um milhão de vidas. Por outro lado, trata-se do holocausto do Camboja, por sua vez promovido pelos seguidores do Partido Comunista do Kampuchea, os quemeres vermelhos, os quais, entre 1975 e 1979, promoveram o assassinio de quase dois milhões de vidas, cerca de um quarto da população nacional. Se recuarmos bem mais, até os cinco últimos séculos, constataremos facilmente ainda que ao menos em números, muito mais colossal que qualquer outro holocausto, foi o

⁸⁶ BATAILLE, Georges. *La souveraineté*. Paris: Lignes, 2012 [1976], p. 28.

holocausto colonial, a propósito, tão comunal quanto, o qual, ancorado nas conquistas ultramarinas, quando não extirpou, escravizou contingentes incomensuráveis ou sociedades inteiras de povos autóctones, desde o princípio subjugados como proscritos. Com efeito, por mais que algumas dessas formas ideológicas terríveis tenham sido categoricamente díspares ou até mesmo antagônicas entre si, assim como tantas outras não mencionadas, elas em todo caso articularam uma mitologia convergente, fundada na comunhão, só depois é que enfim culminaram nas atrocidades bem mais que notórias. Por isso mesmo, ainda assim, ou seja, mesmo que não tenham emergido enquanto mito genocida, seduzidos por aquela cadela sempre no cio, foram incapazes de resistir ao alento ardente do eugenocídio para o qual sempre tendeu cada um de seus desfechos.

Pois a comunhão é, ela mesma, o mito da comunidade. Só a morte enfim consumada nos funde, nos une de fato, nos unifica, nos totaliza; conduz-nos à comunhão, ao “não-ser”, ao *nada*, sem com isso contudo jamais nos fazer comungar. A comunidade é o que revela a incontornabilidade da morte tão somente àqueles que a afiançam na e para a vida. Não pode ser, de modo algum, uma comunhão revelada àqueles que a afiançam na e para a morte, isto é, a realização mortuária como uma revelação, já que a um morto nada mais pode ser revelado. Ao substancializá-la, arruinando-a previamente por meio da própria comunhão fadada à elisão, o que de fato os operadores do mito corroboram ao se exasperarem é a *communitas* enquanto uma inversão covarde, é na verdade a *immunitas*, pois substituem a morte daqueles que se reúnem em torno da mitologia que lhes concerne pela morte de *outrem*, daqueles que lhes são estranhos, daqueles que eles proscovem, expurgando-os absolutamente. Buscando realizar a potência originária do mito, para não assumir o fado ou a falência prévia que toda conjuração comunal prenuncia, ao contrário, fundam-se sobre uma pseudocomunhão, uma comunhão entre os seus, porém abortada, não a levando às últimas consequências, realizando no máximo a comunhão alheia, aquela que de modo algum lhes concerne do mesmo modo que jamais pôde nem poderá concernir a *outrem* nem a comunidade alguma. O que tudo isso quer dizer, afinal, é simplesmente que a comunhão concerne tão somente ao absoluto *nada*. Ora, assim como todos os experimentos comuniais banhados de sangue alheio, as regiões censitárias dos novos urbanistas tanto quanto os condomínios dos alphavillistas, se bem que muito menos assoladores, enquanto experimentos comuniais, também só poderiam concernir ao *nada*, ao absoluto *nada*. Não menos concernentes ao *nada*, ademais, também mitologicamente fundados na comunhão, entre uma miríade a ser elencada, pode-se facilmente elencar outros experimentos comuniais

mais ou menos como esses, tais como as cidades-jardins de Howard e de seus sectários, ou até mesmo aqueles experimentos comuniais que precederam o vindouro urbanismo, tais como as utopias societárias do século XIX,⁸⁷ a saber: a Nova Harmonia de Owen; o Falanstério de Fourier levado a cabo na Europa por Considerant e por tantos outros seguidores mundo afora, inclusive no Brasil; as colônias icarianas fundadas nos Estados Unidos de acordo com a Icária concebida por Cabet; o Familistério de Godin, entre tantos mais. Todos esses utopistas societários entre os quais, ao se esgarçar certos caracteres, poder-se-ia inclusive integrar até mesmo o próprio Howard, em proveito de uma instituição revolucionária, ao contrário dos neocomunitaristas, sim, todos eles tornaram possível uma desinstituição do campo social, ainda que, a despeito de suas intenções, nenhum deles tenha conseguido de fato escapar do absoluto *nada* que em princípio também declaravam combater. Também alheios ao urbanismo, se bem que em todo caso não obstante absortos por ele, outros experimentos comuniais recentemente tiveram como propósito uma aparente desinstituição do campo social, por um lado, para nele prontamente reinvestir, é o caso de Osho com a sua Rajneeshpuram fundada em Wasco, extremo oeste dos Estados Unidos, ou então, por outro lado, para nele ao menos inicialmente contrainvestir, é o caso dos primeiros fundadores da Aldeia Hippie de Arembepe, incrustada no interior da Bahia; porém, a exemplo de todos os outros, ambos ao cabo também sucumbiram, não conseguiram se desvencilhar da *absolutesz nadificante* ao menos *a priori* tão combatida.

Pois mediante o elemento mítico da relação fadada ao *nada*, todos esses experimentos comuniais acabaram sim sorvidos pelo niilismo. Por isso mesmo é que todos eles, sem exceção, jamais poderiam estar de fato vinculados àquela desinstituição do campo social atribuível às marteladas de Nietzsche. “Não temos o direito de atuar *isoladamente* em nada: não podemos errar isolados, nem isolados encontrar a verdade”,⁸⁸

⁸⁷ Em *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*, Choay elencou os diversos experimentos comuniais em seguida citados, no entanto, sem traçar uma abordagem atida à questão comunitária, pois não era mesmo esse o foco de sua abordagem. Seu empenho é estritamente historiográfico e urbanístico e ainda assim ela acaba acedendo a uma perspectiva teleológica, ao categorizá-los dentro do que ela nomeia como “pré-urbanismo progressista”. Pois bem, incorrer numa tal classificação *a posteriori*, como ela obviamente o faz, é o mesmo que cogitar o urbanismo sendo gestado antes mesmo de sequer dar indícios de sua emergência só ocorrida bem mais tarde, a propósito, precisamente a partir de Cerdà, já na segunda metade do século XIX; é, portanto, o mesmo que afirmar que Owen, Fourier, Considerant, Cabet e Godin vislumbravam o que estava por vir, que tinham completo discernimento de que estavam firmando as bases do que só viria a emergir bem depois e de um modo adventício, isto é, “casual” e não “causal”. Sua categorização opera, portanto, por “causalidade”, e não, a propósito, por “casualidade”, tal como foi por outro lado a emergência do urbanismo. Choay infelizmente assim acabou em alguma medida sendo fisgada pelo evolucionismo do qual, decerto, tanto buscara escapar. Ver CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. Tradução de Dafne Nascimento. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1965].

⁸⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Op. cit., p. 8.

escreveu ele. Eis, pois, a asserção que Nietzsche nos afiançou em seu prefácio à *Genealogia da moral*, com isso desde há muito já fustigando, legando-nos os indícios da falácia que é toda e qualquer hipótese acerca de seu individualismo. Um indício que, todavia, de maneira alguma o conduz ao seu revés, à alguma espécie de arregimentação sectária, ao gregarismo. Muito pelo contrário, trata-se dos mesmos indícios da comunidade que Bataille nos incitou a vislumbrar: a comunidade “que existiu virtualmente pelo fato da existência de Nietzsche (que é a exigência dela) e que cada um dos leitores de Nietzsche desfaz ao esquivar – isto é, não resolvendo o enigma posto (não o lendo, inclusive)”.⁸⁹ Trata-se, afinal, da comunidade que se pode vislumbrar mediante a potência abrasadora de seu desejo de ser compreendido. Esse desejo o qual é facilmente averiguável em sua lírica não foi contudo o suficiente, não o subtraiu da extrema solidão nem tampouco de alguns equívocos contra o seu próprio pensamento. Nietzsche jamais se furtou da convicção não raro megalômana de portar o maior dos segredos, perigoso demais para ser resolutamente compartilhado, enigmático demais para ser simplesmente acolhido. Pois o super-homem, aquele vastamente explicitado ao longo de seu espólio como sendo o único capaz de acessar o seu segredo – dir-se-ia ainda, o segredo mesmo da comunidade –, ainda não havia segundo ele vindo ao mundo. Como é notório, foi através dele que Nietzsche fustigou a tradição humanista até as últimas consequências. Ainda assim, não podemos nos permitir acompanhá-lo cegamente, inescrupulosos que seríamos se aderíssemos a todos os intermináveis vincos, argúcias e incongruências de suas fustigações. Pois contra o evolucionismo de Spencer,⁹⁰ por exemplo, tendo assim já em seu cômputo que a humanidade não é um todo que progride ao “melhor”, urgia para Nietzsche ou mesmo para o seu Zarathustra uma grande questão: não apenas “o que é o homem”, mas, sobretudo, “o que ele pode vir ser”, concebendo já num tal ínterim o homem como uma espécie de devir. Segundo uma tal asserção fustigante, convergindo para com uma asserção que Darwin⁹¹ já havia levado ao corolário da biologia, o homem seria, sim, a única espécie vivente capaz de se colocar a questão, num conflito inexaurível, entre a sua deriva natural e a sua produção. Algo mais ou menos assim, até mesmo muito mais convergente para com o que Nietzsche propunha, um século antes, já havia sido vislumbrado por Lenz,⁹² quando este então levava à elisão qualquer distinção entre homem e natureza,

⁸⁹ BATAILLE, Georges apud BLANCHOT, Maurice. Op. cit., p. 37.

⁹⁰ Ver SPENCER, Herbert. *The principles of biology*. Londres: Williams e Norgate, 1864 (volume 1).

⁹¹ Ver DARWIN, Charles. *A origem das espécies por meio de seleção natural: ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu Editora, 2018 [1859].

⁹² Ver LENZ, Jakob Michael Reinhold. Notas sobre o teatro [1774]. In: _____; GOETHE, J. W. *Notas sobre o teatro / Regras para atores*. Tradução de Fátima Saadi. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

natureza e homem, ambos, para ele, imbricados num só processo de produção. De modo que, ao fustigar a doutrina positivista, enfrentando não propriamente Darwin, mas aquela má interpretação darwiniana mormente convalidada por Spencer, posicionando-se assim em todo caso resoluto ao lado de Lenz, mesmo sem o saber, afinal, Nietzsche estava muito mais de acordo com Darwin do que ele mesmo em sua época pudera pressupor. Doravante, ou melhor, a partir desse ponto aquiescente para com Darwin é que os riscos de algumas de suas fustigações tornar-se-iam no mínimo inquietantes pra que sem ressalvas sejam simplesmente acolhidas.

É já mais que notório: o que Nietzsche mais visou combater foi a marcha do niilismo em direção ao *nada*, para ele, nada mais nada menos que uma progressão humanista, uma progressão tresloucada que agora nos alcança, inclinada a potencializar os seus próprios valores em falência. Trata-se, pois, de valores há muito já extenuados, na verdade mal embalsamados, pesados demais, e que como todo cadáver, não cheira bem, mas que mesmo assim, mesmo em putrefação, valores que seguem simulando louros e glórias. Numa escalada abrasadora, desejando profundamente se fazer entender, todavia, ele então acabara tomando direções temerárias, por vezes até mesmo acedendo a uma linguagem mais tradicional, corroborando preconceitos vagos, delineando assim ao menos um contorno ideológico de motivo gregário, demasiadamente humano, exatamente tudo aquilo que mais combatera. Pois, por exemplo, em uma espécie de recaída positivista, quando Nietzsche se indaga “por que não poderemos fazer com o homem o que os chineses sabem fazer com uma árvore (que ela dê rosas de um lado e peras do outro)?”,⁹³ tal como advertiu Esposito, “ele não está somente teorizando a passagem da seleção natural darwiniana para um projeto de seleção artificial: está também imaginando um sistema antropológico em que o gênero humano é dividido em categorias equivalentes entre selecionados e selecionadores.”⁹⁴ Tal qual nesse preciso caso, ao largo das mais polêmicas e brilhantes asserções de seus últimos empenhos, aqui e ali, em algumas notas esparsas, ele de fato se deixara fisgar pelo antinaturalismo contra o qual já havia se rebelado, rondando assim os quarteirões da tradição humanista cristalizada ao menos desde Pico della Mirandola. Com efeito, se porventura então ignorássemos a mais exuberante exigência humana que Nietzsche se lhe impôs, por

⁹³ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos (1875-1882)*. Tradução de Manuel Barrios e Jaime Aspiunza. Madrid: Editorial Tecnos, 2008, p. 819, tradução nossa.

⁹⁴ ESPOSITO, Roberto. A natureza humana depois do humanismo [2005]. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. *Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010 (volume 2), p. 241.

sua vez destinando-a a cada um de nós, e adentrássemos atidos puramente nos termos de sua precisa indagação supracitada, repercutindo com isso alguns aspectos venenosos da seleção natural de Darwin, boquiabertos, sim, poderíamos facilmente vislumbrar as consequências mais devastadoras. De modo que, ao pé da letra, excetuando-se o esplendor ao qual ele conclamara vastamente, o que sobressair-se-ia seria apenas o eco da razão humanista e antropocêntrica sempre pronta a condenar uns e a redimir outros. Porque nesses precisos termos, desde que deturpando o que ele mais exortara, se recorrêssemos ao cúmulo de uma seletividade humanista, sim, apenas restaria, por um lado, algo como uma degeneração humana, uma tentativa de animalização dos selecionados, e, por outro, algo como uma regeneração humana, uma tentativa de divinização dos selecionadores. De fato, somente se então subjugássemos todo o seu espólio a partir de uma tal proposição descabida, tão logo descontextualizando-o ao bel prazer, ou então, com o mesmo efeito, se ainda soterrássemos a prodigalidade em prol da qual ele tanto exorou em vida, só assim Nietzsche poderia mesmo ser tomado como um dos filósofos entre os mais gregários, como um dos pensadores entre os mais afeitos à *immunitas*. Pois não deu outra; e até muito pior: bastou simplesmente sua morte para que ele tão logo viesse a ser reclamado amplamente sob uma toada humanista exasperada. Até mesmo um pouco antes disso, ao submergir na loucura proveniente de uma sífilis que há tempos o atormentara, ele já estava entregue aos parasitas ideólogos, entre os quais, a fatal irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, aquela mesma que nas palavras de Blanchot “não tardou a içar a bandeira de seu irmão sobre as ameias do império milenar”, acolhendo “em seu antro, como os hóspedes mais bem-vindos, ‘alguns dos grandes carneiros da época’”,⁹⁵ verdadeiros magarefes, a começar por um antissemita ferrenho, o qual contra os anseios de Nietzsche a desposara, ou ainda, posteriormente, entre os derradeiros, o próprio Hitler, o qual por sua vez até ela viera para render homenagens ao irmão assim traído. No decorrer de quase um século, Nietzsche foi incessantemente empurrado numa direção à qual de modo algum o seu pensamento se consignou, pois numa direção assimetricamente oposta à seta para a qual o seu verdadeiro super-homem apontava. Os parasitas ideólogos, tais como a irmã e tantos outros a ela associados, cotejaram-no falsificando suas asserções, cooptaram-no por meio de uma trapaça hermenêutica, soergueram-no partindo de seus fragmentos mais vulneráveis; mas por vezes, sim, apenas tomaram-no ao pé da letra. Pois bem, por vezes, por raras vezes ele de fato acedera, no desejo ardente de se fazer entender, pronunciara-se à

⁹⁵ BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007 [1986], p. 90.

mesma altura do senso comum contra o qual insurgira-se. Não há como isentar-lhe desta reponsabilidade! Mas mesmo assim, ademais, mesmo ante a má-fé dos mais diversos falsários e trapaceiros, tamanha foi a acuidade de seu pensamento, que também não lhe faltaram os reparadores,⁹⁶ aqueles que o desimplicariam da pecha nazista, confrontando-a sobremaneira por meio de seu próprio legado, reconhecendo neste antes talvez o maior entre os empenhos contra o ovo da serpente, restituindo-lhe, portanto, o esplendor do seu pensamento.

Ora, Nietzsche jamais cessou de se reportar ao “fora”, aos proscritos entre os quais ele mesmo desejara incluir-se, a um só tempo se reportando muito mais ao proscrito vindouro, ao proscrito transfigurado, àquele que segundo ele, a ele viria no dia depois de amanhã, um dia no qual nem ele mesmo estaria mais aqui para avocá-lo, pois num tempo por vir. Nietzsche, o vampyrotêutico Nietzsche assim não conseguiu admitir tão claramente que a pós-humanidade ou que a sobre-humanidade que tanto conclamara em vida, ao contrário, tratou-se sempre de uma intensidade que há muito já era experienciável, a saber: a saúde *forte*, um desencadeamento fortuito, sempre passível de consumação, aqui e agora, desde a gênese humana; uma intensidade vivida pelo *qualquer* tal como o salientado por Agamben,⁹⁷ isto é, por *aquela que vem*, qualquer que seja a sua era, mas na medida mesma em que abandona a si mesmo sem reservas, enfim, ao experienciar as fulgurações do

⁹⁶ Entre aqueles que lhe rederam “justiça reparatória”, um grande destaque pode ser atribuído tanto à Bataille quanto à Klossowski, os quais, em pleno transcorrer da Segunda Guerra, em 1936, fundaram (ou, ao menos tentaram fundar) uma comunidade, então homônima à uma revista que, entre outros, também começaram a editar, a *Acéphle*, cujo subtítulo da segunda, de um total de cinco edições, é “Nietzsche e os fascistas: uma reparação”. A despeito de uma tal tentativa comunitária desde o início fadada à elisão, além dessa publicação e de tantas outras menções ao esplendor nietzschiano que fizeram ao longo seus empenhos, ambos separadamente ainda se empenharam em um livro tendo o pensamento de Nietzsche como mote primordial. Ver BATAILLE, Georges; KLOSSOWSKI, Pierre; MASSON, André; ROLLIN, Jean; WAHL, Jean. Nietzsche e os fascistas. *Acéphle*, Paris, n. 2, p. 1-34, jan. 1937; BATAILLE, Georges. *Sobre Nietzsche: vontade de chance: Seguido de Memorandum; A risada de Nietzsche; Discussão sobre o pecado; Zaratustra e o encantamento do jogo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 [1945/1973/1988] (suma ateológica, volume 3); KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Tradução de Hortência S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000 [1969].

⁹⁷ “O ser que vem é o ser qualquer”; assim Agamben iniciou o primeiro dos capítulos que compuseram *A comunidade que vem*. Logo a seguir, na tradução brasileira, uma nota nos elucida a complexidade desse termo que, doravante, no livro foi insistentemente retomado pelo autor para nos expor uma singularidade que provém, provendo a comunidade: “No original, em italiano: *qualunque*. Há mais de uma forma de se dizer ‘qualquer’ em italiano. Nesse texto, são exploradas pelo autor duas delas: *qualunque* e *qualsivoglia* (há ainda *qualsiasi*). Agamben entende o segundo termo, *qualsivoglia*, como uma explicitação do sentido do primeiro termo, *qualunque*: ‘qualquer’ (*qualunque*) é algo ‘qual-se-queira’ (*qual-si-voglia*). Em português, a composição do pronome ‘qualquer’ tem na sua etimologia uma estrutura morfológica semelhante ao italiano *qualsivoglia*: qual + quer (3a p. s. do pres. ind. do verbo ‘querer’). O termo italiano *qualunque* tem outra construção: *qual + unque/unqua* (forma antiga e poética atestada em Dante). *Unque* ou *unqua* vêm do advérbio latino *unquam/unquam*, ‘em algum momento, algum dia, alguma vez’, mas em frases negativas, interrogativas e condicionais, significa ‘nunca’, ‘jamais’.” AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 [1990], p. 9.

inumano. Fulgurações tais que, apesar de inerentes à humanidade, nela abrem uma lacuna, um espaçamento entre o humano e o seu próprio *excesso* inumano. De tal maneira, todavia, ao se reportar ao *ainda não-nascido*, mesmo sem o saber, Nietzsche indeliberadamente terminava por se reportar *àquele que vem*, àquele que não cessa de vir, que vem sempre, presentificando-se na “vinda”, a cada “vinda”, qualquer que seja o tempo da “vinda”; reportando-se na verdade a todos nós, a cada vivente ao passo que cada um se abre ao *extremo do possível*, ao *excesso* de si mesmo enquanto humano, até, enfim, deslizar ao *impossível*. Não é então por mero acaso que o super-homem ao qual ele se reportou consolidara-se como a figura mais densa de consumação de seu niilismo, ou, mais exatamente, de seu antiniilismo; pois o super-homem é, ele mesmo, o único e verdadeiro antiniilista, o antípoda da metafísica por excelência, aquele que ao negar todos os valores, passa antes de mais a negar justamente o *nada* sobre o qual todos eles se fundaram, ainda se fundam, virão um dia a se fundar. Sim, em paridade para com o que ocorre com o inanimal e com o inumano, o antiniilista de Nietzsche deve ser também compreendido de acordo com o “juízo infinito” introduzido por Kant:⁹⁸ um terceiro domínio que esgarça a distinção subjacente entre “juízo afirmativo” e “juízo negativo”. Compreendamo-lo, então, nem como a afirmação “ele é niilista”, tampouco como a negação “ele *não* é niilista”, mas como a indefinição “ele é *não* niilista”, o que consiste numa diferença radical. Trata-se do núcleo excessivo do próprio niilismo, o que há no niilismo para além do niilismo. Pois é numa tal negação radical de todos os valores, “na base típica da degenerescência e da contradição dos instintos, na perda do equilíbrio e da personalidade, no ‘amor ao próximo’”, segundo as palavras de Nietzsche, que “se descobre um valor *mais alto* [...], o *valor por excelência!*...”⁹⁹ Essa negação radical que com sua transgressão filosófica ele nos lega, é justamente o que lança o antiniilista no NADA da relação, para aí e daí de chofre afirmar a transvaloração dos valores na vida, tão somente por meio da vida, já que toda e qualquer transvaloração só encontra valor no “entre”, no “fora”, nesse espaçamento ao longo do qual se desencadeia o NADA, o miraculoso reino da soberania, a comunidade, a abrangência do “amor ao próximo”.

É, portanto, entregue ao NADA que o antiniilismo de Nietzsche se revela enquanto tal e, sobretudo, desvela o antiniilista enquanto um “estranho provedor” da comunidade,

⁹⁸ Ver KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valerio Rocha e Udo Baldur Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [1781].

⁹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 [1888], p. 130.

aquele que vem, completamente “desprovido” de tudo a não ser do NADA que é a “vinda”; uma “vinda” que assim o absorve e o transfigura tão intensamente a ponto de culminar numa espécie sub-reptícia de “molde interior”, essa “dobra” para todo movimento reportado ao *fora de si*. Uma tal experiência que é sobremaneira reportada a *outrem*, só é acessada no *instante*, neste decurso suntuoso do tempo ao longo do qual experimenta-se a morte enquanto se comemora a vida. Justamente assim, ao gemer mais uma vez, a um só tempo também mais uma vez regozijando é que Dos Santos, sempre ele, o motoboy esfaqueado, tendo escapado com vida, pôde então comemorá-la ainda que apenas a um passo da morte. E tudo isso, enfim, não sem subtrair-se de si mesmo, tão logo esfacelando a sua individualidade bem como, não menos, a sua humanidade. No decurso de uma tal subtração, na falta de si mesmo em prol da vida diante da morte, o que este motoboy em fuga e de peito ferido pôs em xeque foi a oposição entre o “excesso de sentido” gregário e o “vazio de sentido” individual, os quais, ao menos por princípio, antagonizar-se-iam ideologicamente; assim deixando flagrante que o primeiro, ao invés de divergir-se do segundo, na verdade lhe é mais que solidário: o *todo* gregário concerne ao *nada* individual, pois sobre este está fundado. Para além disso, enfim, o que ele ainda acabara deixando flagrante é que aquilo que Bess e MacIntyre, bem como tantos outros substancialistas das mais variadas vertentes ideológicas também agenciam, não é, jamais poderia, nunca poderá ser a realização da comunidade. Ela é informe! Ela é uma hiância! A comunidade não pode ser realizada; ela não pode ser concretizada. O que eles decerto mais que concretizam, pois ainda promovem, por outro lado, é a exponencialização de seu contraposto semântico e etimológico: vão facilmente assim da imunidade à imunização urbana exasperada. Ao tentar preencher o “vazio de sentido” individual, ainda que sob um pretexto comum o qual é, a bem da verdade, um pretexto condominial, o urbanismo dos neocomunitaristas culmina na renúncia de conviver. Ou seja, trata-se ao mesmo tempo de um “excesso de sentido” gregário que só poderia então resultar na imunização, no isolamento generalizado, pois se trata do indivíduo que, como tal, isoladamente, empenha-se na comunhão ao cabo sempre abortada. Ora, um tal fracionamento urbano de indivíduos sem vínculo, sem relação, é o mesmo que a dissolução de toda e qualquer relação. Trata-se, enfim, da absoluta ausência de relação, culminando na proscrição alheia, pois isso sim, com êxito e com rigor, quase sempre delineiam com exímio sucesso, tão logo delineando o potencial inimigo. Não será assim surpreendente que, mesmo ao longo da cidade dromológica, ao atravessar certas fronteiras, sejam elas semicondominiais, condominiais, censodesignadas – circunscrições tais que jamais o

acolheriam efetivamente perante a sua condição de existência no mundo –, Dos Santos, o já *prévio inimigo número um*, mais dia menos dia, novamente venha a ser expurgado, bastando a iminente repulsa, a iminente exasperação do gregarista que é, afinal de contas, o individualista mais falacioso, visto que, para além das falsas aparências, entre gregarismo e individualismo, entre neocomunitarismo e neoliberalismo, não há contradição, mas complementaridade.

O submundo transubstanciado

Vencidos e subjugados desde tempos imemoriais, perseverantes em seus dolorosos ostracismos, Dos Santos e aqueles como ele apesar de tudo fruem as ruas até mesmo ante suas maldições, ante suas demonizações, suas satanizações; colhem as ervas daninhas e também os louros de uma condição milenar. Ao longo desse exílio perpassado por gerações e gerações, a cidade jamais cessou de lhes desvelar o seu ser, de lhes desvelar o que nela há de vernacular e que só é descoberto nas sombras, nos refúgios dos guetos, nos recantos opacos que a cada esquina ou em meio às avenidas por instantes despontam como que se ainda estivessem envoltos por espessas camadas de poeira e de teia de aranha. Cidade oculta e silenciosa, porque frequentada pelos ocultados e silenciados, tão semelhante àquela cidade dos vampiros exposta por Jesi em *A última noite*:¹⁰⁰ cavernosa, como a tumba de um morto, remota, como a terra natal de um bárbaro; uma extensão então ocupada por presenças entre a vida e a morte, presenças de uma tal aberrância que nos faz recordar o quão insossa é a almejada normalidade, o quão prepotente é a vangloriosa humanidade. Ora, esse submundo urbano é tão somente a extensão estrangeira a que as criaturas da noite, da terra e do sangue foram relegadas após séculos e séculos de humilhação infligida pelos homens. Para colocar

¹⁰⁰ Ver JESI, Furio. *A última noite*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1988 [1987].

de modo categórico, trata-se de uma Turim feérica, subterrânea, em ruínas, em implosão iminente, delimitada entre caves mas que se estende até os confins do mundo conhecido, até os limiares da luz ao ar livre, embora por debaixo dos montes ou dos pavimentos. Uma alegórica cidade-cripta composta por espacialidades voláteis demais para durar, que só se dá a ver ou se manifesta no tempo de um reluzir fugaz. Ao longo dessa subcidade despontam célebres figuras outrora banidas de suas pátrias, porém transfiguradas de modo fabuloso. Todas elas assim reivindicadas como vampiros em rebelião. Um exemplo relevante é uma pessoa notável, historicamente ilustre, Hassan Sabbah, um infatigável missionário do século XI, fundador da ordem dos Assassinos, o qual Jesi transfigura em sua fábula. E no que tange precisamente a essa personalidade na mesma medida que a tantas outras também reivindicadas como personagens, precisamente como vampiros, salvo é claro a acuidade revoltosa de cada um, seria difícil negligenciar a semelhança entre elas e aquelas que, tendo padecido ante as mais caluniosas perseguições, poder-se-ia ainda vislumbrar através das páginas de *L'accusa del sangue*.¹⁰¹ Em ambos os casos, ao contestar a demonização, a satanização, afinal, a estigmatização dos judeus no contexto mais amplo da antropologia ritual e do vampirismo, Jesi desmonta a “acusação de sangue” dirigida pelos inquisidores contra eles, ou seja, de que os judeus sorviam sangue cristão durante as festividades pascoais. A bem da verdade, trata-se de um combate à “maquinaria mitológica”, de uma contestação à superstição que convalida o antissemitismo ainda latente, que ainda não se perdeu nas brumas do tempo, reapareceu em Damasco, em 1840, foi tantas vezes evocado ao longo do século XX, dirige-se agora, infatigável, acoplado às mais variadas modalidades de discriminação, implacavelmente, a cada um de nós. Mais difícil, ademais, seria não identificar nos caluniados a própria insígnia do proscrito, a insígnia de cada matável, qualquer que seja a época em que tenha vivido, pouco importa qual o embuste a ele remetido. Pois a clausura urbana de ênfase submundana dos vampiros humilhados, reduzidos à engolidores de sangue putrefato ao longo fantástica Turim de Jesi, uma Turim à sua época não obstante concretamente reconhecível, é a mesma condição de qualquer sentenciado ao que há de mais baixo nas abrangências urbanas. Trata-se, sim, de uma condição que torna cada um, um inanimal, um reificado, um sacralizado, um matável, em suma, mas que, tal qual a rebelião vampírica que na fábula de Jesi abre margem para a transfiguração de Hassan Sabbah e tantos mais, por exemplo, trata-se ainda, ao mesmo tempo, de uma condição que

¹⁰¹ Ver Idem. *L'accusa del sangue. La macchina mitologica antisemita*. Turim: Bollati Boringhieri, 2007.

torna cada um, um “*monstro* dispersivo”, um inumano. É a condição mesma de existência do *Vampyroteuthis infernalis* no homem, a condição oceânica da humanidade, uma condição urbana clandestina, visto que o *Vampyroteuthis*, assim diria Flusser,¹⁰² é o “outro do humano no fundo do mar”. Uma condição, portanto, não exatamente vampírica, mas vampyrotêutica, ou então antiniilista, pois a despeito da inanimalidade, trata-se, sobretudo, de inumanidade, de vampyroteuthização, a condição mesma do Príncipe Vogelfrei, daquele proscrito que traz consigo a seta para a transfiguração, trazendo consigo também a seta para a transubstanciação de qualquer que seja a abrangência que pervaga.

Tal qual as fabulosas criaturas de Jesi, portanto, Dos Santos também desponta em seu *bas-fond* sob a insígnia da maldição. Trata-se, pois, de um cidadão também demonizado, satanizado, estigmatizado, porque sim, um mobilizador demônico: estremece a humanidade. O que ele reverbera se manifesta como sussurros, sibilanças, balbucios, vibrações, ecos insuportáveis aos ouvidos dos sociais-democratas mais exemplares, intoleráveis até mesmo aos ouvidos dessas eminências camufladas no interior de um Estado de direito. Em todo caso, trata-se de dodecafonia esfoladora de tímpanos neutrófilos, ou de um devir-leporino, o qual não cessa de vir, que vem sempre, aqui e ali, emerge sempre, imanente a nós. Trata-se, então, de entoações e de sibilanças de uma língua taciturna que nunca pronunciamos e que jamais pronunciaremos, pois oculta e silenciosa, mas ainda a língua soberana da fala que vem, que fulgura e que freme. Uma língua ainda sem pronúncia, a língua do *instante*, mas que ao se incrustar na linguagem, evoca no “dentro” e de “entro” a exterioridade. Eis a condição do habitante cidadão que neste *limite do possível* se torna um visitante, pervaga a fenda para além das espacialidades a ele relegadas, extrapola a clausura da subcidade que lhe foi outorgada. Transfigura-se assim em um frequentador, o visitante de uma abrangência intersticial, não exatamente de uma sobrecidade, mas de uma cidade demônica, a um só tempo por ele experienciada, conclamada, entoada, sibilada... Esta extensão urbana bárbara que entre moléstias provê ainda venturas, é coextensiva, está e não está aí, não é localizável, ou ao menos não o é aprioristicamente. Ela abrolha a qualquer canto, por todos lados, e se dá a ver ou se manifesta em situações as mais diversas e adversas, tão fugazes quanto o instante de um riso, tão inúmeras quanto são as chances de enleio àquele que ri mesmo à beira do colapso ou da própria desventura. Para Dos Santos e tantos outros também relegados a uma condição como a sua, a transfiguração pela qual são tragados se dá a ver ou se

¹⁰² Ver FLUSSER, Vilém. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011 [original em alemão, de 1987, e reescrita em português pelo próprio autor].

manifesta, sobretudo, quando em alta velocidade, aventurando-se ao longo dos viadutos, arriscando-se em meio às avenidas, espremendo-se entre carros e ônibus ou ainda entre outros veículos pesados de todo tipo. Frente à avocação de salientes riscos, como não os vislumbrar soberanos, em alheamentos profusos, em acessos ao *fora de si*? Contudo, não raro, é aí mesmo, em condições as mais profícuas, em meio aos louros, que são de súbito expurgados, vitimados por motoristas em alguma manobra malograda, muitas vezes dolosa e, assim sendo, não por mero acaso. Tudo isso, ademais, no decurso de doze, treze, quatorze e sabe-se lá mais quantas horas a fio. Por mais que também desfrutem da cidade dromológica, esta assim termina por revelar-se lhes como subextensões, como um *bas-fond*, uma cidade-cripta, uma subcidade, uma “cidade de fato infernal” até mesmo, ou melhor, sobretudo para os proscritos. E mesmo assim, na iminência da exprobração tanto quanto da expurgação, exaustos e na corrida “contra o tempo”, perante a égide de *Chronos*, enfim, a nomadologia é o *leitmotiv* de cada um, sendo a efemeridade a condição mesma que provê o tempo da trégua, o *instante*, o intervalo “a favor do tempo”, mediante a égide de *Kairós*, o tempo mesmo que instaura a emergência do *espaço liso* (vetorial ou topológico) em detrimento do *espaço estriado* (métrico), ou ainda, em detrimento de uma reconfiguração entre ambos, um e outro, um no outro, implicando-se agora sob a nova égide do proto-Leviatã ecumênico. Segundo a postulação de tais termos propostos por Boulez e retomados por Deleuze e Guattari,¹⁰³ dir-se-ia então que, no primeiro caso, ou seja, “contra *Chronos*”, no tempo utilitário, tende-se a medir o espaço a fim de ocupá-lo; já no segundo caso, por outro lado, isto é, “a favor de *Kairós*”, no tempo da fruição, tende-se a ocupar o espaço sem medi-lo. Para Dos Santos, por exemplo, é no decurso de sua transfiguração que a cidade se lhe manifesta transsubstanciada; é nesse decurso, é no curso do *instante* que a cidade dromológica (abrangências urbanas *estriadas* e *lisas*, reconfigurando-se sem cessar no espaço, e percorridas ao menos pelos agentes do trabalho precarizado como subextensões) enfim transsubstancia-se em cidade demônica (abrangências urbanas *lisas* a emergir algures e a qualquer instante, dissolvendo a estriagem entrelaçada ou não à lisura, pois se trata de abrangências urbanas efêmeras, incomensuráveis, sempre inesperadas).

¹⁰³ BOULEZ, Pierre. *Penser la musique aujourd'hui*. Paris: Gonthier, 1963, p. 95. De acordo com Deleuze e Guattari, foi “Boulez quem primeiro desenvolveu um conjunto de oposições simples e de diferenças complexas, mas também de correlações recíprocas não simétricas, entre espaço liso e espaço estriado. Criou esses conceitos e esses termos no campo musical, e os definiu justamente em diversos níveis, a fim de dar conta ao mesmo tempo da distinção abstrata e das misturas concretas.” DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Op. cit., p. 196-196.

Uma tal cidade *lisa*, vetorial, topológica, demônica, tanto improvável quanto incontornável, só emerge no *extremo do possível*, a partir do instante no qual a humanidade suplanta a si mesma e se transfigura, torna-se inumana, levando a própria cidade tal qual prosaicamente a conhecemos à suspensão, à suspensão da moralidade do costume, abrindo-lhe assim ao *impossível*. É disso mesmo que se trata; e é, com efeito, a propósito, exatamente isso o que se passa ao longo dos vinte poemas de Piva, todos eles compilados em *Paranoia*.¹⁰⁴ Ora, o que Piva faz é transpor a sua cidade *lisa* para as páginas de um livro-dinamite. Estranhíssima literatura, ruptura da sintaxe, explosão da gramática, arrombamento do estilo: uma forma limitada que exprime o ilimitado, que possibilita ao humano apropriarse daquilo que o ultrapassa, daquilo que está alhures. Letras que não se curvam aos limites gélidos da língua ou da linguagem, tampouco ao aspecto lógico e discursivo da palavra, ou mesmo às condições de normalidade da vida. Pois “se voltarmos, por pouco que seja, às fontes respiratórias, plásticas, ativas da linguagem, se relacionarmos as palavras aos movimentos físicos que lhes deram origem, se o aspecto lógico e discursivo da palavra desaparecer sob seu aspecto físico e afetivo, isto é”, ainda conforme a observação de Artaud, “se as palavras em vez de serem consideradas apenas pelo que dizem, gramaticalmente falando, forem ouvidas sob seu ângulo sonoro, forem percebidas como movimentos, [...] a linguagem da literatura se recomporá, se tornará viva”.¹⁰⁵ Justamente assim, segundo uma linguagem viva e, não obstante, mediante uma lírica antropófaga,¹⁰⁶ é que Piva duplicou o *bas-fond* de São Paulo já prestes à repressão dos vindouros anos de chumbo, duplicando com isso a cidade que percorria, mas pondo-a em suspensão moral ao conclamar o Mal ou mesmo uma *hipermoral* à maneira de Nietzsche ou sobretudo de Bataille.¹⁰⁷ Uma duplicação da cidade que é, por excelência, a antítese cabal da cidade indiciária sobremaneira à época tragada por um processo industrial compulsório e hiperacelerado a determinar e a compor a moralidade do costume. Trata-se, além do mais, de uma lírica em prol do esmorecimento hierárquico entre classes, entre etnias, entre o Feminino e o Masculino, entre homossexualidade e heterossexualidade; mas ainda, sobretudo, trata-se transbordamento. O que tão logo assim vem à tona são abrangências urbanas *lisas*, extensões ao longo das quais

¹⁰⁴ Ver PIVA, Roberto. *Paranoia*. São Paulo: Massao Ohno, 1963.

¹⁰⁵ ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Monica Stahel e Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1938], p. 92.

¹⁰⁶ Ver ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago e outros textos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia Das Letras, 2017 [1928].

¹⁰⁷ Ver BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015 [1957].

o transbordamento humano ou a transgressão se engendra quase que como uma nova lei totêmica confiada ao gozo, à *jouissance*, à fruição, ao júbilo, às venturas. Uma lírica de manducação que transgressivamente proveio de uma deglutição dos próprios espaços bem como de diversas referências a partir de então neles entremeadas, a começar pelos surrealistas e pelos *beats*: de Artaud, Breton e Dalí à Ginsberg, Kerouac e Burroughs; e não parou por aí, pois teve também suas estrofes instiladas pelas proteínas não menos transgressoras de Lautréamont, de Rimbaud, de Rilke, de Sade, de Bruegel, de Whitman, entre tantas mais; algumas entre as quais inclusive na pessoa de um ou mais conterrâneos, brasileiros, tal como Mendes. Todas estas referências multiplicam-se ao longo dos seus versos livres, aparecem e reaparecem, mencionadas ou não, algumas até mesmo numa querela entre si. Mas é sobretudo o último, Mendes, um conterrâneo, aquele que oferece a Piva a fórmula para a sua transubstanciação. “Ninguém ampara o cavaleiro do mundo delirante”:¹⁰⁸ eis um fragmento do poema “Overmundo” de Mendes, aposto por Piva como epígrafe ao seu “Poema de ninar para mim e Bruegel”. Sem dúvida trata-se do verso, se não o mais, um dos mais renitentes entre as estrofes da obra de referência, o qual verdadeiramente constitui-se ainda como um *leitmotif* de todos os versos da obra para a qual é transposto epigraficamente; pois o “cavaleiro do mundo delirante” afigura-se, ele mesmo, como o próprio eu lírico de Piva, afigurando-se também como um recurso metalinguístico criado pelo poeta em consoância com o “método crítico-paranoico” de Dalí.¹⁰⁹

Pois afinal de contas é disto que se trata: de um lirismo de fato delirante, de um delírio insuflado segundo um método sub-reptício, do delírio como fonte e recurso de criação, sendo o próprio delírio canalizado, a um só tempo, a criação ela mesma, a criação de uma cidade delirante. Uma criação que, todavia, a despeito do que o título enuncia, se não inteiramente esquizofrênica, ao menos não o é tão paranoica quanto o é sobremaneira esquizofrênica. Isso porque, afinal, tal literatura é exatamente como as forças demônicas, forças desestabilizadoras, dispersivas, mobilizadas pelo desejo, ou então, caso se queira, para colocar como Deleuze e Guattari, é porque tal “literatura é exatamente como a esquizofrenia: um processo e não uma meta, uma produção e não uma expressão.”¹¹⁰ O “cavaleiro do mundo delirante”, o eu lírico de Piva o qual por vezes se confunde com o próprio poeta

¹⁰⁸ MENDES, Murilo. *Overmundo. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995 [1943], p. 413.

¹⁰⁹ Ver DALÍ, Salvador. *Sim ou a Paranoia – Método crítico-paranoico e outros textos*. Editora Artenova: Rio de Janeiro, 1974 [1933], p. 32.

¹¹⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Op. cit., p. 180.

desamparado, assustador ao longo das ruas, praças, parques e avenidas de uma São Paulo duplicada, é como Dos Santos, um proscrito que ao pervagar logradouros diversos constrói uma outra Vila Velha, e mais, uma outra Região Metropolitana da Grande Vitória não acometida pelo utilitarismo intensificado. Ambos assim transubstanciam a cidade indiciária, a cidade dromológica (bem como qualquer subextensão urbana a ela subjacente), inscrevendo nela uma cidade demônica, uma espécie de platô misárquico voltado a todos na medida mesma em que a autoridade de cada um nele se expia, um overmundo, ou, quiçá melhor, um supermundo, uma Cocanha como a de Bruegel, porém no tempo presente, nem acima nem abaixo, mas *superposta* a este mundo, o único mundo que temos. E se é o delírio, de fato, a matriz dessa “dispersão criativa”, dessa transubstanciação; se se trata de overmundo ou de supermundo, antes de mais, é preciso então diferenciar os dois tipos de polos delirantes, a saber: um congestivo, é o caso do polo paranoico, o outro, dispersivo, é o caso do polo esquizofrênico. Trata-se daqueles mesmos dois polos do delírio “unidos por Artaud na fórmula mágica: Heliogábalo-anarquista, ‘a imagem de todas as contradições humanas, e da contradição *no princípio*’. Mas passagem alguma impede ou suprime a diferença de natureza entre os dois”, isto é, “nomadismo e segregação.”¹¹¹ A segregação concerne à figura do imperador, do déspota, à figura do paranoico. O nomadismo concerne à figura do sacro, do sem-paz, do proscrito, à figura do esquizofrênico. Aí está o essencial; pois se para Deleuze e Guattari os investimentos podem ser descritos como nomádicos-esquizofrênicos por um lado, ou como gregários-paranoicos por outro, assim ambos de fato só o são na medida mesma em que têm, no primeiro caso, o inumano vinculado ao demônico, e, no segundo caso, o desumano vinculado ao demasiadamente humano. Trata-se, respectivamente, de energias e de forças antagônicas através das quais se pode reinvestir ou se contrainvestir na égide do controle, nesta que é a mais recente parafernália beligerante da repressão capilarizada. Em outras palavras, perante tal égide, o inumano vinculado ao demônico é o que conduz a um contrainvestimento, já o desumano vinculado ao demasiadamente humano é o que conduz a um reinvestimento.

¹¹¹ Ibidem, p. 367. A propósito do contexto concernente ao trecho de Artaud citado por Deleuze e Guattari: “Porque Heliogábalo, o rei pederasta e que se quer mulher, é um sacerdote do Masculino. Realiza nele a identidade dos contrários, mas não a realiza sem dano, e a sua pederastia religiosa tem como única origem uma luta obstinada e abstrata entre o Masculino e o Feminino. [...] A vida de Heliogábalo parece-me o exemplo tipo desta espécie de dissociação de princípios; é a sua imagem, de pé e elevada ao grau mais alto da mania religiosa, da aberração e da loucura lúcida, a imagem de todas as contradições humanas, e da contradição no princípio”. ARTAUD, Antonin. *Heliogábalo, ou o anarquista coroado*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1967 [1934], p. 69-70.

Isto posto, dir-se-ia então que, para muito além da pseudoetiologia familiar que os patologiza, ambos os polos do delírio resultam em duas direções da *física* assimetricamente opostas a incidir no campo social. O paranoico, por um lado, é aquele que vai numa direção de retorno ao molar. Ele é congestivo, volta-se para os grandes números, para uma ou outra grande massa gregária que o reconduz aos investimentos sociais por meio dos quais as ventosas do “novo monstro” cada vez mais se alastram sob sua forma talvez mais terrível, a mais desumana, não apenas recalçando bem como também reprimindo capilarmente o desejo. Ele, o paranoico, tende ao teratológico, almeja-se para além de toda e qualquer jurisprudência, já que, a exemplo do magano hobbesiano conclamado por Schmitt, almeja-se ao menos em alguma medida como o “soberano dos *outroras*”, como um *homem totalitário*. Mediante a especialização e a maximização, uma a uma, tanto das superestruturas quanto das infraestruturas, é ele que promove o recrudescimento da repressão, especializa e maximiza terrificamente as regiões macrofísicas. O esquizofrênico, por outro lado, é aquele que vai na direção molecular. Ele é dispersivo, faz devir o desejo, correr de um lado a outro os fluxos. Numa oposição assimétrica aos grandes conjuntos, às massas gregárias, ou então à legião de indivíduos imunizando-se, investe nas multiplicidades transversais donde sempre emergem singularidades. Ele, o esquizofrênico, tende ao heterológico, quer-se ao menos em alguma intensidade como o “soberano dos *agoras*”, como um antiniilista. Trata-se, por princípio, do Príncipe Vogelfrei, do proscrito em vias de transfigurar-se, em todo caso, do potencial refém da hostilidade. Ele é o renegado pelos urbanistas neocomunitários tanto quanto pelos demais gregaristas do campo social, independentemente de qual seja a ideologia na qual estes se fundam. Ele é, então, o expurgado em potencial, o “malfeitor” não importando qual tenha sido o seu feito, o apóstata reiteradamente lembrado como da “raça” inferior, pois é aquele que faz questão de assim recordar-se a si mesmo, o exilado em incessante fuga, embora sempre suplicante, no rogo pela hospitalidade: trata-se daquele que pervaga as regiões microfísicas. Todavia, sem dúvida, de um a outro, entre ambos os polos do delírio diferenciados por Deleuze e Guattari, conforme eles ainda nos afiançaram, “há surpreendentes oscilações”.¹¹² Pois não faltam maneiras através das quais o esquizofrênico recaia no “dentro”, acedendo à *afecção* reacionária, e vice versa, ou seja, também não são escassas as maneiras pelas quais o paranoico insista no “fora”, anuindo à *afecção* revoltosa. Nenhum deles está isento da fascinação que os atrai na direção oposta ao que tendem por

¹¹² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Op. cit., p. 366.

inclinação desejança, ao que tendem quando dobram em si o desejo. Todavia, por mais que o overmundo esquizofrênico entorneça o paranoico, e vice versa, por mais que a quimera paranoica entorneça o esquizofrênico, ao menos no segundo caso o enternecimento não avança, sucumbirá sempre, não exatamente por sua projeção nem mesmo por seu presságio, mas pelo “desígnio errante” com o qual se depara, um desígnio dispersivo, sem *arkhé* e sem *télos*, o qual se perde no “entre”, no “fora”, na exterioridade. Sendo assim, se porventura nos ativermos à fascinação do proscrito, tão logo constataremos que a “arma de cavalaria” paranoica jamais logrará maiores avarias nos “carros de guerra” esquizofrênicos, nem sequer chegarão a engastá-los com consideráveis liames. Quer seja por sua exterioridade radical em relação a qualquer conjunto gregário, quer seja por sua dissidência ante toda e qualquer pretensão sectária, enfim, em ambos os casos, por sua condição de existência no mundo, eilo, o proscrito, aquele que se encontra sempre na iminência da transfiguração, um antiniilista em perene estado de dispersão, um corpo dilacerado e dilacerante, radicalmente estranho, um estrangeiro aonde quer que se encontre, uma heterogênese, o Esquizo por excelência.

Então, na arena das forças e das energias encampadas socialmente, dir-se-ia que Dos Santos, ou ainda, que aqueles como ele e tantos mais, absortos ou não em condições tão ou até mais acoimadas que a sua, são efetivamente os alvos das mobilizações em prol do imaginário paranoico, os alvejados sumariamente, os bodes expiatórios dos fenômenos que formam e que dão forma à beligerância, à hostilidade. Isso, a saber, portanto, não apenas enquanto aqueles na qualidade de bodes expiatórios perscrutam as ruas sobre as duas rodas, mas também no decurso dos intervalos, quer seja entre os seus pares, à espera da mercadoria a ser retirada, no início de cada rota, quer seja perante os destinatários, ao efetuar a entrega, já no término de cada uma. Expõem-se assim a uma relação um tanto mais aberta ao acolhimento, embora também um tanto mais aberta à odiosidade, em todo caso, ainda sob o jugo da cabal tecnicização não apenas incidida sobre a terra, pois, ao mesmo tempo, também sobre os viventes. Contudo, mesmo ao longo de uma tal extensão geográfica esquadrinhada por onde se deslocam com restrição, com o controle se efetivando a cada coordenada, segundo a segundo, é ainda nesses intervalos das rotas, nos inícios, nos destinos, afinal, para além da iminente hostilidade, da iminente beligerância, que eles ainda se encontram tão propensos à hospitalidade. Tendo em vista esse preciso ínterim dos intervalos, para Dos Santos, a propósito, nos fins daquele fatídico 24 de março de 2020, no destino de uma de suas rotas, todavia, o ente hospitaleiro mais uma vez faltara-lhe ao encontro. Com um alento torrencial sobre ele pesara a moléstia, arrastando-o em flagelos em meio aos quais apesar de

tudo e surpreendentemente encontraria ainda margem para venturas *a priori* incogitáveis. Seu maior fado, em todo caso, não foi muito além do Hospital Estadual de Urgência e Emergência de Vitória; e mais, como ficara notório, não lhe deixou as sequelas fisiológicas mais infelizes. Pois bem, assim sendo, ou seja, mesmo frente às terríveis circunstâncias que o assolaram, um tal desenlace como o seu não poderia ser entretanto já admitido como uma de suas venturas? *O que não me mata só me fortalece*, já dizia Nietzsche¹¹³ em uma de suas máximas mais célebres, assim na verdade exortando o homem trágico, este que não é outro senão um proscrito em sua incondicional avocação da vida, um antiniilista, aquele que avoca a tragicidade de seu destino. Ei-lo, Dos Santos, portanto, mais um entre os trágicos! Ora, ora; por mais trágico que seja, ainda assim, decerto é que ele jamais desejaria ter de fato peito e costas daquele modo pungidos, de modo algum seria este o destino ao qual o fluxo descodificado de seu desejo o conduziria. Em seu ensejo antiniilista, contudo, ainda admitamos, decerto é também que no fundo ele não objurgaria completamente uma tal alcunha. Afinal de contas, ei-lo, deveras, o trágico! Sua mãe, por outro lado, em todo caso não apenas objurgaria, bem como ainda de chofre no mínimo abominaria, denegaria com veemência uma tal alcunha. Pois bem, exatamente, uma tal alcunha implicava tudo aquilo que entrava em choque direto para com as interpelações que há tempos ela lhe dirigia. Além do mais, e por isso mesmo, não muito após a finalização de sua *laparotomia exploratória*, já gozando de uma lucidez pós-anestésica, mais uma vez ela então tentava lhe fazer a cabeça, insistindo com ele, aconselhando-o a abdicar-se das duas rodas, a fazer outra coisa qualquer desde que com uma chance muito menor de encerrar precocemente sua vida.

— Como se não bastasse o risco de morrer a cada esquina! – assim lhe argumentou ela, repreendendo-lhe, no intento de desencorajá-lo ainda naquelas condições, bem no meio daquele que já era o terceiro dia de espera hospitalar agoniada até enfim vê-lo a salvo. E nesse mesmo influxo, no transcorrer da mesma ocasião, sucedendo com sermões e sermões intermináveis, num rompante cada vez mais embaraçado, cada vez menos resoluto, concluía ela perante ele no leito: — Eu não suportarei novamente meu filho! Eu nem sei como... Aaah, você não sabe... Se você tivesse morrido meu filho, eu não sei... não sei mesmo como...; como é que eu iria suportar isto!

Apesar do quadro de gravidade atenuado no qual ele se já encontrava, depois de três dias de risco iminente ao longo dos quais ademais ela já o havia dado como morto, é que

¹¹³ Ver NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2017 [1889].

enfim desabafou, descarregou sobre ele tudo aquilo que ruminara por horas e horas a fio. Durante os primeiros dias ela velara aquele sono prolongado, testemunhara toda aquela dificuldade dele diante dela desacordado mal conseguindo respirar. O meio do corpo estava recém-fechado, todo costurado, cheio de pontos; e ele, por longos e longos períodos apagado, horas e horas acamado, quase imóvel a não ser por aquele tênue movimento do diafragma que insistia mesmo alquebrado pelas chagas. Com a face ainda muito pálida, embora aos poucos já dando mostras convalescentes, ele foi então longamente contemplado por um par de olhos sôfregos no decurso de uma eternidade. Ao lado da cabeceira, naquela enfermaria moribunda, por vezes ela submergia subitamente num vale de lágrimas de orações inexoráveis. Seria então minimamente razoável vislumbrar que ali se intensificava nela aquela mesma sensação como que diante de “algo”, se não já, então prestes à calma absoluta; “algo” já nauseabundo, que não era muito bem o seu filho, o vivo em pessoa; “algo” que não parecia mais realizar a verdade plena dele de estar ali: aquela mesma sensação como que diante do cadáver. Uma sensação que a bem da verdade parecia revolver-se em *nada*, afinal. Com efeito, não é “que um cadáver seja *nada*”, já dizia Bataille, mas o “cadáver está marcado desde o princípio pelo signo *nada*”; “não corresponde ele próprio a nenhuma expectativa semelhante àquela que tínhamos desse homem estendido, quando estava vivo, mas a um temor: assim, esse objeto é menos que *nada*, pior que *nada*.”¹¹⁴ Pois antes mesmo de ser lacerado, socialmente falando, Dos Santos já não estava mesmo relegado ao subterrâneo, como se muito antes já fosse uma espécie de “despojo mortal”? Ele já não estava sumariamente destinado às profundezas, designado ao mutismo e à obscuridade, devendo dele restar no máximo um vulto não visível sobre a superfície humanizada, sobre as frações da superfície reclamadas pelos *homens de bem*, por aqueles que se julgam os únicos eleitos, os únicos os herdeiros, esses *mortos-vivos* exasperados que a bem da verdade buscam replicar sua *sina cadavérica*? Ele já não era como o vampiro diante do espelho, ou mesmo como uma fabulosa criatura de Jesi diante da humanidade? Por uma tal condição de existência no mundo, Dos Santos já não era antes a semelhança encarnada de um ente desencarnado? De fato, apesar de obviamente ainda não haver acedido à morte, tal como um cadáver, ele já não era socialmente assimilado como se já o houvesse, como se já não estivesse mais aqui e nem em parte alguma, em nenhures, afinal? Ele já não era como Gregor Sansa, ou, ainda, como Karl Rossmann, o *verschollen*, o desaparecido, aquele que está *dado*

¹¹⁴ BATAILLE, Georges, *O erotismo*. Op. cit., p. 81.

como morto? Pois segundo a moralidade dos costumes, ele já não era uma espécie meio purulenta de *morto insepultável*? Ele já não era, portanto, uma espécie indesejável de *não-ser-aí*, o ente que resta quando o *ser-aí* é desconsiderado, um *Nichtdasein*, uma noção do *Dasein* muito próxima àquela que o próprio Heidegger¹¹⁵ excepcionalmente imputou aos judeus com evidente função discriminatória?

As enfermeiras que administravam a sua medicação, ou até mesmo alguns entre os enfermos ao seu lado, companheiros de infortúnio, apesar de nada lhes dizer respeito, enfim, assim como ele, assentiram com a cabeça a tudo aquilo que sua mãe, se não de fato lhe proferiu, ao menos dera a entender por meio de gestos um tanto irrefletidos, embora não menos eloquentes, mas em todo caso sem apresentar-lhe saída plausível. Sem maiores dificuldades, pode-se imaginar todo esse empenho persuasivo entremeado aos afagos da mão materna, que para todos os efeitos decerto o faria erubescer de perseverança ainda que sob um semblante abatido de paciente ainda resignado em seu leito. Numa tal situação, ali prostrado, contudo, como é que ele poderia realmente considerar um tal desencorajamento de seu afazer quando na verdade qualquer acesso a um horizonte ideal, por mais modesto que fosse, há muito já havia lhe sido subtraído? Aceder à esta persuasão materna tão logo seria o mesmo que aceitar a sua definitiva extrusão piramidal, seria resignar-se como um supérfluo abortivo em uma condição resoluta. Uma vez convalescido, o que mais ele poderia então fazer a não ser continuar a pervagar pelas correntes taciturnas vilavelhenses, vitorienses..., capixabas? Toda saída postulada já devia soar pra alguém como ele, se não como pilhéria, no mínimo como a célebre parábola escatológica do camelo e da agulha. A vida efêmera através das ruas, ao menos por ora (e esse “por ora”, ele no fundo o sabia, poderia muito bem ser “para sempre”), na melhor das hipóteses, era o seu inexorável destino, já que o pior nunca lhe deu tréguas, jamais cessou de se manifestar e de lhe mostrar o quão mais e mais desventurado pode ser cada infortúnio. Mesmo com tudo isso em mente, opor-se verbalmente às advertências de sua mãe ali decidida a ressaltar apenas flagelos era tarefa ingrata. Advertências, em todo caso, desnecessárias: isso ele também muito bem o discernia, pois eram praticamente as mesmas que ela lhe fazia ao menos desde que se tornara motoboy, as mesmas advertências que de fato jamais surtiram grande impacto sobre ele. E também pudera, pois entre a perseverança gestada em seu coração e a resignação que lhe era

¹¹⁵ Ver HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora Vozes, 2012 [original de 1927, traduzido da versão editada por Vittorio Klostermann em 1977]; Ver TRAWNY, Peter. *Heidegger e o mito da conjuração judaica mundial*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015 [2014].

maternalmente inculcada, o que em seu leito o tragava sobremaneira era o desejo de reaver suas forças, de enfim retornar às ruas. O desejo pela imediatez da convalescença o detinha em quaisquer manifestações dissonantes, pois tão logo recuperado, ela não seria mesmo capaz de impedir o retorno àquela praxe que validava, e mais, transvalorava sua vida. Pois seriamente combalido, mal conseguindo respirar, na defesa de seu afazer, valeria mesmo a pena ele argumentar com ela a seu próprio favor ao exortar o seu ir e vir deveras arriscado pela cidade? De que lhe valeria em tais condições justificar que era o indefinido que o magnetizava através das ruas? Com quais argumentos afinal ele então objetaria sua mãe, indispondo-se assim com ela e causando inclusive embaraços emocionais para si, tudo isso em prol da *efemeridade dos espaços* cuja abrangência nem ele mesmo discernia? E mais, será que além dele, haveria lá outro, um *qualquer* a se apresentar diante dela capaz de verter em palavras argumentações em prol desta *cidade-sem-ideal* por ele e por tantos mais tão desejada, que é imprevisível, inestimável, inominável, *impossível*, e justamente por isso, também uma cidade de venturas a emergir algures e a qualquer instante, atraindo-o à deriva, tal qual o mar ao marujo, ou então como uma esfinge, tão sedutora quanto o canto da sereia?

É que “há apesar de tudo coisas que de tempos em tempos se impõem ao entendimento com a força de axiomas, sem que se saiba por quê.”¹¹⁶ É isso, ao menos isso, ou seja, uma tal imposição de aspecto axiomático o que Molloy, o obliquo Molloy nos confia enquanto um “imperativo de fuga”, recordando assim os seus passos mancos depois de há muito já ter abdicado de sua bicicleta. Passos os quais, com o auxílio de sua muleta, levava-o a se esgueirar pelos meandros de uma cidade desconhecida, insistentemente no encalço da morada de sua mãe, até de súbito, entre fétidos becos aparentemente sem saída, descobrir-se numa vala, descambando para o fundo e assim, até mesmo assim, solapando a exasperação. Beckett, ao forjar esse personagem excessivamente expropriado, submergindo-o na matéria da exprobração, investe numa insistente “vozinha” que fala diretamente aos ouvidos de seu personagem. Uma voz ininteligível demais, profundamente difusa, mas seja lá como for, uma voz incessante que orienta Molloy à fuga. Uma voz interna que em todo caso soa-lhe demasiadamente alheia, que é declaradamente concebida por ele, Molloy, o narrador-narrado, exatamente enquanto um imperativo hipotético, embora no mais das vezes seja ela muito mais um alerta de escape do “mal maior” que sempre o espreita e que, ao contrário, justamente por isso, manifesta-se como uma voz inarticulada, a voz que se

¹¹⁶ BECKETT, Samuel. *Molloy*. Tradução de Ana Helena Souza. 2 ed. São Paulo: Editora Globo, 2014 [1951], p. 91.

confunde com um canal, com a *voz do desejo*, sufocada demais pelo mundo que o atormenta e que não obstante o assola. Uma voz então proveniente do desejo e que, ademais, a bem da verdade, persevera enquanto um imperativo categórico antikantiano. Pois a despeito da hipocrisia racionalista de Kant,¹¹⁷ Molloy é aquele que segundo a estranha axiomática dessa “vozinha imperativa”, dessa “voz do desejo” que ab-reativamente em segredo lhe fala, cria rotas de fuga para a um só tempo pervagá-las. Daí a sua percepção das coisas que se lhe impõem com a força de axiomas, impondo-se assim antes de mais nada ao seu entendimento. Coisas tais que despontam como se na verdade fossem contra-axiomas assimétricos e que, uma vez assim, não obstante, por analogia, impõem-se também a Dos Santos no curso de seu percurso demente, tão logo impondo-se ao seu entendimento acerca do ir e vir urbano arriscado daqueles na mesma condição que a sua. Trata-se de “coisas” enquanto fenômenos, manifestações que os absorvem e cuja acuidade os conduz incessantemente à fuga, à descodificação, a uma relação direta com o “fora”, rumo à exterioridade. Fenômenos ou manifestações cuja acuidade afinal impõem-se a eles como uma espécie de axiomática às avessas. Acontece que a voz indefinida que assim os atrai e que sobretudo ainda os apraz, provém da própria dispersão por eles encampada, cativa-os sem aprisioná-los, só os seduz segundo uma primazia de descodificação, segundo uma primazia molecular ou contramolar, ao mesmo tempo antigregarista (a começar pela aversão à mãe ou ao triângulo familiar e daí por diante, ou seja, uma primazia antimaternal, anticonsanguínea, antinacional, antipatriótica, antiestatal) e anti-individualista (anticapitalista); em ambos os casos, portanto, antiniilista, pois se trata de uma primazia vital, assígnica, que fustiga a moralidade dos costumes, que mina os valores socialmente preconcebidos, sem óbice algum, ao cabo, transvalorando-os.

A bicicleta ou as muletas com as quais Molloy se mune em seu pervagar errante, assim como a Honda CG 125 com a qual o oblíquo Dos Santos se arma em seu percurso demente, no fim das contas, para a fuga, de algum modo projetam sobre as suas ações um só espectro maternal, como se através desses objetos a mãe de cada um de algum modo ainda se fizesse presente. Apesar de um tal espectro, ou, talvez melhor, a despeito de uma tal reminiscência, odiosa demais para Molloy, no mínimo interpelativa para Dos Santos, não é a *afecção* edipiana que determina suas decisões. Elas nem mesmo sequer influem no modo como agem. O espectro da mãe não é mais que um pretexto pra que perseverem ao longo da

¹¹⁷ Ver KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Op. cit.

busca, ao longo da jornada, que uma vez iniciada, seja no intuito de quiçá reencontrá-la ainda viva, é o caso de Molloy, seja no intuito de rerepresentar-se diante dela ainda vivo, é o caso de Dos Santos, todavia, dos mais variados complexos egóicos tão logo se desvencilham. A figura da mãe ou até mesmo a de qualquer outro avatar parental, é aí matéria suplantada tanto quanto o é a figura do capital. Por isso mesmo, a propósito dos objetos que ambos portam ou que detêm ao longo da fuga, tais como, por exemplo, para Molloy, as muletas com as quais ele se locomove, as quais não raro mais lhe parecem um improvável adorno, um passatempo como deveras lhe são os dezesseis seixos que ele chupa metodicamente, ou, para Dos Santos, a motocicleta e seu smartphone que por vezes mais lhe parecem objetos lúdicos do que instrumentos de trabalho, entre tantos outros, afinal, todos são objetos que não lhes impelem (ou ao menos não mais lhes impelem) a um apelo utilitário. Mediante a fuga que empreendem não é mais o trabalho que está em jogo; ou se é, o é de um modo radicalmente diferente, enquanto força improdutiva, enquanto energia de dispersão. As ventosas do “novo monstro” nesse meio-tempo não conseguem prover frutos, a sua sobrecodificação axiomática caduca, a colonização edipiana cai por terra. A exemplo do eu lírico de Piva ou do Esquizo tão conclamado por Deleuze e Guattari, tal como Molloy, até mesmo como Michael K ou como o Hassan Sabbah de Jesi, Dos Santos, um matável, um *qualquer*, um antiniilista, um “possuidor do mais pobre e mais comovente capital”, um proscrito na iminência da transfiguração, ativa enfim transsubstanciação. É bem assim que ele então “constrói para si um mundo de encenações em que a mais minúscula permutação deve responder à nova situação.”¹¹⁸

A partir de sua transfiguração, de uma nova situação como tal a que Dos Santos em particular responde é que então acontece a transsubstanciação. É assim, pois, que a cidade dromológica se deixa inscrever sob a atração da cidade demônica. Tudo isso só ocorre mediante uma dispersão delirante, resultando na produção, na criação, na emergência de uma cidade coextensiva, etérea demais mas que ele provê consigo na fuga, e que entre os “foragidos” como ele, entre os foras-da-lei, entre os proscritos, é ainda compartilhável. Trata-se de uma cidade heterológica, uma cidade que só assim abre acesso à comunidade, pois é também uma hiância. Ela é informe. É a cidade dos antiniilistas, cidade vivificante, fugaz demais para se deixar fundar ou para ser fundada, uma cidade *lisa*, vetorial, topológica, molecular, microfísica, efêmera..., clandestina como um navio à deriva. Não se trata, para

¹¹⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Op. cit., p. 25-26.

todos os efeitos, de uma utopia, nem mesmo, como arguiria Bey,¹¹⁹ de uma “utopia pirata”, de uma utopia clandestina, mas, bem ao contrário, como diria Foucault, de uma heterotopia, por definição em si mesma clandestina. Foucault, ao cunhar tal neologismo para designar os *espaços outros*, traça uma descrição do navio enquanto o exemplo paradigmático, caindo então como uma luva para descrever uma tal cidade heterológica: “um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que existe por si só, que é fechado sobre si mesmo e que ao mesmo tempo é dado à infinitude do mar.”¹²⁰ Trata-se, portanto, de uma cidade flutuante, de um *navio-esfinge-terrenho*, uma exuberante criatura urbana que desafia o seu próprio criador, este que é o construtor de um mundo misárquico de encenações compostas por uma energia inumana e que, justamente por isso, é indecifrável, assignificante, um mundo provido de uma força demônica que faz correr, fluir, romper-se: eis a implicação do desejo para além das injunções. Afinal de contas, uma extensão urbana incomensurável, *a priori* indiscernível pra quem quer seja mas que é navegável (ou por meio da qual se navega), que é fruível, de uma atração irresistível para Dos Santos, porque, sim, uma abrangência de despojos e de abandonos; uma abrangência ao longo da qual herança alguma logra valor; uma abrangência que exige assim a bastardia enquanto uma espécie clandestina de encetamento, de iniciação, que exige assim a bastardia enquanto uma espécie de recrutamento pirata; uma abrangência para a qual, inato, afinal, o proscrito, o deserdado se destina.

¹¹⁹ Sob uma tal asserção, poder-se-ia facilmente objetar o pressuposto teórico de Bey quando ele postula uma utopia, e não exatamente uma heterotopia; mas, ainda assim, não haveria porque objetar a anarquia ou até mesmo a misarquia que ele postula ao escrever que, por exemplo, para os tripulantes de início do século XVIII “o alto-mar equivalia a um nivelador instantâneo das desigualdades de classe.” Isto, é claro, ele só afirmou tendo em vista que os tripulantes aos quais remete não eram navegantes quaisquer, mas salteadores marítimos, em sua maioria, ex-desempregados, ex-escravizados evadidos do cativo, até mesmo ex-criminosos transferidos, em suma, todos eles, proscritos. Ou seja, tratava-se precisamente de tripulantes que até mesmo antes de zarpar, ainda em terra-firme, viviam como se já estivessem ingressado na *extensão clandestina das águas*. Ver BEY, Hakim. *TAZ - Zona Autônoma Temporária*. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Veneta, 2018.

¹²⁰ FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. *Architecture, Mouvement, Continuité*, Paris, n. 5, p. 46-49, out. 1984. Disponível em: <<https://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heteroTopia.fr/>>. Acesso em: 28 de jul. de 2021.

Ateleologia (a falência do messias)

Dos Santos é, sobretudo, um entre os herdeiros de Hegel de antemão deserddado pelo próprio Hegel. E como haveria de ser depois de gerações e gerações após a erosão do Absoluto, ele não o é sozinho, mas tal como qualquer outro cidadão amaldiçoado, demonizado, satanizado, proscrito, bastardo por excelência. Pois ele não é apenas o legatário indigno, excluído da sucessão por Hegel, mas antes, pela humanidade, pela sociedade, pela própria *urbe*, pela própria *polis*, enfim, pelo que também se nomeia como cidade. Ora, é na relação ou tão somente na relação com o seu próprio aniquilamento que o homem idealizado por Hegel,¹²¹ ao se extenuar enquanto humano, ao contrário do legatário indigno, tornar-se-ia não apenas um entre tantos, mas o filósofo dos filósofos, o Sábio, aquele que, ciente de seu desenvolvimento integral, como consequência da integralidade apenas hipoteticamente atingível, atingiria a *verdade*, o *saber absoluto*; realizar-se-ia absolutamente num futuro quimérico. É então num tal estágio de acabamento que esse suposto *homem da verdade* passaria a se identificar com o Absoluto, com a própria *verdade* ela mesma e não mais apenas com um entre os tantos objetos do conhecimento, amalgamando-se assim a todos, à

¹²¹ Ver HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2003 [1807].

totalidade sob a voga de uma espécie de *hiperconsciência humana*. Kojève, um dos discípulos mais proeminentes de Hegel, por sua vez, numa asserção sumária, tudo isso de súbito nos explicitou para que inscrevêssemos em nossa memória o ideal de sua sentença oracular. O *fim do tempo humano*, o *fim da história*, “o aniquilamento definitivo do homem propriamente dito ou do indivíduo livre e histórico”, para ele, enfim, nada mais era que um “*confim humano ideal*”, ou, simplesmente, “a cessação da ação no sentido forte do termo.”¹²² Como há de se convir, uma sentença filosófica de tamanho mérito, atida ao ponto elementar da existência humana, não poderia mesmo vir sem suas consequências cabais. Sendo assim, logo em seguida, ainda que sumariamente, o próprio conjecturador não se eximiu de indicá-las, a um só passo distanciando esse *homem prometeico* das modalidades provenientes do suplício e, não obstante, é claro, ainda de todo e qualquer derramamento de sangue. Isso porque, em suas palavras, tal aniquilamento implicaria “o desaparecimento das guerras e das revoluções sanguinolentas”; e, além do mais, seguindo em sua asserção, “também o desaparecimento da filosofia; pois se o próprio homem não muda essencialmente, não há motivo para mudar os princípios (verdadeiros) que formam a base de seu conhecimento do mundo e de si.”¹²³ Esse desfecho e também essa justificativa postulados no preciso momento histórico em que se era selado o fim da Segunda Guerra Mundial, em todo caso, entretanto, já soava no mínimo como a postulação de um acontecimento feérico. Pois muito pelo contrário, o que ficava de fato evidente no próprio conflito militar de escala global, o qual à época se encerrava, levando consigo a óbito algo em torno de setenta milhões de vidas, era justamente o avesso de seu vislumbre idealista, era que o *fim da história* ou que o “*confim humano ideal*”, descrito por ele mesmo como o desaparecimento das guerras e, por conseguinte, também como o desaparecimento das revoluções, se não demasiadamente distante, jamais estivera no horizonte da humanidade.

Muito pelo contrário, guerras, revoluções, quer se queira quer não, cada vez mais impulsionaram ideologias amparadas na filosofia de Hegel, isto é, ancoradas no pensamento idealista, ora demasiadamente utópico, ora demasiadamente nostálgico; mas, em todo caso, sempre dissimulador do futuro. E é, pois, justamente mediante uma tal impulsão ancípite, isto é, tanto utópica quanto nostálgica, que o idealista então se exaspera, torna-se enfim compulsório. Frente à falácia de seu ideal, sucumbe ao fanatismo, acastela um horizonte

¹²² KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: ContraPonto; EDUERJ, 2002 [1947], p. 410.

¹²³ *Ibidem*.

gregário no qual a sua ilusão quimérica seria então passível de realização. No ínterim das ilusões, sua voga ascendente culmina em proscricção, e para além da espoliação, promove assim a expurgação generalizada do cidadão estigmatizado. Não por acaso, o simples fato de um deserdado como Dos Santos existir como tal é já a contestação do *homem prometeico*, é já a contestação daquele que, contra o despertar do *ainda não-nascido* de Nietzsche, por exemplo, ao invés de suplantar a humanidade, nela sim submergir-se-ia, realizar-se-ia absolutamente. Trata-se justamente do *homem absoluto* ou do *homem total* cujo advento, sob a conjectura de Hegel, Kojève não poupou esforços para exortar. Trata-se, pois, do mais gregário dos homens: é o advento exasperado do *homem do reconhecimento*. Por isso mesmo, o anti-hegelianismo inato, a *existência-contestação* dos relegados com os quais nos deparamos nos umbrais, é já o flagrante da falácia de todo e qualquer ideal. Daí o suplício teratológico imputável aos proscritos desde a noite dos tempos. É então nesse contexto que emerge os estigmas, é daí que se determina o antípoda do *homem total*, para todos os efeitos, o *homem-mal*, o *homem-coisa*, a vítima de um combate imemorial fundado sob jugo da sacralização e da reificação unificadas. Trata-se, em suma, do estigma dirigido àquele em prol do qual não pode, jamais pôde, nunca poderá haver redenção, pois para ele a proscricção divina é, sempre foi e será de uma vez por todas. Trata-se, em suma, do estigma dirigido àquele em prol do qual não pode, jamais pôde, nunca poderá haver revolução, pois para ele a proscricção humana é, sempre foi e será apriorística. É ele, portanto, mais um entre aqueles que vivem a um passo do limite, prestes a tocar o *extremo do possível*, à beira da lacuna; apenas mais um entre aqueles mais propensos ao “*confim* humano presentificável”, ao instante ulterior do tempo humano, para além do idealismo, no estrato de um espaço-tempo esquecido, negligenciado tanto por Deus quanto pelo Sábio, ou seja, a um passo do *fim da história* subtraído de todo e qualquer idealismo, na iminência de adentrar o *fim da história* anti-hegeliano: o *impossível*. Trata-se, portanto, de uma *joia histórica*, de um espaço-tempo incandescente e incomensurável, de alacridades e também de cataclismos, um desencadeamento o qual, mesmo diante das intempéries que acometem uma potencial vítima teratológica, é ainda e sobretudo um desencadeamento fortuito, a extensão da fruição, passível que é de consumação ao menos desde o primado humano.

Com efeito, é ao pressentir o incontornável aborto do *homem total*, tanto quanto, por conseguinte, a sua total inépcia em incorporá-lo, que o idealista compulsório, seja ele o reacionário, seja ele o revolucionário, expendendo o seu último e mais temerário recurso, converte-se no idealista fanático, põe em marcha uma espécie de *homem totalitário*, unifica

nostalgia e utopia. “Conceitos reacionários juntando-se a uma emoção revolucionária têm como resultado a mentalidade fascista”,¹²⁴ assim afiançaram Lacoue-Labarthe e Nancy, bem como, nesse ínterim, não obstante ainda acrescentemos, a mentalidade nazista. É mais que notório, uma tal junção conceitual e emocional foi o que desembocou em experimentos tais quais aqueles de Auschwitz. Contudo, de um modo mais ou menos equivalente, dir-se-ia ainda que conceitos revolucionários se juntando a uma emoção reacionária têm como resultado a mentalidade tchekista,¹²⁵ bem como, por conseguinte, a eficácia do aparelho repressivo nascido com ela. Ora essa, mesmo invertendo-se a ordem conceitual e emocional, uma tal junção acabou desembocando em experimentos tais como aqueles do Gulag.¹²⁶ Pois em quaisquer dos casos, não importa qual, se é a revolução subordinada ao reacionarismo, e vice-versa, a resultante tenderá sempre a um mesmo desenlace: as expurgações em massa. Mas o *homem totalitário*, aquele por excelência nascido para corroborar tais expurgações, quaisquer que sejam, não raro até mesmo as efetuando, todavia, não se encerra em personagens do terror estatal tais como aqueles que afligiram Levi¹²⁷ e Soljenítsyn,¹²⁸ além

¹²⁴ LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista: seguido de o espírito do nacional-socialismo e o seu destino*. Tradução de Márcio Seligmann Silva. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2020 [2002], p. 26. Recorrendo a uma definição de Reich retirada de *Psicologia de massas do fascismo*, esse é um dos possíveis postulados da temerária unificação entre nostalgia e utopia que Lacoue-Labarthe e Nancy elaboraram em *O mito nazista*. Ver REICH, Wilhelm. Op. cit.

¹²⁵ A mentalidade tchekista ou o tchekismo é o que se poderia caracterizar como sendo a ideologia em voga no terror de massas sem piedade operado pela Tcheká, acrônimo para Comissão Extraordinária para Luta contra a Contrarrevolução e Sabotagem, o primeiro órgão de segurança criado através de um decreto emitido pelo próprio Lenin ainda no decurso da revolução bolchevique, em 20 de dezembro de 1917, inaugurando assim talvez o período mais sangrento da história setentrional europeia.

¹²⁶ Gulag é o acrônimo para designar a Administração Central dos Campos, um sistema de campos de concentração prisional de trabalhos forçados espalhado por todo o território soviético, semelhante ao sistema prisional existente na Rússia Imperial, o Katorga, mas que depois da Revolução de Outubro e sobretudo a partir de Stalin foi recrudescido e exponencializado, por volta de 1953, chegando ao seu auge, com algo em torno de quinhentas unidades ao todo. Para lá foram enviados os “inimigos do povo”, criminosos em geral, embora quase sempre criminalizados por dissidência política, por mera oposição ao regime, seja ela comprovada ou não, ou até mesmo por serem classificados como moralmente indesejáveis; um verdadeiro expurgatório, afinal, para onde foram enviados homens e mulheres proscritos, condenados a uma subvida; homens e mulheres considerados anomalias sociais, especialmente bolcheviques caídos em desgraça, espíões, agentes contrarrevolucionários, homossexuais, mas também assassinos, ladrões e tantos outros contraventores de todo tipo.

¹²⁷ Em *É isto um homem?* Primo Levi rememora o seu sofrimento num campo de extermínio, sem, contudo, invocar qualquer resquício de autopiedade ou vingança. Trata-se de uma descrição crua e contundente da realidade vivida pelo jovem judeu, um clássico definitivo dos relatos de guerra, uma referência incontornável sobre Auschwitz. Ver LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013 [1947].

¹²⁸ Soljenítsyn, em *Arquipélago Gulag* (livro sobre as atrocidade do confinamento soviético intensificado com a exasperação da Tcheká, que foi publicado pela primeira vez somente nos fins de 1973, necessariamente além das fronteiras soviéticas, tamanha foi a repressão que se seguiu mesmo após o “relativo degelo” alcançado com o fim da desestalinização), faz revelações perigosas demais, evitadas a todo custo, num entrelaçamento inédito e primoroso entre o seu próprio testemunho e o de outros duzentos e vinte e sete ex-detentos (diversos tendo vindo a óbito dentro do Gulag), intercalando-os a enunciações factuais aterradoras, desenterradas por seus colaboradores, fazendo assim confluir história e memória, reflexão social e apreciação psicológica. O que daí

tantos mais. Hitler e Stalin, tanto quanto quaisquer outros *homens totalitários*, sem excluir aqueles que os obedeceram ou que com eles compactuaram, não foram muito mais totalitários do que o é qualquer idealista fanático. Pois ainda que tenham levado o terrorismo às mais desumanas e colossais consequências por intermédio de suas ideologias, a saber, a nazista (racismo) e a stalinista (unilateralismo), isso de fato só ocorreu, como argumentou Arendt, “porque os elementos da experiência nos quais originalmente se basearam – a luta entre as *raças* pelo domínio do mundo e a luta entre as classes pelo poder político nos respectivos países – vieram a ser politicamente mais importantes do que os das outras ideologias.”¹²⁹ O idealista fanático é, portanto, em sua versão um tanto menos exasperada, aquele que pode estar à tua frente, ao atravessar a rua, confabulando numa esquina qualquer, exortando improperios junto ao balcão, numa mesa adjacente, na fila do pão, ou então, já intensificando exasperação, sob a intentona patriótica, por exemplo, é aquele que tem se prostrado de bom grado nos umbrais das casernas. Em suma, é o zé-ninguém ao qual Reich¹³⁰ se dirigiu com loquaz advertência. Sob os pressupostos de seu ideal assentido, o seu desígnio cada vez menos tácito é o de eliminar diferenças aprioristicamente execradas, e isso num nível tanto mais intenso quanto mais diferente o proscrito se lhe manifestar. Não raro, é assim que ele acaba por render homenagens àqueles que sempre o desprezaram. É assim, no mais das vezes, que ele se torna o algoz entre muitos daqueles que jamais deixaram de lhe estender as mãos.

Ao colocar o *homem totalitário* em marcha, não obstante ainda marchando junto com ele, o idealista fanático, o zé-ninguém, por fim o incorpora, conclama a tirania, torna-se um grão a mais do totalitarismo, acede de vez à exasperação do protoleviatanismo ecumênico. Ele é, no mínimo, a projeção capilarizada do genocida; é, em um só, uma espécie de carrasco e de sacerdote teratológicos na iminência de se fundir ente si, uma espécie de *benfeitor exemplar* que, pusilânime, pra cumprir o seu dogma ou o que crê como sendo o seu dever idílico, extrapola cada lei ou cada *ius* que lhe está dirimido, sem contudo abrir mão

se pode então depreender de mais substancial é a revelação de atrocidades encobertas, no mínimo análogas às mais terríveis revelações de Auschwitz, notórias, embora à época publicamente ainda indizíveis na União Soviética. Ver SOLJENÍTSYN, Aleksandr. *Arquipélago Gulag: Um experimento de investigação artística 1918-1956*. Tradução de Irineu Franco Perpetuo, Francisco de Araújo, Odomiro Fonseca e Rafael Bonavina. São Paulo: Carambaia, 2019 [original de 1974, traduzido da versão abreviada editada por Natália Soljenítsyna em 2010].

¹²⁹ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia Das Letras, 1989 [1949], p. 522, grifo nosso.

¹³⁰ REICH, Wilhelm. *Escute, zé-ninguém!* Tradução de Waldéa Barcellos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1948].

propriamente da história. É, ele mesmo, o grande idólatra, o miserável niilista acometido pelo deslumbre, tal qual o lacaio há muito já fustigado por La Boétie,¹³¹ tamanha é a adoração ao ideal idílico que serve e adere, adere e serve. É ele o mais histórico entre os homens, o “servo dos servos” que sob o halo do fanatismo de bom grado se prostra ao reino da necessidade, oblitera assim toda e qualquer seta para aquele reino da liberdade que Marx,¹³² já efetivamente combatendo os seus próprios preconceitos colonialistas, tanto sonhou para todos. A extrapolação teratológica que efetua não é, de modo algum, transbordamento humano. É ele que carrega consigo a sina histórica: perpetua a fatalidade cultural da barbárie. “Nunca houve um monumento da cultura”, já dizia Benjamin, “que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.”¹³³ De modo que, resolutamente arraigada na cultura, a extrapolação do idealista fanático nem sequer se sustenta como extrapolação. Pois ele é o prosternado por excelência, faz da história uma espécie de calabouço e nele prostra-se junto a todo segregador vanglorioso de sua humanidade. O seu desígnio é um só, a edificação dos monumentos, e quantos mais forem possíveis até a completa extenuação de seus ânimos em prol da causa servil à sua própria perpetuação ideal. E qual seria, então, o maior desses monumentos senão a própria cidade? Sim, a cidade propriamente dita, uma extensão numa relação com outras extensões *isomorfas*, tão vil como Matos¹³⁴ nos permite vislumbrá-la a partir de sua ode ao poeta degredado, uma plataforma morfológica interligada a outras, donde avultam-se maganos, magarefes de todo tipo, embora cada uma devotada à sua própria dinâmica cultural, sempre em prol de destes e não de todos, pois ao cabo imunitária, cuja égide corrobora degredos em série, sem cessar, em prol de uma tal ou qual fração proeminente e idealizada que se julga herdeira, que se crê eleita, em prol de uma tal ou qual

¹³¹ Ver LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999 [1577].

¹³² Vislumbrando uma espécie de extremidade humana na qual o trabalho não mais estaria submetido ao reino da necessidade, Marx não se privou ao menos de indicar aquele reino da liberdade onde, enfim cessada a barbárie ou a extorsão do homem pelo homem, todo sobretrabalho não seria mais uma mais-valia, não floresceria mais nem sequer como *trabalho*, mas como gozo improdutivo, fruição, quer seja mediante a arte, o jogo ou qualquer outra *atividade livre*. Um vislumbre que em todo caso, infelizmente, mantém-se ainda secreto, ignorado ou mesmo negligenciado pelas mais variadas cristalizações hermenêuticas e até ideológicas que emergiram em seu nome. Ver MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova cultural, 1986 [1894] (volume 3).

¹³³ BENJAMIN, Walter. Op. cit., p. 225.

¹³⁴ “E tu, Cidade, és tão vil, / que o que em ti quiser campar, / não tem mais do que meter-se / e magano, e campará. [...] / Cidade tão suja, e tal, / avesso de todo o mundo, / só direita sem entortar. / Terra, que não parece / neste mapa universal / com outra, ou são ruins todas, / ou ela somente é má.” Ver MATOS, Gregório de. Embarcado já o poeta para o seu degredo, e postos os olhos na sua ingrata pátria, lhe canta desde o mar as despedidas [séc. XVII]. In: _____. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010, p. 193-197.

fração autoafirmativa de sua condição dignatária entre toda a humanidade. Um tal habitante que se julga herdeiro, o qual ainda se crê eleito, esse sujeito que se autoafirma o dignatário no interior de uma ou outra fração que como tal o corrobora, o verdadeiro cidadão ao menos em hipótese, ao mesmo tempo idealizado e idealizante, tentando a qualquer preço edificar o maior de seus monumentos, como corolário e não colateralmente, é aqueles que termina assim por implementar a desumanidade e tão logo a desurbanidade irrestritas. Predeterminado a *fazer viver* em nome de uma farsa utilitária hoje fundada na precarização, quando não até mesmo a *fazer morrer* em nome de uma farsa sangrenta fundada na erradicação, finda assim por engendrar entre aqueles que como ele se autoafirmam dignatários, uma rede de monumentos, os mais colossais, um circuito integrado, ainda que espacialmente separado, no qual, em cada ponto, a cidade segue sendo cultivada segundo o primado metropolitano, segundo o primado da colonização. Bem aí, nos meandros desta “integração fracionária” é que desponta a maquinaria da hostilidade, a maquinaria da beligerância, uma espécie de quintessência urbana fundamental.

Uma vez seviciado por um entre aqueles que autoafirmam a sua hipotética cidadania integral, Dos Santos se torna ainda mais obscuro. Mesmo assim, não se trata de protagonismo, mas tão somente de idiosincrasia. Ele não é o único, é apenas mais um na multidão, um entre tantos mais numa legião de obscenos diariamente assaltados pela generalização teratológica. Como bilhões de proscritos, não apenas motoboys, bilhões de cidadãos tão ou até mesmo ainda mais estigmatizados, é ele um entre aqueles que hoje já nascem socialmente como a potencial vítima do crime perfeito, no qual ou se culpa a todos ou não se culpa a ninguém: morticínio deliberado encoberto pela máscara da fatalidade. O seu suplício individual é, assim, apenas o mínimo fragmento de um suplício cabal, do suplício coletivo, de um suplício em escala populacional. Nada mais “natural”, nada mais admissível segundo o arauto da cidade, segundo o autoafirmador dignatário, este que tudo vislumbra a partir de sua égide doméstica, procurando assim exercer um domínio privado sobre o público. Ele é, afinal de contas, o *homem do lar* exasperado, pois em seu desígnio totalitário, restitui o significado originário do arcaico epíteto hagiográfico de *pai da pátria*, pavimentando a sociedade como a conhecemos. A barbárie que cada um provê é agora planetária e difusa, pois já não há mais circunscrições nacionais como as de outrora. Césaire¹³⁵ tem razão: não se trata mais de icônicas figuras centralizadoras. O algoz

¹³⁵ Ver CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020 [1955].

contemporâneo não é outro senão aquele que exerce a sua hostilidade, a sua beligerância, capilarmente; e pior, logo em seguida, vangloria-se de sua falsa indulgência. Pois o *homem do lar* e o *homem de bem* são um só: trata-se do *vizinho bem intencionado*, embora por demais ressentido, aquele que no mais das vezes desponta com exasperação, um niilista que não hesita em achacar o matável, de lançar-lhe sem hesitar às demais serpentes, quando não de lhe manter entre os seus solenóglifos canídeos. O genocídio assim não é nada mais que o passo subsequente após a naturalização da expurgação. Se não com as próprias mãos oleadas de sangue, portanto, não raro assiste através das telas às deflagrações da carnificina cotidiana e logo depois, blindado pelo campo de força da imunização, simplesmente pergunta qual é o prato do dia. Frente à teratologia generalizada, quando não a perpetra, aquiesce. Nesse quadro, todavia, a pesada carga exercida pelo complexo midiático de modo algum pode ser eximida. O advento das *redes sociais* telemáticas, que não chegou efetivamente a erradicar, embora tendo no mínimo lançado os *mass media* à beira do colapso, difundindo até mesmo entre eles a consensualização da compulsão pelos cliques, agora culmina com o acastelamento das bolhas de acesso fracionário no interior das quais, para o desencadeamento das atrocidades, não é sequer necessária uma ordem bem definida. A subjetivação midiática de enredo proscritivo é já o suficiente para as medidas mais drásticas.

Em todo caso, contudo, ante a exasperação de tantos e tantos lacaios impulsionados por um espetáculo desumano apenas de aspecto insurreto, niilistas hodiernos atolados até o pescoço no ressentimento, o incontornável da vida ainda remanesce insistentemente irreduzível, sempre obsceno. Obscenidade que, como tal, dir-se-ia ainda, não se curva a uma depreciação de segundo plano sobremaneira agora articulada pelos polegares, tampouco curva-se à beligerância ou à hostilidade como manifestações depreciativas. É justamente este o caso de Dos Santos, isto ao menos quando absorto naquele percurso demente iniciado pela contramão ao longo Rodovia do Sol, na medida mesma que o seu corpo seviciado tomava para si o informe e o insubstancial: vestígios irreduzíveis da insubordinação da matéria em todo caso substanciais por intermédio dos quais o sem-fundo vem à superfície. Em suma, obscenidade que cintila e que ruge. De fato carregado de abundante brio, embora depois de esfaqueado, já montado em sua Honda CG 125 e tão logo em rota de evasão por socorro, Dos Santos pegou a segunda, quiçá até mesmo a terceira à esquerda, desembocando na Rua Itaoca mesmo absorto numa azáfama incessante. Ao tatear rapidamente com movimentos imprecisos, indo do abdômen ao tórax numa tentativa de distinguir qual era a gravidade, percebeu aos poucos as sevícias dimanando, embora sem poder comprimi-las de um modo

minimamente adequado, ao tempo mesmo no qual, pilotando, obstinava-se naquela trágica provação do caminho. Sua mão esquerda retornou ao guidão encoberta de sangue e nem mesmo assim sua hesitação em parar encontrava uma solução resoluta. Apesar dos choques e solavancos que exponencializavam nele os dolorosos efeitos de cada saliência aderida pelos pneus, já demasiado combalido, adentrou a Avenida João Mendes, num trecho onde o fluxo se convertia em mão dupla. Ante a dificuldade de ultrapassar os carros que encontrava pela frente, punha-se então a buzinar feito louco tão logo que aproximava de cada um, e tão logo que a pista contrária por instantes vagava, burlava as tartarugas fosforescentes fazendo enfim a ultrapassagem. O modo como pilotava causava no mínimo espanto; era como que avistar cada vez mais de perto através do retrovisor um potencial camicase sobre duas rodas a costurar toda a extensão transversal da pista. Sua saga desesperada por salvar a própria vida progressivamente ao contrário o aproximava ainda mais da morte. Tudo isso sem dúvida o tornava abjeto, e talvez justamente por esse motivo é que tenha logrado tantas ultrapassagens arriscadas um tanto facilitadas afinal. Estupefatos, um a um, os motoristas abriam passagem para se livrar o quão antes daquela presença que se lhes revelava no mínimo embaraçosa. Decerto é que o abominavam. Em agonia e transe, molestado pela dor que saltava cada vez mais aguda das perfurações, algo nele o assemelhava aos cegos. Na vaga fixidez de seu olhar, com os olhos brancos e por instantes, fitava o indefinido à sua frente enrubescendo tenazmente sob um semblante impassível. Foi, pois, nessa mesma cadência arrítmica que ele se pôs a seguir por toda a Avenida Rui Braga Ribeiro. Percorria ao longo de sua extensão uma das maiores testadas do extenso muro, bem nos fundos do Cemitério de Santa Inês, enquanto o ar inspirado já se tornava cada vez mais esmagador. A sua lesão diafragmática decerto intensificava essa opressão eólica. Ao longo do extenso muro o vento incidido em sua viseira semiaberta esganiçava uma melopeia sinistra, parecia provir dos subterrâneos, oriunda direto das criptas para os seus ouvidos. Era na verdade como que um pranto ancestral, uma espécie de pranto de todos os mortos deserdados daquela cidade, jazidos logo ali, bem ao lado. A superfluidade, ou, caso se queira, o espectro cadavérico socialmente a ele imputável mais uma vez o atingia, parecia engranzar nas sevícias, penetrando-as de modo a levar à contração a sua musculatura por inteiro. Ele não mais suportava a carga de um corpo já esqualido. Por isso mesmo era surpreendente até para si não ter ainda ganhado o chão. Difícil explicar, mas decerto é que ele não se rendia àquele vislumbre funesto do seu próprio fim como que num calvário. Bem mais à frente, num esforço quase derradeiro, converteu então dificultosamente à direita, e já na metade da

Avenida Carlos Lindenberg, deparou-se enfim com a Unidade de Pronto Atendimento da Glória. Diante daquela fachada intransigente que se agigantava para além do gradil, tombou então finalmente sobre o passeio numa unicidade um tanto mítica entre carne e técnica. Ora, um verdadeiro *centauro-ciborgue* em desaceleração assim estatelava-se com tudo no chão. Estendido sobre a pequena rampa de acesso pra deficientes, logo na entrada, tentava com dificuldade desvencilhar sua perna que mais se esfolara ao ser de chofre desprendida da carenagem ante o contrapiso. Pôs-se tão logo a apalpar por fora das roupas pungidas, enxarcadas de sangue, as sevícias mais graves. Comprimia assim com tenacidade as lacerações torácicas num ímpeto de demonstração dos ferimentos ao tempo mesmo no qual, sentindo dores insidiosas, sem hesitar, começava a desferir palavras por meio de uma fala exânime. Mal se ouvia aquela voz a repetir as mesmas sentenças um tanto ininteligíveis, insistentemente, como que se a cada vez ele expelisse da boca um escaravelho brotado direto da glote.

Ainda estirado no chão enquanto se havia com aquela nova língua, trouxe a mão ao rosto de súbito em direção aos olhos no ímpeto de conter lacônicas lágrimas que ressurgiam, deixando involuntariamente entre as pálpebras um traço de sangue banhar os cílios. O escarlate assim tomara-lhe terminantemente a vista. É difícil descrever o misto entre o desespero e o êxtase de uma tal cena, ao mesmo tempo agônica e arrebatadora. Sim, mesmo que a certo contragosto, convém aqui reiterar aquilo que outrora a voz narrativa de Turguêniev reportara a Tchulkatúrin, no exato instante de seu arrebatamento. “Dizem que para um cego a cor vermelha assemelha-se ao som de uma trombeta”.¹³⁶ Colocar em tais termos pode até parecer um tanto descabido, mas a agonia e o arroubo nele consumados transportavam sim consigo algo de apocalíptico. Como uma verdadeira revelação, a potência da morte era naquele instante o seu renascimento e de algum modo ele assim já se fazia renascido, ainda que sob o risco iminente de não sair vivo. Tocava o extremo dos mundos, embora sem de fato penetrar nenhum a não ser aquele mundo delirante a esvaír-se no delírio: um mundo, uma *cidade-sem-ideal*, em todo caso somente acessível mediante a transubstanciação. Ora, ora; pois por mais que tudo isso o dispusesse frente à consumação secular de uma espécie de Juízo Final, ainda assim não se deve, em hipótese alguma, entendê-lo como mais um profeta, como mais um entre os portadores do evangelho soteriológico. Dos Santos não é um messias! Não há messias! Nunca houve; jamais haverá!

¹³⁶ TURGUÊNIEV, Ivan. *Diário de um homem supérfluo*. Op. cit., p. 29.

O messias é *aquela que apesar de esperado não vem*. Até muito pelo contrário, a propósito, trata-se de mais um entre aqueles a quem Cioran¹³⁷ tanto exortou, alheio a toda forma de fanatismo, apócrifo a qualquer forma de doutrina, *aquela que não espera nem é esperado*. Mesmo ante uma condenação teratológica, trata-se justamente daquele que não se rende à teratologia, trata-se de um antiniilista, daquele que não se rende nem a uma *arkhé* nem tampouco a um *télos*. É o *sem-origem* e o *sem-salvação*, o *sem-mundo*, aquele relegado a um mundo clandestino, a uma cidade clandestina, o deserdado por excelência. Para além dos flagelos, então, o que uma tal condição desvela é uma imperdável abrangência urbana de venturas; uma *cidade que jamais atingirá um depois*; uma *cidade de agoras*, afinal, cujo relampejar ameaça a humanidade muito mais por sua virtualidade do que, propriamente, por sua emergência fugaz. Ora, há aí muito do *fim da história* anti-hegeliano, ou melhor, essa *cidade-sem-ideal*, essa abrangência urbana aberta ao *instante*, ela mesma é o alhures imanente, ela mesma é o *fim da história* contra Hegel e contra Kojève. Pois com relação a um proscrito como Dos Santos, um antiniilista que no pulso da velocidade, como tantos outros, ao cabo acessa esse alhures, Hegel e Kojève não são mais que homens caquéticos. Perante Dos Santos em seu cotidiano voraz através das ruas, a quem sobretudo assim eles decerto não veriam com bons olhos, não passam de pensadores embotados, professores do senso comum deliberadamente elevado ao Absoluto. Pois Hegel e Kojève são pensadores demasiadamente idealistas, pensadores totalitários, pensadores gregários, pensadores de Estado, até mesmo pensadores que sequer contestariam quaisquer tentáculos do proto-Leviatã ecumênico, pensadores que de fato jamais maldisseram o estado de coisas; e, evidentemente, justamente por tudo isso, pensadores que decerto atacariam com veemência até mesmo o menor dos vislumbres, por mais tênue que seja, da *cidade-sem-ideal*.

Mas uma tal *cidade sem arkhé e sem télos* apesar de tudo está raiando; aliás, ela jamais cessou de reluzir, ainda que fugazmente, sob as mais atrozes obnubilações. E ela reluz assim, como sempre reluziu, de uma só e mesma forma afinal informe: ao mesmo tempo uma forma-anticidade e uma forma-anti-Estado. Com efeito, para falar como Deleuze e Guattari,¹³⁸ ao contrário de um tal reluzir, de uma tal incandescência, dir-se-ia que cidades e Estados perfazem distintos limares de consistência, embora cada vez mais intrincados entre si sob o jugo do “novo monstro”, sob o jugo capilarizado do capitalismo. De um lado, as

¹³⁷ Ver CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989 [1949].

¹³⁸ Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Op. cit.

idades, fenômenos de rede, de *transconsistência*. De outro lado, os Estados, fenômenos de centralização, de *intraconsistência*. Rede urbana e centralização estatal, *transconsistência* e *intraconsistência*, intrincando-se agora mediante uma reconstituição do *espaço estriado* e do *espaço liso*, um e outro, um no outro, portanto, implicando-se, reconfigurando-se de modo a incidir o intrincamento citadino-estatal por sobre toda a superfície terrestre, cerceando-a e circunscrevendo-a, numa intensidade jamais antes vista. É que a urbanização planetária já se realizou. É isso ao menos o que Lefebvre¹³⁹ já defendia desde 1989, muito antes do marco a partir do qual a população urbana viria de fato enfim mundialmente a suplantar a do campo. O que por sua vez não quer dizer, evidentemente, em hipótese alguma, que o planeta foi inteiramente loteado e ocupado, ou mesmo que as aglomerações se generalizaram absolutamente. O urbanismo e a forma de vida urbana vertidos de vez ao proto-Leviatã ecumênico é que se tornaram ubíquos. É exatamente como cantava Belchior: “Ah! Metrôpole violenta que extermina os miseráveis, negros párias, teus meninos! [...] Cai o Muro de Berlim – cai sobre ti, sobre mim, nova ordem mundial”.¹⁴⁰ Pois ninguém mais está alheio à esfera de influência predatória do capitalismo industrial urbano; ninguém mais está alheio a essa axiomática que fez nascer uma só e mesma cidade planetária que ameaça implodir todo o planeta, esta cidade dromológica da qual cada Estado não é mais que uma parte a ser depenada. E mesmo assim, apesar de tudo...; mesmo assim, afinal, quando consideramos o *instante*, o decurso do *instante*, quando o reluzir fugaz ao mesmo tempo anticidadino e antiestatal se desencadeia, por entre cada quarteirão, solapa-se o estatuto de um sujeito pensante universal, corrói-se o fundamento de uma totalidade englobante: não há mais nem forma-cidade nem forma-Estado, tampouco há ainda o intrincamento entre elas. Apenas o informe e a hiância assim é que procedem. A impessoalidade daquele que experiencia essa incandescência é que faz abrolhar a cada canto, por todos os lados, o *não-sujeito*. A impessoalidade é que inclusive o torna um *não-sujeito*, este que, como tal, só abrolha no *impossível*, evidenciando assim uma incandescência marcada pela alteridade, pela falência da personalidade. É esse mesmo o reluzir fugaz que convém ao sem-pátria, ao “filho da dádiva”, ao “herdeiro do futuro”, ao sem-paz, ao sacro, ao proscrito..., a Dos Santos em suas rotas catatônicas, enfim. Contra aquela filosofia política oficial que se fecha na figura identitária fundada numa mesma *arkhé* e num mesmo *télos*, a *cidade-sem-ideal* que

¹³⁹ Ver LEFEBVRE, Henri. Quand la ville se perd dans une métamorphose planétaire. *Le Monde Diplomatique*, Paris, n. 422, p. 16-17, mai.1989.

¹⁴⁰ BELCHIOR, Antônio Carlos. *Bahiuno*. São Paulo: Movieplay, 1993. 1 CD (4 min.).

ele e que tantos outros mais ou menos assim como ele perscrutam nos evidencia que ela não possui nem origem nem fim, ou então pelo menos que ela solapa a complementaridade entre origem e fim: gênese e apocalipse anulando-se assim um ao outro à medida mesma que ela vem à tona. É que ela emerge – e tão somente emerge – nas brumas. Trata-se de uma incandescência taciturna, de uma *cidade sem arkhé e sem télos* que assim se entronca, num ponto exemplar de intersecção, com aquela comunidade que a humanidade se obstina em suprimir, no fechamento de todas as fronteiras, ao intrincar, de muito bom grado, cidades e Estados. Daí a urgência desse reluzir fugaz ao mesmo tempo anticidadino e antiestatal não há muito obnubilado pelas pesadas nuvens da megalópolis mundialmente integrada. Daí a urgência do eterno retorno de uma tal incandescência: um raiar a incidir virtualmente, repetidas vezes, a qualquer instante e em qualquer lugar; um raiar que apela sempre à comunidade, justamente por isso ao mesmo tempo ainda apelando sempre a uma cidade impossível, quiçá até mesmo a um povo. Daí então, antes de mais, talvez o apelo a um povo impossível.

Epílogo ultraepistêmico ou prólogo atrofiado

O mar branco adormeceu,
E sobre ele há um veleiro púrpura.
Rochedos, figueiras, torre e porto,
Idílios em volta, balidos de ovelhas –
Inocência do Sul, acolha-me!

Andar passo a passo não é vida,
Pé ante pé torna alemão e pesado.
Eu pedi ao vento que me alçasse,
Aprendi com os pássaros a planar –
Voei para o Sul, por sobre o mar.

Razão! Aborrecida ocupação!
Muito depressa nos conduz à meta!
Voando percebi o que de mim zombava –
Já sinto ânimo, sangue e seiva
Para uma nova vida, um novo jogo...

Pensar sozinho, digo que é sábio,
Mas cantar sozinho – seria tolice!
Então ouçam uma canção em seu louvor
E sentem-se calados em círculo,
Passarinhos danados, ao meu redor!

FRIEDRICH NIETZSCHE,
“Prinz Vogelfrei”
[“Príncipe Vogelfrei”], 1882

A proscrição dos motoboys — *Vogelfrei*, palavra alemã que, ao pé da letra, pode ser traduzida como “livre-pássaro”. Por isso mesmo é que o seu significado original remetia a uma pessoa independente, ou “tão livre quanto um pássaro”; mas a partir do século XVI tornara-se um estigma, passando assim a designar aquela pessoa foragida, banida, fora-da-lei, em suma, o proscrito, aquele a quem uma pena legal de ilegalidade passava a ser imposta, devendo a partir de então seguir o seu próprio caminho, alheio às leis do mundo. A escolha de Nietzsche¹⁴¹ por esse termo, quando ele circunstancialmente resolve intitular o poema “Prinz Vogelfrei”, é já o indício de seu próprio alheamento, do quão ele mesmo já se sentia alheio à própria Lei e às leis em geral, sejam elas humanas, sejam elas divinas. Todavia é

¹⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Idyllen aus Messina*. *Internationale Monatschrift*, Chemnitz, v. 1, n. 5, p. 269-275, mai. 1882. “Príncipe Vogelfrei” (“Prinz Vogelfrei”) é o primeiro dos oito poemas que compuseram uma coletânea de Nietzsche, intitulada “Idílios de Messina” (“Idyllen aus Messina”), publicada em maio de 1882, numa revista de alinhamento antissemita, dirigida por seu editor na época, Ernst Schmeitzner, com quem a propósito mais tarde romperia todos os laços, eventualmente ainda o processando. Seis dos oito poemas foram acrescidos a outros oito, consubstanciando assim o “Apêndice” de *Gaia ciência*, já em 1887, sob o título “Canções do príncipe Vogelfrei” (“Lieder des Prinzen Vogelfrei”), quando da segunda edição do livro, incluindo o poema aqui citado, porém, com o seu título alterado para “No Sul” (“Im Süden”). Além de tudo isso, a sua ordem de aparição acabou sendo alterada, da primeira para terceira posição. Ver Idem. *Gaia ciência*. Op. cit., 2001.

ainda sobretudo um gesto solidário, um generoso aceno que ele faz à legião de proscritos, àqueles que jamais cessarão de existir à margem ou mesmo de assim serem socialmente relegados. Um gesto, não obstante, em última instância, ainda reportado a si mesmo, o “filósofo proscrito”, o qual antes de mais proscreevera-se entre os seus (entre os alemães, entre os filósofos, entre os humanos, demasiado humanos...); e tudo isso não sem antes suplicar o acolhimento ao longo de regiões longínquas, no Sul. E quais seriam, afinal, tais regiões meridionais concernentes à sua súplica? Quando escreveu “Prinz Vogelfrei”, na primavera de 1882, por exemplo, Nietzsche se achava na Sicília, onde permaneceu por três semanas, de 1º a 24 de abril, após ter chegado de Gênova; locais aos quais sem dúvida alguma no poema ele exortara como o Sul. Mesmo quando a sífilis não o havia acometido de maneira mais drástica, foi na direção de regiões como estas, a saber, regiões austrais ou mais ao sul que a sua súplica o conduzira, embora muito mais pelos exuberantes atributos da terra e do ar do que propriamente por quaisquer outros fatores sociais hospitaleiros. Não por acaso, foi justamente em Sils-Maria que escreveria ou ao menos conceberia alguns de seus mais notórios livros. O Sul era indubitavelmente a abrangência da fuga para a qual ele reiteradamente se destinara. Mas esse Sul, ao proscrito, àquele deveras banido do seio social, à todo e qualquer fora-da-lei humanamente constituído, em todo caso, para além de uma denotação, constitui também uma alegoria. Pois como ele mesmo escrevera, “um alemão entende o que *Elend* [miséria], *êlend* [calamidade], significava originalmente”,¹⁴² decerto remetendo-se assim ao sentido alcançado no término de uma evolução semântica iniciada a partir do vocábulo *ellende*, do alto-alemão antigo, na significação de *Ausland*, o “país estrangeiro” para onde se destinava o banido, o fora-da-lei, o proscrito.

Deveras, muito mais do que uma abrangência mensurável, O Sul de Nietzsche concerne a esse “país estrangeiro”, ao “fora”, a uma abrangência inóspita, exterior, mesmo que esta seja, frequentemente, ao mesmo tempo uma abrangência atinente à “terra natal”. O Sul tão exortado liricamente em seu poema concerne então a uma exterioridade, a uma abrangência miserável, calamitosa, mas ao longo da qual o proscrito sempre se embrenhou em perpétua fuga; concerne, afinal, à abrangência mesma ao longo da qual decorre a súplica, a única abrangência desde a noite dos tempos relegada àquele que guarda na carne a memória de sua malograda condição milenar. Trata-se de uma abrangência que não é, portanto, ao menos *a priori*, localizável, pois se trata de uma área cinzenta, de um “torrão elusivo de terra

¹⁴² Idem. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Op. cit. p. 45.

estrangeira”, o qual para legiões e legiões ascendentes de proscritos, não raro ainda hoje coincide com solo pátrio. A despeito de tantas e tantas outras legiões de proscritos hoje socialmente constituídos, é a esta mesma abrangência que os motoboys estão relegados. Abrangência tal que indica a relação política originária, aliás, pois muito mais originária que a *estraneidade* do estrangeiro é a *extrariedade* do proscrito, a sua condição de matável aonde quer que se encontre. É que entre os tantos e tantos matáveis hodiernos, os motoboys não são mais do que foi o sacralizável de outrora, o *homo sacer*, o homem sacro, ou simplesmente o sacro, essa figura do direito romano arcaico sobre a qual Agamben se debruçou, alçando-a ao corolário do pensamento político. Partindo das mesmas palavras que ele corroborou a partir de Festo, proferidas entre os anos 60 a 62 d.C., quando este ainda governava a província romana da Judeia, não seria de modo algum um disparate ainda hoje afirmar que sacro é, “portanto, aquele que o povo julgou por um delito, e não é lícito sacrificá-lo, mas quem o mata não será condenado por homicídio.”¹⁴³ Daí, não obstante, decorre afirmar: sacro não apenas era, é ainda aquele que se situa num cruzamento entre a insentenciabilidade e a insacrificabilidade: tanto o santo, ou o imaculado e venerado, quanto o infame, ou o maculado e execrado. Ei-lo, Dos Santos, até mesmo mediante o seu nome, o sacro. Sob essa acepção, por um lado, a sua morte não pode ser considerada um homicídio, já por outro, tampouco pode ser considerada um sacrilégio. Embora não incluído, adentra a lei humana, o *ius humanum*, tanto quanto a lei divina, o *ius divinum*, mas desde que na condição de excluído. Ora, a vítima de fato incluída no *ius divinum* é aquela cujo suplício se consuma no rito religioso; já a vítima de fato incluída no *ius humanum* é aquela cujo suplício se consuma mediante uma pena capital. Dir-se-ia, então, em ambos os casos, que se trata de um atributo o qual previamente a subtrai, retira a vítima das mãos do carrasco ao mesmo tempo que das mãos do sacerdote. Indigno de uma morte executada por ambos, ou tão somente por ambos, sacro seria, portanto, aquele cuja vida em hipótese alguma vem a ser extraída por eles.

As evidências de uma tal sacralidade, dessa dupla interdição ritual entre o profano e o sagrado, com efeito, hoje lançam luz sobre uma zona urbana cinzenta, destinada a um enorme contingente de matáveis. Sendo assim, ao menos no Ocidente, ou seja, ao longo de um mundo que se secularizou absolutamente, suprimindo o *ius divinum* e substituindo-o, no máximo, por uma religiosidade reificada e reificante, o sacro se tornou, no sentido de uma vida insentenciável e insacrificável, aquele que é excluído de toda e qualquer forma de

¹⁴³ FESTO, Pórcio apud AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Op. cit., p. 79.

reparação, até mesmo daquela concedia ao animal quando sacrificado, quando retirado do “estado de coisa”. Mas, por analogia, assim como a antiga interdição à ambos os ritos, a saber, ao rito humano e ao rito divino, socialmente, ao seu suplício, não se promove sequer uma honraria, não se chega ao porquê de qualquer tributo ou solenidade. Um tal grau de hostilidade, de beligerância, o qual provê sacralização de legiões e legiões de vidas humanas, como se faz notar, não é a exceção. Como se já não bastasse tantas e tantas ameaças, em meio a uma catástrofe pandêmica exasperante, as exigências insanas e cada vez mais desumanas dos aplicativos especializados no ramo de delivery, por exemplo, é o que corroborou a instauração da hostilidade ou da beligerância a um tal nível, sem precedentes, generalizando-a sobretudo para o malogro dos motoboys. Pois além de ter deixado cada um deles mais suscetível a integrar o contingente ascendente de contaminados pelo novo coronavírus, exponencializaram entre eles uma já recorrente propensão ao risco, estimulando a velocidade, chancelando a dromologia. Como num vórtice, cada um foi assim tragado pelos virtuais grilhões trabalhistas contemporâneos tecnicamente intensificados e aperfeiçoados mediante o uso massivo dos *smartphones*. Tomando-se como parâmetro os riscos que correm, estão hoje à mercê de relações muito mais anômalas ou monstruais do que aquelas enfrentadas pelo antigo proletário fabril: são, pois, o equivalente constitucional mais próximo do recém-alforriado colonial. Das tantas aproximações assinaláveis nessa analogia, há que se convir, uma se avulta com um teor desconcertante que, a propósito, caso se leve em conta a crença cega na marcha do progresso, culmina num teor estarrecedor: a vida de cada um é mais dispensável do que a de qualquer escravizado colonial outrora cativo, são facilmente substituíveis sem óbice algum, e sequer geram custos indenizatórios. Ante as mazelas contemporâneas, promovidas pelos *apps* vertidos ao ramo de delivery, referendadas pelos aparatos jurídicos, cada motoboy torna-se apenas um número, mera estatística enunciável nos noticiários acrílicos e coniventes, haja vista que, a cada morte, outras vidas não cessam de ser facilmente angariadas. De modo que, não raro, cada um acaba destinado à uma morte tal qual os animais quando miseravelmente reduzidos ao “estado de coisa”.

Sendo assim, no que concerne à estigmatização ou mesmo à tentativa de redução humana à pura animalidade, não menos do que quaisquer outros matáveis dos dias atuais, os motoboys também não são mais do que foi o *wargus*, o homem-lobo, também não são mais do que foi o *friedlos*, o sem-paz, essas figuras arcaicas de povos setentrionais sobre as quais Agamben ainda se deteve, traçando assim equivalências cabais com o *homo sacer*, com o sacro da antiguidade romana. Colocando a partir dos termos por ele instados ao endossar

Jhering, dir-se-ia então que “a antiguidade germânica e escandinava nos oferece, além de qualquer dúvida, um irmão do *homo sacer*”, quer seja no sem-paz, quer seja no homem-lobo “(*wargus, vargr*, o lobo, e, no sentido religioso, o lobo sagrado, *vargr y veum*).”¹⁴⁴ Com efeito, não obstante uma tal evocação religiosa, no que concerne à significação sagrada da vida relativa a tais sócias germânicos, em parte escandinavos, pode-se então facilmente inferir que o *ius divinum* não lhes lograva exatamente o mesmo êxito social logrado aos romanos que lhes foram coetâneos. Pois o bandido ou qualquer que fosse o vivente relegado a uma existência híbrida entre vida cultural e vida natural, era aquele que estava incluído no *ius humanum* sob a forma da reificação. Sob essa asserção ele só poderia mesmo lhes aparecer como o *friedlos*, como o sem-paz. Não era então por mero acaso que o antigo direito germânico partia do conceito de *fried*, no significado de paz, bem como, ao mesmo tempo, da marginalização dos desafortunados, da conseqüente exclusão que os apartava da comunidade em alguma medida já assimilada, admitamos, senão como a *Gemeinschaft* postulada por Tonnies, sobretudo como a *Volksgemeinschaft* tão conclamada por Heidegger e pelo próprio Hitler. Eis que sobre os mesmos pilares, ainda hoje se perpetua a discriminação do sem-paz e do homem-lobo, um e outro, um ou outro, ao cabo um só: o fruto maldito, o objeto da reificação social. Em decorrência desse anátema, a exemplo do sacro, a sua morte não é também hoje sequer considerada um homicídio, de modo que, tampouco, retira-o do “estado de coisa”. No sentido de uma vida insentenciável e reificável, o sem-paz então não apenas era, ele é aquele que ainda se situa num limiar de indiferença e de metamorfose incessante entre animal e homem, homem e animal, besta que se transforma em humano e humano que se torna besta. Um homem-lobo, em suma, uma criatura que frequenta ambos os mundos, o cultural e o animal, mas que não toma parte em nenhum.

Tendo então em vista a nossa hodierna égide secular, ou, caso se queira, a égide utilitária que nos é coeva, e segundo a acepção de vida insentenciável e reificável, em todo caso, adjacente à acepção de vida insentenciável e insacrificável, o homem-lobo, o sem-paz, o sacro, todos eles, afinal, também se interseccionam num só. Trata-se do proscrito, do *vogelfrei* assim constituído ao menos desde o crepúsculo gótico, daquele cujos “direitos de vida e de morte” hoje mais se assemelham à de um animal reservado ao abate. Ou seja, trata-se daquele que está apartado de todo e qualquer *ius*, seja ele um *ius humanum*, seja ele um *ius divinum*. Pois ao menos no que concerne ao animal destinado ao abate, isto é, para o

¹⁴⁴ JHERING, Rudolf von apud AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Op. cit., p. 111.

consumo, para a consumição (de modo algum para a consumação), uma diferença circunstancial é que sua carne não alcança valor de mercado, a não ser, é claro, por seus corpos à beira da putrefação e por isso ainda dissecáveis, ou até mesmo por seus órgãos ainda em perfusão e como tais transplantáveis. Corpos e órgãos os quais, por isso mesmo, não raro, adquirem valor de tráfico nos meandros entre a comercialização lícita e a clandestina. A esse propósito, Corgozinho e Montagner,¹⁴⁵ numa timorata investigação, colateralmente levantaram uma questão frente à qual, admitamos, as ruas não se distinguirão tanto do açougue ou de um matadouro. Tendo em vista uma reduzida amostragem composta por motociclistas de Ceilândia, no Distrito Federal, ambos puseram em pauta um questionário acerca da vulnerabilidade humana em razão do alto índice de acidentes motociclísticos. Entre o rol de questões sobre as quais eles se pautaram, uma delas versava exatamente acerca da forte relação existente entre os acidentes graves com motocicletas e a doação de órgãos. E no que tange precisamente às respostas obtidas, cerca de um terço dos entrevistados deixaram evidente que sim, além de levar tal relação em consideração, suplantando e muito o escopo do questionário em causa, havia algo com maior relevância que ainda os terrificava; a saber: a suscetibilidade ao tráfico de órgãos. Apesar de uma tal indicação, todavia, o que é mais surpreendente na redação dos autores é que, concernente ao tráfico de órgãos, os receios declarados pelos entrevistados aparecem uma só vez, simplesmente mencionados como um desvio de pauta, sequer são colocados em causa nalguma fração da análise empreendida. Pois bem, mesmo ante a tais traços negligenciados, bem como a despeito dos lacônicos dados estatísticos obtidos, o que daí se depreende de mais substancial corrobora desde já não apenas um mero indicativo, mas uma constatação irrefutável: os motociclistas em geral, mas os motoboys em particular, são aqueles que integram, sabem que integram, senão a maior, uma das maiores legiões hodiernas de proscritos ao longo das ruas. Dos Santos, a título de exemplo, sobretudo no curso de sua convalescença, tivera disso o mais vivo discernimento.

¹⁴⁵ Ver CORGOZINHO, Marcelo; MONTAGNER, Miguel. Vulnerabilidade humana no contexto do trânsito motociclístico. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 545-555, abr/jun. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/134796>>. Acesso em: 15 de mar. de 2020.

O soberano não é mais um rei:
ele está oculto nas grandes cidades,
ele se cerca de um silêncio.

GEORGES BATAILLE,
citato por Maurice Blanchot,
L'entretien infini
[*A conversa infinita*], 1986

Urbanismo e proscição urbana — O risco de morte exponencial entre os motoboys, a cada acidente, potencializa atrocidades escusas, se não efetivadas, então no mínimo fomentadas. E de tão horrendas, parecerão até mesmo inimagináveis. Dizendo à queima roupa e com exatidão, entre tantas outras atrocidades, trata-se da extração de seus órgãos a partir de mortes precipitadas, interrupções das atividades cerebrais forjadas como naturais, para tão logo se atestar as vítimas como mortas. Em casos assim, os quais excedem até mesmo os nebulosos limites constitucionais da conduta legal entre medicina e direito, o critério hoje observável para a declaração de morte, que é a morte cerebral, imprescindivelmente comprovável para se possibilitar a extração, acaba por ser dissimulado. E mais grave ainda, ao se dissimulá-lo, decorre um dolo, um homicídio, um assassinato é cometido. Nessa precisa instância lancinante da vida é que o médico sobrevém, analogamente, como um tirano, como um déspota, pois executa os “direitos de vida e de morte” alheios a quaisquer sentenças. Torna-se assim uma espécie limitada de absolutista, uma espécie limitada de totalitário, um “déspota institucional”, um “tirano institucional”, já que extrapola os questionáveis critérios estabelecidos entre o avanço dos recursos medicinais e o variar das decisões legais. Uma tal conduta que ao cabo equivale médico e açougueiro ao menos no que tange à atribuição de extrair e comercializar vísceras, com efeito, toma uma

só direção, mas não dispõe daqueles mesmos atributos, tão somente exercíveis por aquela figura monstrual, anômala, aglutinadora do poder estatal. A despeito do magarefe trivial que humanamente abate e esfola as reses no açougue ou no matadouro, o magarefe institucional, contra os seus pacientes, é portanto aquele que com as próprias mãos age movido pelo desejo leviatânico, embora sem exatamente deter as mesmas prerrogativas desumanas do “monstro estatal”. Assim como este, contra os seus pacientes, sim, por vezes ele se coloca fora da ordem jurídica normalmente vigente, mas, ao contrário de seu sócia absolutista ou totalitário, busca obliterar sua ação, pois não lhe cabe a decisão sobre se a Constituição pode ser suspensa *in toto*. Trata-se de uma teratologia institucional, de um poder bem aquém à teratologia estatal por exemplo postulada por Schmitt, o jurista membro do Partido Nazista a quem Agamben recorreu para elucidar o que nomeou como “paradoxo da soberania”.¹⁴⁶ A título de elucidação, ao menos nas prosélitas palavras do nazi-jurista alemão, diferentemente do magarefe institucional, o déspota, o tirano, o soberano afinal segundo ele seria aquele que coloca-se “fora da ordem jurídica normalmente vigente, porém a ela pertence, pois ele é competente para a decisão sobre se a Constituição pode ser suspensa *in toto*.”¹⁴⁷ Trata-se, pois, daquele que “se exclui incluindo-se” e vice-versa, ou seja, do “monstro congestivo”, do “anômalo contratual”, daquele que de bom grado marcha na direção da tirania e que, assim sendo, “apenas de imediato”, emerge como o *totalmente outro*, encontra-se *em congestão*, acrescentaria Bataille,¹⁴⁸ reinveste na homogeneidade de um modo ainda mais brutal: sanciona a decisão, *incluindo-se na Lei* sob a forma da exclusão, a um só passo *dela se excluindo* sob forma da inclusão. Ainda que por assimetria, eis a antinomia cabal ao “excluído dos excluídos”, eis uma contraposição ao motoboy, pois ante toda hostilidade, ante toda beligerância, ante a *guerra total* contra si, no que concerne ao seu estar-no-mundo, ao contrário do déspota ou do tirano, trata-se do “monstro dispersivo”, do “anômalo selvagem”, do proscrito, em suma, daquele que investe tão somente no heterogêneo e, “de fato”, emerge como o *totalmente outro*, encontra-se em *dispersão*: à sua revelia, *é excluído da Lei* sob a forma da inclusão, à medida mesma que *nela é incluído* sob a forma da exclusão.

¹⁴⁶ Ver AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Op. cit.

¹⁴⁷ SCHMITT, Carl. *Teologia política*. Tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006 [1922], p. 8.

¹⁴⁸ Ver BATAILLE, Georges. A estrutura psicológica do fascismo [1933]. *Remate de Males*, Campinas, v.41, n.1, p. 238-267, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8664633>>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

Ei-lo, então, o antípoda do Príncipe Vogelfrei. Colocando nos mesmos termos sob os quais Nietzsche se deteve, ao contrário de Schmitt, não para conclamá-lo, mas para combatê-lo, trata-se do “*indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois ‘autônomo’ e ‘moral’ se excluem)”, “o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode *fazer promessas*”,¹⁴⁹ o mais temerário entre os vaticinadores, dir-se-ia ainda, um Deus mortal, o profeta secular religiosamente legitimado. Um tal postulado da soberania, com efeito, proveio de doutrinas jurídicas somente consolidadas no século XVII, num último momento de discussão acerca do Estado na Idade Média, e ao seu vilipêndio, tal como Bataille o vilipendiou em *La souveraineté*, poderia aqui também ser melhor nomeado como postulado leviatânico. “A soberania de que falo pouco tem a ver com aquela dos Estados que o direito internacional define”, assim asseverou Bataille, e mais, trata-se, “em geral, de um aspecto oposto, na vida humana, ao aspecto servil ou subordinado.”¹⁵⁰ É que, conforme já se pôde ler na epígrafe há pouco supracitada, “o soberano não é mais um rei: ele está oculto nas grandes cidades, ele se cerca de um silêncio.”¹⁵¹ Ora, ora; como se pode facilmente notar, se para Bataille a soberania se distancia de um apelo constitucional o qual, justamente por isso, a bem da verdade pouco teria a ver com aquilo a que também se nomeia soberania popular, ela só poderia mesmo então ser remetida ao esplendor, a uma vida insubordinável e, como tal, muito menos ela ainda se haveria com o soberano de Hobbes, com o Leviatã, este arquétipo teratológico do Estado conclamado por Schmitt tanto quanto combatido por Nietzsche. Guarnecendo assim um postulado absolutista ou mesmo totalitário, segundo os termos de Bataille, portanto, menos soberano que despótico ou tirânico, o postulado leviatânico foi afinal o que legitimou o proeminente regime político coevo ao Barroco, o absolutismo, bem como ainda sorve regimes que acastelam a iniquidade de autocratas hodiernos, o totalitarismo. Em vista disso, ou, melhor dizendo, embora sorvida por flexibilizações jurídicas ainda ocasionadas por influxos despóticos ou tirânicos, poder-se-ia asseverar que sim, a medicina está limitada pela Constituição, ainda que esta seja, nos mais variados contextos vernaculares, bastante precária em sua forma de regulamentação. Pois apesar de tudo o fato é que as limitações jurídicas jamais deixaram de ser postas em xeque, ou então são ainda no mínimo alteradas, numa azáfama incessante, qualquer que venha a ser

¹⁴⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Op. cit., p. 45.

¹⁵⁰ BATAILLE, Georges. *La souveraineté*. Op. cit., p. 13.

¹⁵¹ Idem apud BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. Op. cit., p. 250.

a sua circunscrição nacional. É que pelo menos desde Hobbes, como há de se convir, as limitações jurídicas foram deslocadas numa proporção sem precedentes. Com efeito, trata-se do curso humanista do progresso do qual o capitalismo sobretudo agora se serve ainda mais fartamente. É justamente isto: um tal *deslocamento incessante dos consentimentos* há muito pautado pelo capitalismo, em suma, aquilo a que se costuma designar como política, visto que as demarcações da legalidade e da ilegalidade jamais foram fixas. Politicamente o que então não cessa de ser colocado em causa é um estatuo movente, aliás, tão movente como o é qualquer elemento no interior da cultura, e pelo menos desde a aurora do que se convencionou nomear como modernidade, mais alterável e mais deslocável, a depender dos regimes de reificação da vida.

Pois bem, emergente num tal limiar jurídico-medicinal ou mesmo jurídico-sanitário, entre legalidade e ilegalidade, o higienismo, ao diagnosticar corpos em escala populacional, foi justamente o ramo doutrinário que mais se destacou nas grandes reformas urbanas mundo afora, culminando na reificação generalizada de cada proscrito. Apesar de aplicada inescrupulosamente, e de modo generalizado desde sua emergência, uma vez no Brasil, essa doutrina só veio a ser instituída legalmente tempos depois, extemporaneamente, já num período ulterior às primeiras grandes reformas urbanas concretizadas nacionalmente. Ao promovê-la em terras digamos brasileiras, já de acordo com o Artigo 138 da Constituição de 16 de julho de 1934,¹⁵² o magarefe populacional, antonomásia para o sanitarista urbano, ainda que de modo ilocutório, acabou por ratificar não apenas a proscrição através das ruas, mas a conseqüente reificação de contingentes populacionais inteiros, entre as próprias alíneas da Lei, definidos como “venenos sociais”. O cidadão socialmente já proscrito no Brasil, segundo os parâmetros no mínimo de etnia e de classe, à época, passava então a ter a sua expurgação legalmente incentivada; exatamente o contrário ao que se afiançava na primeira alínea, embora em total consonância para com a eugenia de Galton¹⁵³ bem como, não obstante, para com a estigmatização social já existente, respectivamente na segunda e na última alíneas exortadas. Não é nada surpreendente, assim, que o higienismo, essa doutrina de cunho imunitário, pois ao cabo racista e elitista, ainda em meados do século XIX, tenha sido aquela sobre a qual o urbanismo não apenas se apoiou, além de endossar

¹⁵² BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 16 de julho de 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

¹⁵³ Ver GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Nova York: MacMillan and Co., 1883.

taxativamente poucas décadas depois ao também emergir, mas, em relação a ela, tenha também chegado ao ponto de se tornar inseparável. A figura histórica (por vezes meta-histórica) de Imhotep, o polímata egípcio considerado o primeiro arquiteto e médico da antiguidade, o qual serviu a Djoser, faraó da Terceira Dinastia, parece “quase” encontrar numa tal inseparabilidade moderna o seu duplo. “Quase” (pois não integralmente), entre tantas diferenças assinaláveis, justamente porque a atribuição imunitária do magarefe populacional, de modo análogo¹⁵⁴ à atribuição exercida pelo polímata no século XXVII a.C., sim, ainda tem gozado de certa proeminência social, mas não se reporta mais à uma figura aglutinadora do poder estatal tal como se reportara o seu “semiduplo milenar”. Trata-se, portanto, de uma atribuição inicialmente promovida por Cerdà,¹⁵⁵ que só poderia mesmo vir a ocorrer já tardiamente, e no Ocidente, pois possibilitada pelo influxo das Revoluções Burguesas e impulsionada pela consequente erosão do absolutismo. Só em seguida, via exportação é que veio então a abrolhar de modos os mais peculiares nas colônias e ex-colônias europeias mundo afora, sendo, ao mesmo tempo, importada e adaptada por governos de regimes diversos há muito independentes ou autônomos do Oriente. Mesmo com todas as interrupções ou desvios suportados no curso dessa diáspora injuntiva, o imunitarismo que ela ainda provê mantêm-se proeminente, simulando assim conjecturas científicas, embora sem jamais ter alcançado de fato nem mesmo a estatura de qualquer ciência. Muito pelo contrário, já em sua emergência, converteu-se em instrumento ideológico, apartou-se do rigor metodológico por meio do qual a própria medicina ao menos desde Vesalius¹⁵⁶ já havia se constituído cientificamente. Com efeito, no que concerne exatamente à medicina, nas palavras de Gil, ela se constituiu para que “*se constituísse o morto como cadáver* (sem vida, sem conotações sagradas), ao mesmo tempo que se

¹⁵⁴ Para além de uma analogia em relação à Imhotep, o magarefe populacional encontra mais uma alegoria, inclusive analogamente mais bem-acabada através de um personagem bizarro e anacrônico, homônimo ao polímata egípcio: trata-se do antagonista do filme *A múmia*, lançado em 1999. *Reboot* hollywoodiano, por sua vez homônimo a uma das primeiras produções da célebre franquia da Universal Studios, aberto a concessões, as mais diversas para cair nas graças do grande público afeito ao entretenimento compulsório dos gêneros de aventura, esse *mainstream* pouco expressivo e caricato faz a múmia de Imhotep ressurgir com vida durante a primeira metade do século XX. Tudo isso se passa no interior de um contexto feérico ambientado nas proximidades de Cairo, onde então o novo Imhotep ressurgiu com poderes míticos por meio dos quais as dez pragas do Egito são invocadas, não apenas para a desgraça de alguns personagens que a combatem, mas de toda a humanidade. Ver *A MÚMIA*. Direção: Stephen Sommers. Produção: Sean Daniel, James Jacks. Estados Unidos: Universal Pictures, 1999. 1 DVD (124 min.).

¹⁵⁵ Ver CERDÀ, Idelfons. *Teoría de la construcción de las ciudades*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1991 [1859].

¹⁵⁶ Ver VESALIUS, Andreas. *The fabric of the human body: an annotated translation of the 1543 and 1555 editions of “De humani corporis fabrica libri septem”*. Tradução de Daniel Garrison e Malcolm Hast. Basileia: S. Karger AG, 2013 [1543-1555].

deslocava a vida para a representação. Basta ver”, segundo ele, “os escorchados magníficos, cheios de vigor, das ilustrações de Vesalius”.¹⁵⁷ A despeito do próprio Vesalius tanto quanto de seu primado científico, portanto, somente três séculos à frente é que a atribuição do magarefe populacional então veio a se constituir, e como tal, ideologicamente, para que assim se *constituísse não o morto mas o matável como cadáver* (com vida, embora apenas com conotações reificáveis e sacralizáveis), ao mesmo tempo que já se passava a homogeneizar a vida exponencialmente, num estágio outrora jamais testemunhado, sem sequer alçá-la à representação, a não ser, é claro, falaciosamente, dissimuladamente, estatisticamente...

Sob o signo ideológico fundado na exponencial homogeneização da vida nas cidades, o método dos higienistas outrora prontamente aderido pelos urbanistas, apesar de suas atualizações, segue acastelando imunizações. Ora, a primazia interseccionada nessa adesão relacionada à saúde pública foi precisamente o que consolidou o advento dos instrumentos sanitários de proscricção, os quais desde então, ao serem implementados, tão logo justificariam e legitimariam as expurgações em massa. De maneira apodítica, ao implementá-los, cada magarefe populacional seguiu com a sua soberba afirmação autolegitimadora que obseda a vida alheia, quando não a mata, pois antes de mais a reifica. Eles assim no máximo travestem-se de homens da ciência. Na via das composições discursivas bem como através das intervenções efetivadas, estabeleceram uma espécie de jurisprudência teratológica, nas franjas da Constituição, alterável e deslocável ao bel prazer burguês. Sob um redingote científico, portanto, encontraram nos fatores técnicos da nascente estatística do século XIX, um dos mais importantes meios de legitimação. Sendo assim, à despeito da isonomia enquanto primado social, jamais operariam sequer com a relativa imparcialidade científica; privilegiaram desde sua emergência o interesse privado que os Estados-nações já haviam levado ao corolário das aspirações políticas. Seja como for, remanesce em tudo isso a sombra de uma matriz irrefutável. Pois ao menos no curso entre sua emergência e sua consolidação, a ciência não logrou exatamente o desatamento de seu liame com mecenato, instituindo-se de modo autônomo apenas aos poucos, paulatinamente libertando-se da tradição alquímica, da doutrina cristã, do ensino escolástico. E mesmo assim, ao desatar-se e especializar-se, desfrutando enfim do *status* independente que lhe foi outorgado ao menos inicialmente pelas oligarquias burguesas, em maior ou menor medida,

¹⁵⁷ GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. 2 ed. Tradução de Maria Cristina Menezes. Lisboa: Relógio D'Água, 1991, p. 139.

com uma autonomia quase que sem limitações, de fato à beira da imparcialização, em todo caso conservou em si um grão burguês ou no mínimo um tributo ideológico à burguesia. A ciência, seja como teoria seja como prática, de modo a exigir uma forma definitivamente liberada de ideologia, infelizmente mal se destaca. Há que se convir, a incontestabilidade de uma tal asserção pode ser facilmente averiguada, conforme salientou Blanchot,¹⁵⁸ bastando que observemos o horizonte de suas injunções, ou seja, o “regime de verdade” ainda fundado cientificamente. Admitamos, portanto, junto com Blanchot e, por que não, ao lado de Nietzsche,¹⁵⁹ que a ciência enquanto tal, imparcial, a ideológica, em sua acepção exuberante, ainda está por vir. Uma “gaia ciência”, afinal, ou um “saber vital”, alegre, o qual, ao avocar a odisseia do conhecimento, já no regaço de Penélope como que desabrochando de uma vez por todas há de abandonar a coação e a coerção da vida.

Então, no que tange àquela “ciência urbanizadora” iniciada por Cerdà,¹⁶⁰ ou ainda, caso se queira, no que tange ao que ele já havia nomeado como “urbanismo”,¹⁶¹ a diferença crucial em causa é que até mesmo uma relativa imparcialidade científica acabou por ser suprimida, e, como tal, por um substrato ideológico, quer seja mediante o higienismo propriamente dito de outrora, quer seja através de qualquer outra forma análoga mais ou menos imunitária dos dias atuais. Isso tão logo significa afiançar que, embora a episteme urbanística ainda permaneça imunitária, ela já não é mais higienista; ou ao menos se é, não o é tanto quanto já o fora; e, no fim das contas, enquanto cristalização epistêmica, é como se o urbanismo ainda perpetuasse a mesma primazia ideológica, só que, no mais das vezes, por meios análogos ou até mesmo dissimulados, menos recrudescidos, cujos *fins*, entretanto, salvo as “aberrações disciplinares”,¹⁶² ainda resultam demasiado semelhantes. A tal propósito, a propriedade privada, esse indemonstrável e inalienável axioma que segundo

¹⁵⁸ Ver BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. Op. cit.

¹⁵⁹ “‘Gaia ciência’: ou seja, as saturnais de um espírito que pacientemente resistiu a uma longa, terrível pressão – pacientemente, severa e friamente, sem sujeitar-se, mas sem ter esperança –, e que repentinamente é acometido pela esperança, pela esperança de saúde, pela embriaguez da convalescença.” NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia ciência*. Op. cit., p. 9.

¹⁶⁰ Ver CERDÀ, Idelfons. *Teoría general de la urbanización, y aplicación de sus principios y doctrinas a la reforma y ensanche de Barcelona*. Madrid: Imprenta Española, 1867 (tomos I e II).

¹⁶¹ Ver Idem. *Teoría de la construcción de las ciudades*. Op. cit.

¹⁶² A começar por Patrick Geddes, por exemplo, um entre os primeiros integrantes de uma seara não muito extensa, mas que ainda hoje persevera a partir ou mesmo dentro do campo disciplinar urbanístico, emergindo como aberrações ante a ideologia perpetrada, pois desvencilhados da maquinaria higienista bem como de qualquer outra maquinaria imunitária a se engendrar urbanisticamente. Ver GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*. Tradução de Maria José Ferreira de Castilho. Campinas: Papirus, 1994 [original de 1915, traduzido da versão editada por Jaqueline Tyrwhitt em 1949].

Magnavita¹⁶³ rege socialmente a rapina capitalista, ao atingir o mais elevado grau de intensificação e aperfeiçoamento imunizante, culmina agora na colonização urbana. Trata-se dos processos de gentrificação que há mais de meio século Glass¹⁶⁴ começara a denunciar, ou até mesmo pior, não raro, e por decorrência, trata-se ainda dos processos de autocircunscrição, dos enclaves urbanos elitizados legalmente preconcebidos, “cidades dentro de cidades”, verdadeiros oásis às voltas com o deserto citadino dos excretados. A coação e a coerção nesse ínterim sequer científicas, pois antes de mais ideológicas, são efetivamente concretizadas. Isso procede, sobretudo, nas adjacências em torno dos oásis condominiais neutrófilos, cercanias onde os processos de militarização em curso se instauram, verdadeiras fronteiras sob o comando do “novo monstro”, sob a “égide financeira da acumulação globalmente integrada” e que agora, por sua vez, não encontra mais nenhuma fronteira, reunindo os mais variados Estados-nações a seu serviço. Tudo o que é urbano acaba assim sendo usurpado para que as cidades ou no mínimo frações delas sejam tomadas como um dos maiores ativos mercadológicos, como a “mercadoria das mercadorias”. Sobremaneira ao longo dos países ex-colonizados como o Brasil, à medida que forças de segurança são empregadas em tais limiares, corporações multinacionais vêm tentando, em tácito conluio com as estratificações estatais, não apenas se precaver securitariamente, mas, com frequência, conforme a demonstração de Wacquant,¹⁶⁵ ainda lucrar ou no mínimo tirar proveito das tensões deliberadamente inflamadas. Eis uma entre as mais predatórias colonizações do século XXI: o neoliberalismo condominial e suas variáveis ora mais ora menos intensificadas, isto é, o neoliberalismo censitário, o neoliberalismo semicondominial. Além do mais, com relação aos constrangimentos desencadeados ao longo de tais limiares, quer dizer, ao longo de zonas civis ao menos em princípio não militarizadas, o que há de relativamente peculiar não é apenas a espoliação, mas também a expurgação, ou então as repressões lesivas: os consequentes assassinatos quando não até mesmo os genocídios. É justamente mediante esse imbróglio que os proscritos acabam cada vez mais relegados, cada vez mais encurralados, cada vez mais sitiados. Os motoboys, ou, caso se queira, Dos Santos, retornemos novamente a ele, por mais que seja aquele entre o quais a mão de obra não cessa

¹⁶³ Ver MAGNAVITA, Pasqualino. Planejamento urbano: tendências, ensino e questionamentos. *Revista VeraCidade*, Salvador, n. 1, p. 1-13, dez. 2006. Disponível em: <http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=3>. Acesso em: 03 de abr. de 2020.

¹⁶⁴ Ver GLASS, Ruth. *London: Aspects of change*. Londres: MacGibbon & Kee, 1964.

¹⁶⁵ Ver WACQUANT, Loïc. The militarization of urban marginality: lessons from the Brazilian metropolis. *International Political Sociology*, v. 2, n. 1, p. 56-74, mar. 2008. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ips/article-abstract/2/1/56/1788998>>. Acesso em: 17 de mar. de 2020.

de ser reivindicada para se perpetuar uma tal colonização urbana contemporânea, acha-se contudo cada vez mais enredado nas aleias sangrentas, nos corredores do terror onde retine o gume dos magarefes.

Há apenas duas posturas fundamentais do organismo. Na primeira, o organismo se curva de forma convexa, e afasta a boca do ânus. Na segunda, se curva de forma côncava, e aproxima a boca do ânus. A primeira postura é rígida, a articulação da tendência tanativa, da morte. A segunda é mole, articulação da tendência libidinosa, do amor. A primeira postura, “peito para frente”, é a postura militar, e reforça a câibra, a personalidade. É autoafirmativa. A segunda postura, a do coito, relaxa a câibra sob a forma do orgasmo. É autossacrificadora. A primeira postura é a da guerra, a segunda, a do amor. Toda reação política e social é fundada sobre a primeira postura, toda a revolução e toda a criatividade sobre a segunda postura. *Make love, not war.*

[...]

Ora, o que observamos na postura do *Vampyroteuthis* é que seu corpo se retorceu em forma côncava, e que a boca se aproximou do ânus até quase fundir-se com ele. É a postura libidinosa. E, com efeito, o *Vampyroteuthis* vive orgiasticamente. Mas é, não obstante, o mais “guerreiro” de todos [...]. *He makes both love and war.*

VILÉM FLUSSER,
Vampyroteuthis infernalis, 1987

Os motoboys e o “fora”: uma imersão barroca — Acuado, como numa cena de matadouro, sempre na iminência da autêntica carnificina, tal como o guerreiro ou como aquele que tem a guerra como a primazia de sua existência, cada motoboy parece e apenas parece suplantado, cada motoboy parece não ter futuro, reduzido à sua própria fúria que, num combate sempre perdido de antemão, ele volta contra si mesmo antes mesmo de voltá-la contra os seus algozes. Pois ele é, efetivamente, o condenado teratológico, mas é ainda, sobretudo, ao mesmo tempo, o excêntrico desviante, o acumulador de façanhas através das quais conduz a si mesmo resolutamente à transfiguração, isto é, à soberania e à morte sempre repletas de esplendor e de glória, tão logo desprovidas de poder. Pois ao avocar a velocidade pelas ruas, através da cidade dromológica, a despeito de todos os riscos, mantendo inexoráveis com isso a dispersão e a segmentaridade é que os motoboys põem em xeque a imunização que urbanamente os proscreeve. É justamente a guerra que os impede de arregimentar-se em formações gregárias. É a guerra que os previne, que os conduz ao esgarçamento da tentativa de fusão entre si, em pretensa comunhão. É a guerra que os faz perseverar no “fora”, na exterioridade. Tal é a fórmula de cada um em sua assertiva antiniilista: “uma sucessão de corridas loucas e de catatonias petrificadas, onde já não

subsiste qualquer inferioridade subjetiva”¹⁶⁶ Trata-se da mesma fórmula que Deleuze e Guattari atribuíram a Kleist,¹⁶⁷ ou, talvez melhor, aos seus personagens, tais como Pentesiléia ou Kohlhaas, por exemplo. Então justamente quando mais acuado, quando mais suplantado, tal como Pentesiléia ou Kohlhaas, quando enfim sentenciado ou ofendido é que cada motoboy se desvia da teratologia, assumindo de súbito “novas formas bélicas”. Tão logo assim transfigura a si mesmo e, por conseguinte, mediante sua transfiguração, promove a transubstanciação urbana, a transubstanciação da cidade que lhe concerne, afirmando com isso a sua irreduzibilidade, a sua exterioridade. É que bem assim cada um, enfim..., é bem assim que Dos Santos assume um estado de guerra assimétrico, isto que é o seu próprio estado-de-ser-no-mundo, assumindo o desvio como uma espécie de propedêutica para a transfiguração de si mesmo e, não obstante, ao mesmo tempo, também como espécie de propedêutica para transubstanciação da abrangência que lhe foi relegada. É que nesse ínterim ele então abre margem para a imbricação de todas as cidades transubstanciadas numa só e mesma cidade virtual, uma cidade na qual a cidade de cada um termina imbricada numa só e mesma cidade repleta de esplendor e de glória, uma cidade impossível..., uma cidade monádica, afinal.

Tomando já distância do empirismo bem como dos vícios dele inerentes, como é notório, uma opção que desde o início aqui se me impôs foi a de elencar não exatamente a condição urbana de qualquer motoboy, tampouco foi o impropério de elencar a de todos os motoboys, mas a condição urbana de um motoboy em particular como objeto; foi, portanto, a opção de imergir no estado-de-ser-no-mundo de Dos Santos. Pois considerando a realidade concreta do mundo, cada um de nós, tanto quanto cada motoboy em especial, espelha a cidade, assim como, além de nos espelhar a cada um, a cidade sobremaneira os espelha. O seu estado-de-ser-no-mundo, o seu estar-no-mundo, em suma, a sua guerra assimétrica, não obstante o estar-no-mundo de qualquer um, isto é, cada existência, cada *alma* neste mundo perfaz uma mônada. E se é que alguma peculiaridade pode ser aqui realçada é que a mônada concernente a um motoboy, ela é uma mônada eminentemente urbana, terminantemente urbana. Retomando a partir daí, junto com Deleuze, uma concepção de Leibniz, dir-se-ia então que “cada mônada, como unidade individual, inclui toda a série; assim, ela expressa o

¹⁶⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Op. cit., p. 18.

¹⁶⁷ Ver KLEIST, Bernd Heinrich Wilhelm von. *Pentesiléia*. Tradução de Jean Robert Weissaupt e Roberto Machado. [s.l.]: [s.n.], [s.d., original de 1808]. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/pentesileia_kleist.pdf>. Acesso em: 23 de nov. de 2022; Idem. *Michael Kohlhaas*. Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014 [1810].

mundo inteiro, mas não o faz *sem expressar mais claramente uma pequena região do mundo*”, *uma cidade*, “*um bairro da cidade, uma sequência finita.*” Um bairro, uma cidade, até mesmo todas as cidades do mundo, o mundo inteiro, tudo isso é “apenas uma virtualidade que só existe atualmente nas dobras da *alma* que o expressa, *alma* que opera desdobras interiores pelas quais ela”, a virtualidade, “dá a si própria uma representação do mundo incluída,”¹⁶⁸ dá a si própria uma mônada, afinal. Se, como tal, mediante a *alma* de um motoboy em particular, cada mônada conflui virtualmente em si o mundo inteiro, cada bairro, todas as cidades do mundo, então colocar em causa a “condição urbana de apenas um” é já, em maior ou menor medida, a depender da “condição de existência de cada um”, colocar em causa a “condição urbana de qualquer um”. Ou ainda, como diria Magnavita,¹⁶⁹ é então colocar em causa a condição urbana do anônimo, se bem que, nesse caso em específico, a do motoboy anônimo, pois na cidade de cada um está sobretudo imbricada a cidade de seus congêneres, sendo que, ao mesmo tempo, na cidade deles a cidade de cada um está sobretudo também imbricada. O anonimato de um motoboy em particular emerge justamente desta imbricação monádica que concerne à condição urbana de todos a partir de qualquer um. Ora, delineações como essas, que já delineia alguns contornos do sujeito ao se estipular melhor os contornos do objeto aqui em causa, antes de mais visam elidir os modelos apriorísticos, há muito arraigados no árido solo do “régio saber”, para na verdade nos havermos tão só com um “saber vital”, o qual avoque enfim a odisseia do conhecimento. Visam assim evitar que provenhamos ao lado de teorias dolosas demais, ainda hoje tacitamente evocadoras do cientificismo de Comte¹⁷⁰ e até mesmo do transcendentalismo de Kant.¹⁷¹ E, aliás, ainda mais importante, frente à tantos outros dolos teóricos também evocados, visam sobretudo evitar que provenhamos no intuito de explicar a existência de um ou de todos, ou mesmo de explicar a condição urbana concernente a qualquer motoboy.

Com efeito, ao embarcar rumo a uma tal odisseia, não houve o que ser explicado! Muito pelo contrário, à maneira de Flusser,¹⁷² quando ele decide então implicar-se na condição oceânica do *Vampyroteuthis*, provim aqui de modo a implicar-me na condição urbana de um motoboy em particular. Ora, ora; se ao implicar-se na condição oceânica do

¹⁶⁸ DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 2012 [1988], p. 45-49.

¹⁶⁹ Ver MAGNAVITA, Pasqualino. *Gestologia: breve ensaio sobre uma diferente teoria do gesto*. In: BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: Edufba, 2017.

¹⁷⁰ Ver COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. Tradução de José Arthur Giannotti. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [1830-1842].

¹⁷¹ Ver KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Op. cit.

¹⁷² Ver FLUSSER, Vilém. Op. cit.

Vampyroteuthis, este que segundo Flusser é o “outro do humano no fundo do mar”, o que veio à tona foi o “outro de nós mesmos num *habitat* vampyrotêuthico” (um fabuloso *habitat* que não é nem animal nem humano), ao implicar-me na condição urbana de um motoboy, um proscrito, este que é o “outro do humano ao longo da cidade”, o que aqui há de ter vindo à tona é o “outro de nós mesmos num *habitat* demasiadamente humano”. Para tal, na medida mesma em que também não pude imergir tal como um motoboy neste abismo que é a cidade, ou ao menos não o pude segundo o método fenomenológico, isto é, conforme a condição de existência concernente a qualquer um entre eles ao avocar a velocidade através das ruas, procurei fazê-lo segundo o método abduativo, ao abismar-me através de sua condição urbana, nela sim, sobremaneira, a um só tempo também imergindo ao nele imergir. Não se trata, portanto, de uma imersão que se pretendeu ir até ou mesmo na direção da inacessível profundidade do ser, ao imo indiscernível de um motoboy, já que assim uma tal imersão fracassaria de antemão, abdicaria de súbito daquilo que nos é aqui o mais caro. De modo que, se assim fosse, a dimensão de sua condição urbana sucumbiria, e, muito menos que nos atermos apenas à dimensão de sua condição de existência no mundo, insossos, ater-nos-íamos tão somente à sua intangível vacuidade ontológica. Trata-se, então, muito ao contrário, de uma imersão que antes buscou se engrançar ou se embrenhar nas suas “dobras”, “redobras”, “desdobras”, como que assim assumindo a forma de uma espiral que ao invés de fitar o sem-fundo de seu inacessível interior, incrustou-se na sua superfície de inscrição, revolvendo-se tão logo na direção do “fora”, rumo à exterioridade. Pois bem, um tal empenho assim já não seria assumir uma perspectiva metamórfica, anamórfica, em suma, barroca, talvez até mesmo neobarroca: o perspectivismo? Engrançar-se, embrenhar-se nas “dobras”, “redobras”, “desdobras” de uma tal *alma*, conduzindo-se ao “fora” ou à exterioridade, enfim, já não seria corroborar o mesmo perspectivismo desenlaçado entre Leibniz e Deleuze? Isto posto, para fazer jus ao estatuto metamórfico ou mesmo anamórfico do sujeito tanto quanto do objeto aqui em causa, torna-se indispensável mais uma explicitação: não há objeto que seja fixo, tampouco há sujeito que seja inerte; e isso não exatamente em decorrência de um enganoso primado efêmero do primeiro sobre o segundo, ou vice-versa, mas em decorrência de uma efemeridade recíproca na qual ambos, desde o início, já se encontram inexoravelmente coimplicados. Em suma, aqui o efêmero, o transitório, o mutável constituiu a condição de existência de Dos Santos tanto quanto me constituiu imergindo nela ao nele imergir.

Tanto mais inesperada deverá ter sido, em meio a tudo isso, a impressão provocada; pois ao enfatizar a condição urbana de um motoboy em particular, o objetivo aqui foi um só: evidenciar como não apenas ele, mas também qualquer um na mesma condição que a dele, ao invés de resignar-se ante a beligerância alheia, ante a hostilidade dos algozes, ao contrário, semeia a guerra, ainda que numa contraposição assimétrica à imunização. Com efeito, uma tal assimetria, um tal devir-leporino ocorre não exatamente pela negação do confronto ou pela ausência de combatividade, até mesmo porque a beligerância ou a hostilidade, isto é, a *guerra total* contra cada um é tamanha que os insta aos contra-ataques mais imediatos. Essa *imediatez leporina do revide*, contudo, ainda que componha ou que integre a *belicosidade vampyrotêutica* de cada um, de modo algum determina por completo o “combate desviante”. Os contra-ataques imediatos não passam de mais uma entre as tantas modalidades dos desvios através dos quais cada um persevera na vida até mesmo diante da morte. Isso, é claro, a não ser que os compreendamos, os desvios, quaisquer que sejam, já como contra-ataques. São os desvios, não por mero acaso, cada desvio, cada fuga, afinal, o próprio semear da guerra em assimetria, uma potência de desestabilização permanente. E se é, enfim, desviando, fugindo, assim já contra-atacando que eles então a semeiam, isso tão logo nos leva à constatação de que eles, ao contrário de seus algozes imunitários, não fazem guerra, embora tampouco a desprezem, pois antes a pressupõem virtualmente. É que mesmo na iminência de ser submetido às últimas consequências da sacralização ou da reificação, mesmo ante a confirmação da beligerância ou da hostilidade, da *guerra total* contra eles, ao menos por princípio, nem mesmo assim cada motoboy tende a tomar a guerra como objeto. Para falar como Deleuze e Guattari, dir-se-ia que, se um tal estar-no-mundo está em conformidade consigo mesmo, é porque cada motoboy refuta a guerra como um objeto, ou então é porque cada um assim a toma tanto mais necessária quanto apenas suplementária: eles “*só podem fazer a guerra se criam outra coisa ao mesmo tempo*, ainda que sejam novas relações sociais não orgânicas”¹⁷³ ou não gregárias. A bem da verdade eles assim então corroboram um “a-mais”, um suplemento, um desvio bélico ao mesmo tempo contra o fenômeno urbano e contra o fenômeno estatal. Desviando-se, em fuga, assumem a tarefa de combatê-los até o fim. Um combate errante contra as cidades e contra os Estados, justamente porque estes podem até coincidir coexistencialmente entre si, mas de modo algum se unificam num só “ente colossal”, ainda que hoje nos deparemos com ambos entrelaçados,

¹⁷³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Op. cit., p. 117.

cada vez mais intrincados mediante a dromologia. É que assimetricamente contra esse intrincamento colossal, ao invés de refutar a dromologia enquanto imperativo hipotético, a bem da verdade cada motoboy antes a converte em um imperativo categórico antikantiano.

Precisamente ao implicar-me num tal estar-no-mundo concernente a apenas um entre tantos, ou seja, ao implicar-me na condição urbana de um motoboy em particular, isso não significou que fui em sua garupa, nem sequer que durante um dado curso de tempo o espreitei de perto em seu cotidiano voraz. Até muito pelo contrário; já que assim o empirismo do qual propus de súbito me distanciar ao máximo acabaria arrombando as portas da implicação pretendida. Ora, implicar-me em seu estar-no-mundo, em seu combate, em sua condição urbana, não é o mesmo que implicar-me em sua experiência urbana, não é o mesmo que passar pela experiência concernente ao seu *granjeio bélico desviante*, não é o mesmo que experienciar o seu estar-no-mundo. Por isso mesmo, ao tomar distância de sua experiência urbana, ou mesmo, sobremaneira, já desimplicando-me de uma busca por testemunhá-la, tomando com isso uma certa distância também das minúcias factuais que a concernem, busquei conjugar o *senso de realidade* ao *senso de possibilidade*. Pois bem, sem tomar exatamente o partido do segundo em detrimento do primeiro, assim os distinguiu o narrador pelas mãos de Musil: “o *senso de possibilidade* pode ser definido como capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser, e não julgar que aquilo que é seja mais importante do que aquilo que não é,”¹⁷⁴ como é, a propósito, o caso do *senso de realidade*. Ao longo destas páginas, portanto, busquei não tomar partido em prol do primeiro em detrimento do segundo, e vice-versa, mas conjugar ambos, buscando pelo contrário confluí-los, *senso de realidade* e *senso de possibilidade*, tal como ainda se propôs Musil através de seu narrador. Eis também aqui o “senso para a realidade possível”. Tratou-se, então, de colocar em jogo um desejo de intervenção irrisignável ante a condição urbana de Dos Santos, ao cabo, o estar-no-mundo concernente a qualquer outro motoboy; um desejo de intervenção irrisignável perante uma condição urbana que me é, portanto, quase que absolutamente estranha. Em suma, tratou-se de uma criação motivada por um desejo de intervenção no mundo, um empenho que assim não temeu a realidade das ruas, que não a colocou à parte – tampouco assim colocando a parte o que raramente se costuma chamar de *real* –, mas que a tratou, sem pretensões hierarquizantes, ao mesmo tempo como missão e como invenção.

¹⁷⁴ MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021 [1930], p. 30.

Referências

- A MÚMIA. Direção: Stephen Sommers. Produção: Sean Daniel, James Jacks. Estados Unidos: Universal Pictures, 1999. 1 DVD (124 min.).
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- _____. *Pilatos e Jesus*. Tradução de Silvana de Gaspari. São Paulo: Boitempo Editorial; Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- _____. *A comunidade que vem*. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- _____. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGOSTINHO. Les confessions. In: _____. *Œuvres de saint Augustin*. Tradução de Francesca de E. Tréhorel e G. Bouisson. Paris: Desclée de Brouwer, 1962 (volume 14).
- ALPHAVILLE. Disponível em: <<https://www.alphavilleurbanismo.com.br/home>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago e outros textos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia Das Letras, 2017.

- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia Das Letras, 1989.
- ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Monica Stahel e Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 92.
- _____. *Heliogábalos, ou o anarquista coroado*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvim, 1967.
- BANFIELD, Edward. *The unheavenly city: the nature and future of our urban crisis*. Boston: Little and Brown, 1968.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- _____. Les larmes d'Éros. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1987 (tomo X), p. 573-627.
- _____. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- _____. La valeur d'usage de D.A.F. de Sade (I). In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970 (tomo II), p. 54-69.
- _____. A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Vincent Van Gogh. In: _____. *Documents*. Tradução de João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p. 229-246.
- _____. *A experiência interior: seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (suma ateológica, volume 1).
- _____. Théorie de la religion. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1974 (tomo VII).
- _____; KLOSSOWSKI, Pierre; MASSON, André; ROLLIN, Jean; WAHL, Jean. Nietzsche e os fascistas. *Acéphale, Paris*, n. 2, p. 1-34, jan. 1937.
- _____. *Sobre Nietzsche: vontade de chance: Seguido de Memorandum; A risada de Nietzsche; Discussão sobre o pecado; Zaratustra e o encantamento do jogo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (suma ateológica, volume 3).

_____. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. A estrutura psicológica do fascismo. *Remate de Males*, Campinas, v.41, n.1, p. 238-267, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8664633>>. Acesso em: 28 de out. de 2022.

_____. *La souveraineté*. Paris: Lignes, 2012 .

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECKETT, Samuel. *Molloy*. Tradução de Ana Helena Souza. 2 ed. São Paulo: Editora Globo, 2014.

BELCHIOR, Antônio Carlos. *Bahiuno*. São Paulo: Movieplay, 1993. 1 CD (4 min.).

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.

BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle. Das Theater im namen: Franz Kafkas "Teater von Oklahama". *Journal of the Kafka Society of America*, Nova York, v. 18 (1), p. 4-20, 1994.

BESS, Phillipe. Comunitarismo e emotivismo: duas visões antagônicas sobre ética e arquitetura. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução de Vera Pereira. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 402-415.

BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Tradução de Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

_____. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 2000.

BOULEZ, Pierre. *Penser la musique aujourd'hui*. Paris: Gonthier, 1963.

BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 16 de julho de 1934. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 7 ed. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

BURROUGHS, William. Os limites do controle. *Verve*, São Paulo, n. 39, p. 143-154, mar. 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/56573>>. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2022.

CARLA, Daniela. Motoboy esfaqueado após demora em entrega de pizza recebe alta e depõe em delegacia, no ES. *G1*, 31 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/03/31/motoboy-esfaqueado-apos-demora-em-entrega-de-pizza-recebe-alta-e-depoe-em-delegacia-no-es.ghtml>>. Acesso em: 03 de abr. de 2020.

CERDÀ, Idelfons. *Teoría de la construcción de las ciudades*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1991.

_____. *Teoría general de la urbanización, y aplicación de sus principios y doctrinas á la reforma y ensanche de Barcelona*. Madrid: Imprenta Española, 1867 (tomos I e II).

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. Tradução de Dafne Nascimento. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COETZEE, John Maxwell. *Vida e época de Michael K*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. Tradução de José Arthur Giannotti. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 [1830-1842].

CORGOZINHO, Marcelo; MONTAGNER, Miguel. Vulnerabilidade humana no contexto do trânsito motociclístico. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 545-555, abr/jun. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/134796>>. Acesso em: 15 de mar. de 2020.

- DA SILVA, José Cícero. “Foi uma chacina, uma chacina de verdade”, diz moradora de Paraisópolis. *Carta Capital*, 5 de dez. de 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/foi-uma-chacina-uma-chacina-de-verdade-diz-moradora-de-paraisopolis/>>. Acesso em: 18 de fev. de 2021.
- DALÍ, Salvador. *Sim ou a Paranoia – Método crítico-paranoico e outros textos*. Editora Artenova: Rio de Janeiro, 1974.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies por meio de seleção natural: ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1 – A imagem-movimento*. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- _____. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: _____. *Conversações, 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-226.
- _____. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papius, 2012.
- _____; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012 (volume 5).
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DRUMMOND, Washington. Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico. In: VILELA, B. *Muros: territórios compartilhados*. Salvador: [s.n.], 2013, p. 27-32.
- DUMAS, Georges. *Traité de psychologie*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1923 (tomos I e II).
- ESPÍRITO SANTO. Tribunal de Justiça. Procedimento Comum Cível n. 5002286-87.2022.8.08.0035. Apelante: Wesley Mendes dos Santos. Apelado: Rhuan Carlos Schimid. Vila Velha, 17 de mai. de 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/processos/517290531/processo-n-500XXXX-8720228080035-do-tjes?query_id=b2aeefd3-613b-4a60-a33a-600d92fcfb86>. Acesso em: 09 de jun. de 2022.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origem e destino da comunidade*. Tradução de Henrique Brigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.
- _____. A natureza humana depois do humanismo. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. *Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010 (volume 2), p. 230-249.

- FLUSSER, Vilém. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FOLHA de S. Paulo. 'Entregador Antifascista' critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa. YouTube, 24 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ttciccleoIg>>. Acesso em: 19 de mar. de 2022.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. Des espaces autres. *Architecture, Mouvement, Continuité*, Paris, n. 5, p. 46-49, out. 1984. Disponível em: <<https://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heteroTopia.fr/>>. Acesso em: 28 de jul. de 2021.
- GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Nova York: MacMillan and Co., 1883.
- GAUDEMAR, Jean-Paul de et. al. *Usines et ouvriers: figures du nouvel ordre productif*. Paris: Éditions Maspero, 1980.
- GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*. Tradução de Maria José Ferreira de Castilho. Campinas: Papyrus, 1994.
- GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. 2 ed. Tradução de Maria Cristina Menezes. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- GINSBORG, Paul. *A History of contemporary Italy: society and politics 1943-1988*. Londres: Penguin, 1990.
- GLASS, Ruth. *London: Aspects of change*. Londres: MacGibbon & Kee, 1964.
- GONTCHARÓV, Ivan. *Oblómov*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia de Eros*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora Vozes, 2012.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- JESI, Furio. *A última noite*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- _____. *L' accusa del sangue. La macchina mitologica antisemita*. Turim: Bollati Boringhieri, 2007.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.
- _____. *O desaparecido ou Amerika*. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- _____. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valerio Rocha e Udo Baldur Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KLEIST, Bernd Heinrich Wilhelm von. *Pentesiléia*. Tradução de Jean Robert Weisshaupt e Roberto Machado. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/pentesileia_kleist.pdf>. Acesso em: 23 de nov. de 2022.
- _____. *Michael Kohlhaas*. Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Tradução de Hortência S. Lencastre. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.
- KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto; EDUERJ, 2002.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista: seguido de o espírito do nacional-socialismo e o seu destino*. Tradução de Márcio Seligmann Silva. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- LEFEBVRE, Henri. Quand la ville se perd dans une métamorphose planétaire. *Le Monde Diplomatique*, Paris, n. 422, p. 16-17, mai.1989.
- LENZ, Jakob Michael Reinhold. Notas sobre o teatro. In: _____; GOETHE, J. W. *Notas sobre o teatro / Regras para atores*. Tradução de Fátima Saadi. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 27-61.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

- MACHADO, Leandro. A rotina de ameaças e expulsões de entregadores terceirizados do iFood. *BBC News Brasil*, 24 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53521791>> Acesso em: 19 de mar. de 2022.
- MACINTYRE, Alasdair. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.
- MAGNAVITA, Pasqualino. Planejamento urbano: tendências, ensino e questionamentos. *Revista VeraCidade*, Salvador, n. 1, p. 1-13, dez. 2006. Disponível em: <http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=3>. Acesso em: 03 de abr. de 2020.
- _____. Gestologia: breve ensaio sobre uma diferente teoria do gesto. In: BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: Edufba, 2017, p. 206-229.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova cultural, 1986 (volume 3).
- MATOS, Gregório de. Embarcado já o poeta para o seu degredo, e postos os olhos na sua ingrata pátria, lhe canta desde o mar as despedidas. In: _____. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010, p. 193-197.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021 (volume 1).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.
- _____. *Gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.
- _____. *Fragmentos póstumos (1875-1882)*. Tradução de Manuel Barrios e Jaime Aspiunza. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- _____. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

- _____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2017.
- _____. *Idyllen aus Messina*. *Internationale Monatschrift*, Chemnitz, v. 1, n. 5, p. 269-275, mai. 1882.
- OLIVEIRA, Ueber José de. Resgatando memórias de quem faz história: a ocupação e transformação da Região da Grande Terra Vermelha-ES. *Revista Urutágua*, Maringá, n. 30, p. 42-58, mai./out. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/21979>>. Acesso em: 19 de mar. de 2022.
- PESSOA, Augusto. Penitentes revivem fé popular. *Diário do Nordeste*, 22 de mar. de 2008. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/penitentes-revivem-fe-popular-1.658758>>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.
- PIVA, Roberto. *Paranoia*. São Paulo: Massao Ohno, 1963.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates: Críton*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 1989.
- _____. *Simpósio*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: Edufpa, 2011.
- _____. *Leis*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa, 1980.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. Tradução de Maria da Graça Macedo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019 [1933].
- _____. *Escute, zé-ninguém!* Tradução de Waldéa Barcellos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Londres: Wentworth Press, 2018 (volumes 1, 2 e 3).
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SCHMITT, Carl. *Teologia política*. Tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
- SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. *GEOUSP Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 15-31, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74046>>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.
- SOLJENÍTSYN, Aleksandr. *Arquipélago Gulag: Um experimento de investigação artística 1918-1956*. Tradução de Irineu Franco Perpetuo, Francisco de Araújo, Odomiro Fonseca e Rafael Bonavina. São Paulo: Carambaia, 2019.

- SOURIAU, Étienne. *Diferentes modos de existência*. Tradução de Walter Romero Menon Junior. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- SPENCER, Herbert. *The principles of biology*. Londres: Williams e Norgate, 1864 (volume 1).
- TADDEO, Carlos Eduardo. *A guerra não declarada na visão de um favelado*. São Paulo: [s.n], 2012.
- TAYLOR, Frederick. *Princípios de administração científica*. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020.
- THE CHARTER of the New Urbanism, 1996. Disponível em: <https://www.cnu.org/who-we-are/charter-new-urbanism?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft: Grundbegriffe der reinen Soziologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1979.
- TRAWNY, Peter. *Heidegger e o mito da conjuração judaica mundial*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- TURGUÊNIEV, Ivan. *Diário de um homem supérfluo*. Tradução de Samuel Junqueira. São Paulo: Editora 34, 2019.
- _____. *Pais e filhos*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.
- VESALIUS, Andreas. *The fabric of the human body: an annotated translation of the 1543 and 1555 editions of "De humani corporis fabrica libri septem"*. Tradução de Daniel Garrison e Malcolm Hast. Basileia: S. Karger AG, 2013.
- VIRILIO, Paul. *A velocidade de libertação*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- WACQUANT, Loïc. The militarization of urban marginality: lessons from the Brazilian metropolis. *International Political Sociology*, v. 2, n. 1, p. 56-74, mar. 2008. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ips/article-abstract/2/1/56/1788998>>. Acesso em: 17 de mar. de 2020.
- ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.